Como Viver -PARA- SempRe

BRUNA FONTES

*SE LIGA!



BRUNA
FONTES

Como Viver -PARA- Sempre

SE LIGA

Como Viver Para Sempre – Bruna Fontes
© 2022 Se Liga
Todos os direitos reservados

1ª Edição – Se Liga Editorial
Niterói – Outubro de 2022
ISBN: 978-65-85092-01-2



Editora chefe: Thati Machado

Capa: Vee

Edição: Carol Dias
Revisão: Carol Dias
Diagramação: Thati Machado



Dados Internacionais de Catalogação (CIP)
Fontes, Bruna
Como Viver Para Sempre / Bruna Fontes -- 1ª ed. – Rio de Janeiro, Brasil
ISBN: 978-65-996278-2-8 1.Literatura brasileira. 2. Literatura Infantojuvenil I.Título.

CDD – 808899282

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação dos autores. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito dos autores.

Sumário

 CAPÍTULO 1

 CAPÍTULO 2

 CAPÍTULO 3

 CAPÍTULO 4

 CAPÍTULO 5

 CAPÍTULO 6

 CAPÍTULO 7

 CAPÍTULO 8

 CAPÍTULO 9

 CAPÍTULO 10

 CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

EPÍLOGO



CAPÍTULO 1



Eu estava imóvel. Encarava o homem seminu de mármore à minha frente, também imóvel, com concentração. Fazia algum tempo que estava ali, observando as curvas do corpo dele como se quisesse desvendar os seus mistérios mais obscuros. Ele tinha uma expressão meio *triste*, como se estivesse sendo torturado; o que, a julgar pelo modo como seu torso estava contorcido, devia ser mesmo isso o que estava acontecendo.

Ele estava de pé, se virando para trás, porém o rosto encarava o que estava à sua frente como se estivesse fugindo de algo perturbador. Aquela não era exatamente minha estátua preferida no museu da Universidade de Ventura. Se fosse eu a professora, teria escolhido outra — mais precisamente a da mulher-anjo deitada perto dos banheiros do segundo andar.

Mas o homem torturado até que dava para o gasto.

Eu não sabia onde estava com a cabeça quando decidi puxar uma matéria eletiva da faculdade de Belas Artes naquele trimestre, começando março de 2022 já querendo que acabasse. Ok, sempre desenhei direitinho e gostava muito de fazer isso, mas estava anos-luz atrás do resto dos alunos da aula de *Arte em Movimento: A Fisicalidade do Corpo Humano* que, na minha ingenuidade, achei que estava apta a fazer.

— Quem mandou se achar a sabe-tudo — meu irmão, Amir, ironizou, quando comentei, desesperada, sobre a quantidade de trabalhos que teria que fazer. — Achou que
a faculdade de Artes seria moleza, né? Que vergonha.

Senti meu rosto arder pelo tapa na cara, pois era realmente um vexame. Justo eu, que defendia o fazer artístico como ninguém — por Deus, eu estava quase me formando em *História da Arte* —, achei que podia levar uma matéria de desenho na malandragem.

Era um comportamento inaceitável.

— Esse comportamento é inaceitável, Hanna — meu irmão repetiu meus pensamentos, como se pudesse ouvi-los. Ele tinha esse poder às vezes, o que era bastante irritante.

— Cala a boca — respondi de mau humor, sem querer dar o braço a torcer. Amir abriu o sorrisinho insuportável de quem sabe que está certo e voltou a beber café e trabalhar no seu computador, na bancada da cozinha onde ele geralmente ficava.

Eu odiava quando meu irmão estava certo e, infelizmente para mim, isso acontecia bastante. Porém ninguém podia negar que não havia pessoa mais determinada do que eu, que estava cem por cento comprometida em fazer aquela aula funcionar.

Motivo pelo qual acabei parando no museu da Universidade de Ventura em um sábado de manhã, tentando desenhar corretamente os traços de uma estátua de um homem aparentemente torturado tentando fugir do seu algoz — tal como eu me sentia por dentro, mas com relação à aula. Estava sentada no chão, como via muitos outros alunos fazerem quando visitavam o museu. Meus fones de ouvido tocavam no volume máximo a música de uma cantora brasileira que descobri no Spotify recentemente, e assim lá se foram duas horas do meu fim de semana.

Voltei para o mundo real quando meu celular vibrou por causa do alarme, me lembrando de ir encontrar meus amigos. Soltei um longo suspiro, alonguei a coluna e arrumei minhas coisas. Dei uma última olhada no homem torturado, a boina quase caindo da minha cabeça, e abri um sorriso.

— Não fica triste não porque eu volto.

Mandei um beijo para ele e dei meia-volta. Não tinha ido dirigindo, era dia de o meu irmão usar o carro que dividíamos, então decidi caminhar os vinte minutos entre o museu e o centrinho da cidade.

Era uma cidade pequena, que praticamente girava em torno da universidade e do seu passado, digamos, bastante *interessante* durante a Renascença, que trazia turistas de várias partes do mundo. Ela era considerada uma das maiores relíquias de Costa Malva, com praticamente todos os prédios do centro tombados como patrimônios históricos, e mesmo depois de quatro anos morando ali, eu ainda escondia um sorrisinho orgulhoso por poder chamar Ventura de casa.

Era tudo o que sempre quis desde minhas aulas de história no sexto ano.

Quando encontrei meus amigos, eles estavam em uma mesa na calçada da loja de boba (um chá com bolinhas comestíveis), onde geralmente gostávamos de sentar. Me joguei na cadeira vazia ao lado de Calebe e soltei um longo suspiro.

— Oi, gente. Minha cabeça parece que vai explodir.

Calebe me encarou, bebendo seu boba. Ele tirou o canudo da boca e disse:

— Você sabe que pode, sei lá, trancar a matéria se quiser, né?

Ele recentemente tinha pintado o cabelo de azul e odiado o resultado, mas não queria raspar tudo porque, segundo ele, sua cabeça tinha uma forma *horrível* de feijão, o que, para ele, era pior do que parecer um Smurf. O rapaz estava bastante sensível ultimamente, evitando todos os muitos contatinhos que tinha orgulhosamente armazenado ao longo dos anos e precisando do apoio das suas amigas mais próximas.

Eu o encarei como se ele tivesse dito a coisa mais absurda do mundo.

— *Jamais*. Nunca abandonei nenhuma matéria e não vou começar agora.

Louise revirou os olhos.

— Acho que você nunca disse nada mais nerd do que isso. Onde já se viu uma universitária que não tranca matéria?

Ela balançou a cabeça em negativa, movimentando também os enormes brincos em formato de casquinhas de sorvete, que se embrenharam entre seus cabelos negros e curtos.

— Eu não gosto da sensação de desistir — tentei me explicar, mas sabia que era em vão. Meus amigos apenas disseram “aham”, sem mudar de opinião sobre minha falta de consciência de classe.

— Amiga, tudo bem ser nerd, a gente te ama mesmo assim — Calebe garantiu.

— Sim, especialmente *hoje.* — Louise abriu um sorrisão, sem sequer tentar disfarçar a empolgação pelo que aconteceria naquele dia. Meu estômago se embrulhou e fiz uma careta de desgosto, sem compartilhar nem um pingo do sentimento da minha amiga.

— Já é hoje? — Calebe arregalou os olhos, perdido no calendário. — E você vai vestir o quê? Já sabe?

— Não acho que o que *eu* vou vestir importa muito — admiti. Afinal de contas, não era eu quem estava tentando impressionar. Deixei escapar uma risada ao pensar no meu irmão, ignorando meu incômodo pelo tópico da conversa. — O Amir, por outro lado, já me perguntou várias vezes se deve mesmo usar a camisa azul.

Louise riu também, enquanto mordia o canudo do seu boba, sem conseguir acreditar.

— Estava aí uma coisa que eu não sabia que era possível, o *Amir* ficar inseguro com alguma coisa.

— Ele tá mesmo apaixonado, né? — Calebe pousou o rosto na mão, me encarando com uma expressão sonhadora. — Também pudera, descolou o melhor partido da cidade inteira.

— Como se ele também não fosse perfeito. — Louise nunca disfarçou seu *crush* pelo meu irmão, o que só ficou ainda mais intenso ao longo dos anos justamente porque ele não dava a mínima bola para ela. Afinal, ela era uma mulher, e Amir, até onde eu sabia, era gay.

— Não, mas Louise… — Calebe se virou para nossa amiga, todo sério, como se fosse apresentar um trabalho da faculdade. — O Amir tá namorando nada mais, nada menos que o príncipe de Ventura. Ele transcendeu.

Dessa vez, até eu precisei concordar com Calebe, embora aquela situação me fizesse sentir como se estivesse em um universo paralelo, ao contrário da empolgação dos meus amigos. Era completamente chocante pensar que meu irmão mais velho estava *namorando* o herdeiro da família mais importante de Ventura. Ele não era príncipe de verdade e a família não tinha nenhum título de nobreza, mas, se Ventura era um centro artístico e histórico hoje, se Ventura era o lugar fascinante pelo qual me apaixonei antes mesmo de usar aparelho nos dentes, era graças à família Montserrat — que estava de encontro marcado para almoçar na *minha casa* em apenas algumas horas.

Amir. Eu. E os gêmeos Montserrat.

Não tinha como ficar mais estranho do que isso.

Neguei com a cabeça, não querendo pensar demais no assunto, mas era impossível. Nem meus amigos me deixavam esquecer a situação e era

melhor, então, fingir que não estava quase tendo uma crise só de pensar em ser a anfitriã de certas pessoas… Ainda mais depois de tudo que já aconteceu entre nós.

— Pelo menos eu estou proporcionando entretenimento pra vocês — falei, com amargura na voz. Louise me encarou com um olhar certeiro.

— Ah, *para*, ela não pode ser tão ruim assim.

Soltei uma risada de escárnio, pensando em como poderia refutar aquilo de milhares de maneiras diferentes, mas não sabia nem por onde começar a explicar meu ressentimento. Eu nunca, em toda minha vida, havia conhecido alguém tão *desagradável* quanto Sabina Montserrat, a irmã gêmea do atual namorado do meu irmão mais velho. E Louise sabia muito bem que eu tinha meus motivos para o ranço.

— Só espero que o *irmão* dela não seja tão ruim, senão vou precisar bater a cabeça do Amir na parede — declarei, com mais amargura ainda, disfarçada de ironia. — Ele nunca namorou antes. Se decidiu fazer isso agora com um cara insuportável, vou ficar puta da vida.

— Amiga, mas ele é um *Montserrat* — Calebe interveio, secretamente com raiva de mim por eu ter uma "oportunidade de ouro" nas mãos de me enturmar com a galerinha famosa da cidade e não estar animada. — Imagina as festas para as quais você vai ser convidada agora por causa da sua ligação com eles. Valha-me, Hanna, pensa um pouco! Se a gente não pode acabar com o nepotismo, então é melhor se juntar a ele. A regra é clara.

— É, pensa em você e não se esquece da gente — Louise concordou com cada palavra de Calebe, como se tivessem ensaiado aquele discursinho. — Porque eu quero ir em todas essas festas com você, amiga. E não aceito "não" como resposta.

— *Sim! — Calebe confirmou.*

Abri um sorrisinho, rendida pelo bom humor dos meus amigos. Calebe estava certo, era melhor se juntar aos seus inimigos se você não conseguia ir contra eles. Só não tinha muita certeza se eu, Hanna Massoud, estudante de História da Arte de 21 anos e nem um pouco paciente, era a pessoa certa para isso.



CAPÍTULO 2



Nunca imaginei que voltaria a morar com meu irmão desde que saímos da casa dos nossos pais anos atrás. Apesar de ele ser mais velho e ter ido para a faculdade quando eu ainda não tinha nem entrado no Ensino Médio, fui eu quem acabou saindo de casa primeiro. Nós crescemos em Toledo, a cidade onde ficava a maior universidade da Constança do Norte e onde nosso pai era professor de Matemática há quase trinta anos. A *última* coisa que eu queria era estudar em Toledo, por melhor que a universidade fosse, porque, quando você cresce em uma cidade universitária, já não aguenta mais ouvir falar dela ao chegar a sua hora de escolher para onde ir.

Meu irmão, por outro lado, não teve esse problema e, com muito orgulho, decidiu se tornar um aluno da Universidade de Toledo, deixando nosso pai mais orgulhoso ainda. Com isso, ele passou todos os cinco anos da graduação morando em casa, assim como alguns dos seus amigos do colégio fizeram também. Eu, por outro lado, sempre sonhei em ir para Ventura, em Constança do Sul, conhecido por ser o único condado na ilha de Costa Malva que praticamente não tinha litoral. Constança do Sul era a pobre esnobada pelo resto do país e só não caía completamente no esquecimento por causa da importância histórica de Ventura.

Sair de Ventura para desbravar o resto do condado era como deixar para trás a civilização e se perder nos confins das terras onde Judas perdeu as botas. O conceito de cidade pequena sequer existia porque *todas* as cidades eram pequenas, o que era uma piada recorrente sobre o condado. Constança do Sul era uma área agrícola e cheia de paisagens que não chegavam a ser estonteantes, mas tinham uma beleza que, para mim, era muito aconchegante e aquecia o coração como uma boa xícara de chá com bolo de vó. Era algo que eu entendia, que me fazia sentir parte, em vez de apenas hipnotizar. Havia muitos lagos e árvores altas, com invernos amenos e secos, verões quentes, primaveras floridas e outonos extremamente

alaranjados. Havia muitas áreas montanhosas também e um céu que estava sempre azul.

Eu até entendia o estranhamento das pessoas que chegavam aqui vindas de cidades grandes como a capital ou Valência, mas onde cresci não era tão diferente assim.

— Você tem certeza de que essa camisa não me faz parecer um esquerdomacho tentando impressionar? — Amir perguntou, entrando no meu quarto sem pedir permissão.

Eu estava deitada na cama e desviei o olhar do meu celular para fitá-lo.

— É a trigésima vez que você me pergunta isso, o que quer que eu responda? — Eu já estava perdendo a paciência com essa insegurança dele. O que só me fazia crer que ele *realmente* estava levando a sério o relacionamento com Karim Montserrat.

Fiz uma careta enquanto ele se admirava no meu espelho. A camisa não tinha nada demais. Era de botões e mangas curtas, em um tom azul-cobalto que combinava com a pele castanha do meu irmão. Nós tínhamos puxado traços da nossa mãe indiana e do nosso pai negro, e o tom escuro da nossa pele combinava com a camisa azul.

— Você só não tá acostumado a se vestir assim, só isso — falei, usando minha vasta sabedoria sobre Amir Massoud. Franzi o cenho. — Aliás, *por que* você tá se vestindo assim? Não me diz que o herdeiro reclamou do seu guarda-roupa e agora está querendo impor como você deve se vestir?

Amir revirou os olhos.

— Você precisa mudar o disco, Hanna. Nem tudo se resume à família do Karim.

Soltei uma risada de escárnio e voltei a mexer no celular.

— Aí é que você se engana. *Tudo* se resume à família dele nessa cidade, e se você tá ignorando isso é porque tá fora de si.

Caidinho de amor, como diria o Calebe. O que me fazia querer vomitar.

Não era que eu tivesse algo contra os Montserrat especificamente, mas tinha tudo contra herdeiros de famílias de dinheiro antigo cujo prestígio conseguia fazê-los terem o que quisessem de mão beijada. Os Montserrat nem eram mais tão ricos hoje em dia quanto já foram, mas ainda assim a

cidade inteira lambia o chão que pisavam porque eram os patronos de tudo que Ventura se tornou.

Eu mesma já fui uma dessas pessoas.

Até Sabina Montserrat mudar completamente minha opinião.

Amir, por outro lado, não estava nem aí para nada disso, o que me deixava bastante irritada. Ele tinha chegado *ontem* na cidade e já achava que podia fazer o que bem entendesse, ignorando completamente tudo que eu, que morei aqui pelos últimos quatro anos, tinha a dizer. Eu, que tinha escolhido Ventura antes mesmo de saber o que exatamente estudaria e que tinha encontrado nessa cidade o refúgio que sempre procurei. Constança do Sul até poderia me fazer sentir em casa pelas paisagens e pela vida provinciana, mas em Ventura foi a primeira vez em que encontrei pessoas que eram iguais a mim. Foi a primeira vez que encontrei a minha tribo, não porque éramos amigos desde que nos entendemos por gente, mas por causa dos nossos interesses em comum.

Ventura era o meu universo particular e atemporal que Amir tinha invadido sem pedir licença.

— Sabe, achei que, de todas as pessoas, você seria a mais empolgada por poder sentar pra conversar com os Montserrat, achei que fosse ter um caderno inteiro de perguntas pra fazer a eles.

Ah, não.

Deixei meu celular de lado e respirei fundo, deitada na cama, sem acreditar que *meu próprio irmão* foi tão baixo em usar aquilo contra mim.

Não era preciso me conhecer muito para saber que a maior obsessão da minha vida era Emanuel Vicenzo, o maior pintor e artista plástico que já existiu em Costa Malva. O autor do quadro *Sombras em veludo*, uma das obras mais conhecidas do mundo, um marco do Renascimento e na história do nosso país, o resultado do talento de um homem *genial*.

Amir, sendo meu irmão mais velho, já me ouviu proferir meu amor por Vicenzo diversas vezes e sobre como eu queria estudar no mesmo lugar em que ele viveu. Sobre como queria fazer parte da Universidade de Ventura, fundada pelos Montserrat quinhentos anos atrás como a primeira escola de arte de Costa Malva. Foram os Montserrat que trouxeram todos os milhares de pintores, escultores e escritores para Ventura na época e fizeram a cidade ser conhecida como um Oásis artístico, fervilhando de novas ideias e tendências. Foram eles que patrocinaram pessoas como Vicenzo,

permitindo que criassem sem morrer de fome, e espalhando sua genialidade também na estética e na arquitetura da cidade.

Se Ventura era o que era, foi porque os Montserrat fizeram dela o que os Medici fizeram em Florença, na Itália. E Emanuel Vicenzo se tornou o nosso Michelangelo.

Emanuel Vicenzo que, em seu quadro de maior sucesso, pintou sua amante e o amor da sua vida, que era nada mais, nada menos do que um membro da família Montserrat.

Sim, era impossível separar Ventura dos Montserrat e de Emanuel Vicenzo. Eles eram o pai, o filho e o espírito santo, intrincados um no outro como a santíssima trindade da arte costa-malvina. E eu, uma reles mortal e entusiasta de tudo o que tinha a ver com Vicenzo, admirava a história da família.

Mas não quem eles eram no século XXI.

— Se você acha que meus gostos pessoais vão me fazer simpatizar mais com seu namoradinho, está profundamente enganado, Amir — falei com mais agressividade do que pretendia. Eu só simplesmente *odiava* o quanto ele não levava minhas escolhas a sério e me fazia parecer uma criança boba quando falava do meu objeto de estudo dessa maneira. Sentei na cama, com uma expressão raivosa e acusatória. — Eu já tive a oportunidade de conversar com os Montserrat e eles não sabem nada que eu e qualquer estudioso no meu campo de pesquisa não saibamos também.

Amir suspirou, pois era isso o que ele fazia quando achava que eu estava sendo dramática.

— Não foi isso o que eu quis dizer — tentou consertar. — Mas ao menos você tem algo em comum com eles.

— Não tenho nada em comum com essa gente.

Amir jogou as mãos para o alto.

— Ok, eu desisto, Hanna. Se você quer continuar odiando o Karim e toda a família dele até a quinta geração, então continue. Mas eles vão chegar aqui em quinze minutos de qualquer maneira e só espero que você seja pelo menos *educada*.

Ele saiu do meu quarto antes que eu pudesse rebater. Soltei um grito abafado e me joguei na cama de novo, me sentindo uma criança birrenta. Amir tinha a incrível capacidade de ser condescendente sem nem perceber, e só me deixava querendo fazer picadinho dele.

Amir sempre achava que sabia de tudo o tempo todo. Tente crescer com um irmão mais velho que sempre foi o garoto-propaganda da perfeição e me diga se você também não acabaria se tornando a maior nerd para tentar competir, nem que fosse um pouquinho. A única pessoa que me entendia nessa era o Bahij, nosso irmão mais novo de dezesseis anos, que também sabia como era viver na sombra de Amir Massoud, O Grande. Que agora tinha inclusive encontrado uma maneira de se infiltrar na família mais importante da cidade que *eu* amava.

Respirei fundo, tentando impedir que aquele ressentimento me contaminasse demais. Eu tinha muitos sentimentos conflitantes a respeito do que estava acontecendo, mas resolvi engolir tudo, porque de jeito nenhum causaria uma cena.

Só precisava lidar com os gêmeos Montserrat por uma noite.

— Eles chegaram! — meu irmão gritou lá da sala.

Seria, com toda certeza, uma noite longa.

 CAPÍTULO 3 

Era completamente absurda a realidade de que os gêmeos Montserrat estavam sentados na mesa de jantar da minha casa, comendo o tradicional frango *tikka masala* e *palak paneer* (um prato feito com espinafre e queijo *paneer*) que meu irmão sabia fazer tão bem quanto minha mãe.

— Então desde quando você mora aqui? — Sabina Montserrat perguntou, brincando com o garfo em um pedaço de frango. — Você não fez a graduação aqui, fez?

Amir negou com a cabeça, com um sorriso simpático. Agora que os gêmeos já estavam aqui, tinha recuperado toda sua confiança. Ele tinha essa personalidade tranquila, como se estivesse sempre confortável debaixo da própria pele, algo muito distante da minha realidade.

Tinha também o fato de que meu irmão se iluminou como uma árvore de Natal no momento em que viu Karim. Parecia um adolescente vendo seu *crush* chegar, todo borbulhante e cheio de risadinhas que me fizeram encará-lo como se eu não fizesse ideia de quem era aquela pessoa. *Meu Deus.*

Karim era facilmente uma das pessoas mais descoladas que eu conhecia. Ele tinha o cabelo castanho-claro repartido no meio como o de um astro de K-pop, o que eu achava que era proposital, e usava um brinco de argola em uma orelha só. Vestia uma camisa de seda aberta até o peitoral e tinha aquela energia de fanfarrão que te fazia crer que, se você colasse com ele, teria a melhor noite da sua
vida — o que eu não sabia se era verdade.

Ele era alguns centímetros mais alto do que Amir e fiquei completamente chocada quando a primeira coisa que fez quando botou os pés na minha casa foi segurar meu irmão pelo rosto e lhe tascar um beijo. Meus olhos saltaram do rosto, sem acreditar no que eu estava vendo, mas o mais chocante ainda era o que estava por vir.

Sabina Montserrat.

Ela, um pouco atrás do irmão, fez uma careta de nojo debochado quando Karim fez sua grande entrada dramática. Eles eram gêmeos, mas não se pareciam muito. Os longos e espessos cabelos de Sabina estavam presos em um rabo de cavalo, sua marca registrada, e os enormes olhos dela no mesmo tom de castanho-escuro observavam tudo com minúcia. Ela era magra e elegante, parecendo ser exatamente a menina malvada e esnobe que eu sabia que era. Sua outra marca registrada, as sobrancelhas grossas e escuras, permaneceram inexpressivas enquanto ela ficava parada ali na porta de entrada da minha casa como um objeto que foi posto no lugar errado.

Sabina tinha a capacidade de fazer qualquer um se sentir deslocado na sua presença imponente de superioridade. A última coisa que eu esperava era que ela um dia estaria comendo *tikka masala* na mesma mesa que eu enquanto jogava conversa fora com meu irmão.

— Eu resolvi fazer mestrado aqui — Amir explicou. — Quando as aulas voltaram a ser presenciais, no início do ano passado, eu e a Hanna fomos morar juntos. Ela já morava aqui em uma república, mas fez mais sentido pra gente alugar algo juntos.

Sabina, que estava sentada de frente para mim, me encarou pela primeira vez desde que nos sentamos. Ela não disse nada, mas aquele simples olhar foi o que bastou para fazer meu rosto arder em uma combinação de constrangimento e raiva.

Ela logo desviou, como se não valesse a pena prestar atenção em mim por muito tempo.

— Karim me disse que você é biólogo — continuou a conversa. Então soltou uma risada de escárnio e encarou o irmão. — Na verdade, ele me disse primeiro que você estudava *dinossauros*.

— Ei, dinossauros são répteis — Karim se defendeu, apontando o garfo para a irmã.

— Sim, mas dinossauros estão *mortos* — Sabina rebateu. — Acho que o Amir dá preferência a estudar os répteis que estão vivos.

Amir soltou uma risada seca.

— Basicamente. Mas eu tive uma fase doida por dinossauros quando era criança.

Coloquei um frango na boca para evitar dizer qualquer coisa quando os comentários sobre a Fase Dinossauro do Amir vieram na ponta da minha

língua. Ele devia ter uns onze ou doze anos, então eu, que era quatro anos mais nova, conseguia me lembrar. Mas não sabia como me sentia em compartilhar momentos constrangedores da vida do meu irmão com esses dois.

Eu os analisava em silêncio, enquanto a conversa corria sobre coisas triviais, basicamente Sabina e Amir fazendo perguntas um sobre o outro. Não gostei de ver o quanto ele estava se dando bem com ela e, pior, o quanto *ela* estava sendo simpática, como se não fosse a patricinha mais rude e esnobe que já pisou nessa cidade inteira. Eu não sabia qual era o jogo dela, talvez só estivesse fingindo que suportava jantar conosco, reles mortais, porque o irmão pediu. Dentre os dois, ele sempre foi o mais acessível, embora ambos fossem igualmente populares.

— E você, Hanna, o que estuda? — Karim me perguntou, de repente.

Abri a boca para responder, mas pausei por um segundo, pensando na primeira vez em que eu e Sabina conversamos antes daquela noite. Quando minha inimizade com ela começou e eu não via como poderia terminar, nem mesmo por causa do Amir.

— Estudo História da Arte — respondi por fim, sem olhar para Sabina, porém senti seu olhar queimando em meu rosto. Coloquei uma garfada de *palak paneer* na boca para mantê-la ocupada.

— Hanna é completamente obcecada pelo Emanuel Vicenzo — Amir contou, como se fosse algo divertido. — O sonho da vida dela é descobrir os quadros perdidos dele.

Eu o fitei como um sinal de advertência, pois a última coisa que queria era falar sobre isso com os gêmeos. Mas Amir obviamente usou a primeira brecha que encontrou para plantar o tal do assunto que ele achava que eu tinha em comum com aqueles dois.

Ah, se ele soubesse!

Karim, pelo menos, pareceu interessado.

— Sério? E você tem alguma pista boa? Muita gente já tentou encontrar esses quadros, só eu sei a quantidade de pessoas que já tentaram invadir a minha casa através do museu — ele disse, de um jeito divertido, como se não fosse uma situação completamente aterrorizante.

Os gêmeos moravam na ala residencial do castelo dos Montserrat, cuja maior parte tinha sido vendida para a prefeitura e transformada em um

museu. O castelo era cheio de passagens secretas e salas escondidas, e rezava a lenda que os quadros de Vicenzo estavam escondidos até hoje em uma dessas passagens, esquecida com o passar do tempo. Rezava a lenda também, que provavelmente ela ficava na ala residencial do castelo, não no museu, e vira e mexe surgia uma notícia de que outro aluno da Universidade de Ventura ou outro turista ultrapassara os limites do museu em busca dos quadros.

Abri minha boca para falar, mas fui interrompida por Sabina.

— Esses quadros nunca vão ser achados — ela disse, taxativa. — Eles provavelmente estão no fundo do oceano ou foram queimados em algum dos incêndios que eram comuns na época.

Pela primeira vez naquela noite, eu a encarei de frente.

— Bom, mas existem muitas evidências de que nenhuma das obras de Vicenzo se perdeu nos incêndios de que temos notícia — falei, colocando a Hanna Historiadora para jogo. — E, mesmo se os quadros estiverem no oceano, ainda podem ser encontrados.

— E pra quê? — ela questionou, sem se intimidar. — Pra fazer quem quer que o encontre ficar muito rico às custas do Vicenzo?

Fechei a boca, entendendo exatamente onde ela estava querendo chegar. Como ela ousava me insultar dentro da minha própria casa era o que me deixava mais indignada. Porém, não surpresa. Senti algo se remexer dentro de mim, uma sensação de *déjà vu* com o dedo de Sabina cutucando onde eu não era capaz de ignorar.

— Nem tudo que se faz é por dinheiro — respondi. — As pessoas têm outras motivações além de ficarem ou permanecerem ricas.

Dado pelo modo como o olhar dela brilhou, Sabina também entendeu minha falta de sutileza. Afinal de contas, era a família dela quem tentava a todo custo tirar leite de pedra da fortuna que foram perdendo ao longo dos anos. Eles ainda eram ricos, mas não como antes, e todo mundo sabia que fariam de tudo para não perderem ainda mais. Os Montserrat do passado eram icônicos por serem visionários e engajados em transformar o mundo em um lugar mágico, porém os da atualidade eram apenas abutres gananciosos.

— Eu acho que seria *top* se encontrassem os quadros — Karim disse, amenizando um pouco a tensão que surgiu. Sabina desviou o olhar

para encarar o irmão e eu dei um gole na minha água, sem retribuir o olhar de advertência do Amir ao meu lado.

— Talvez os quadros estejam escondidos por um motivo — meu irmão disse, também em tom apaziguador. — Quem quer que os tenha guardado pode ter feito isso com uma razão.

— Ou talvez esses quadros sejam pura lenda — Sabina acrescentou, com um tom de desdém que fez minha pele se contorcer.

— Hanna, se um dia você encontrar, diz pra gente primeiro antes de ficar famosa. Afinal, a modelo dos quadros é nossa parente — Karim pediu, com um sorriso sedutor. — Acho que eu também daria um bom modelo de quadro, vocês não acham?

Sabina revirou os olhos e Amir sorriu, encarando o namorado como se quisesse eliminar a mesa que estava entre eles.

— É de família, né — meu irmão riu, extremamente envolvido pelo charme do gêmeo Montserrat, embora Amir fosse o tipo de pessoa que nunca se deixava levar cem por cento por ninguém. O olhar dos dois, entretanto, estava preso um no outro de um jeito intenso que me fez repetir a careta de nojo de Sabina quando eles se beijaram.

Talvez essa fosse a única coisa que nós duas tínhamos em comum: ter que lidar com nossos irmãos apaixonados e claramente querendo tirar a roupa um do outro na primeira oportunidade.

Não, não. Eu me *recusava* a ter qualquer coisa em comum com ela.

— Se o seu ego inflar só mais um pouquinho você vai sair voando por aí — Sabina destilou seu veneno contra o irmão, que apenas mandou um beijo na direção dela. Ela fez uma careta e deu um gole na água.

Com o copo nos lábios, olhou para mim, de relance, por apenas um segundo, como se quisesse que minha cabeça queimasse em um dos famosos incêndios de Ventura no século XVI.

 CAPÍTULO 4 

Não é que eu odiasse Sabina Montserrat mais do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido, mas eu detestava Sabina Montserrat e tudo começou quatro anos atrás, quando eu era caloura.

Como qualquer outra aluna do primeiro ano, eu estava bastante deslumbrada por ter chegado ali. Era uma dessas que sempre sonhou em estudar no Departamento de Arte da UniVe. Amava poder ver de pertinho (o quanto eu quisesse e de *graça*, já que os alunos não pagavam para entrar no museu) alguns dos quadros e esculturas que estudávamos, incluindo a maior parte das obras de Vicenzo. Para um aluno de História da Arte, viver em Ventura era morar dentro do seu objeto de estudo, onde a linha entre o passado e o presente se estreitava e nos levava a um lugar atemporal.

Era assim que eu me sentia caminhando pelas ruelas de paralelepípedo, passando pelas inúmeras pontes de pedestres da cidade, com a arquitetura europeia do século XV. Era assim que me sentia entre os prédios baixos em tons de amarelo, bege, tijolinhos e pedra, nas feirinhas de artesanato nas praças do centro, nas fontes e esculturas e no domo colorido da igreja matriz, cujas badaladas do sino soavam a cada hora.

A praça do castelo tinha tantas esculturas que era como um museu a céu aberto. A fonte dos gêmeos, como era conhecida por ter as estátuas dos deuses Apolo e Ártemis, era uma das mais famosas da cidade. Foi lá onde vi Sabina pela primeira vez, mas não tive coragem de falar com ela. A coragem só veio dias depois, quando a avistei de novo no campus da universidade, onde ela cursava o quarto semestre de Literatura. Ela estava de pé no gramado em frente ao prédio de Belas Artes e não hesitei em ir me apresentar. Mas o que Sabina fez foi me olhar de cima a baixo com uma cara de desgosto e dizer friamente:

— Quaisquer que sejam suas intenções de se aproximar de mim por causa da minha família, fique sabendo que não faço amizade com alunos do Departamento de Artes.

Abri a boca, chocada demais para saber o que responder.

— Eu não…

— Não me importa — Sabina completou, tão rude que merecia uns tabefes. — Por favor, não se aproxime de mim de novo.

Ela saiu andando sem me deixar terminar e desde então minha antipatia pela garota só fez aumentar conforme fui me dando conta de que ela (assim como seus antepassados mais recentes) eram todos grandíssimos esnobes que andavam pela cidade como se fossem melhores do que todo mundo.

Foi quando comecei a separar os Montserrat de agora e os Montserrat que eu costumava estudar.

Cerca de dois anos depois, tivemos um bate-boca na aula de História do Cinema, que fazia parte da grade do meu curso e Sabina deve ter pegado como eletiva. Na ocasião, começamos a falar sobre ética e eu estava cem por cento contra a separação de autor e arte e a Sabina estava cem por cento a favor. Eu *meio que* a chamei de riquinha mimada que achava que as pessoas podiam estar acima das consequências dos seus atos e ela, por outro lado, me chamou de hipócrita extremista, o que achei bastante ofensivo e mentiroso. Mas foi a partir desse dia (em que a discussão acabou ficando mais acalorada do que o professor previa) que o desafeto realmente se transformou em inimizade.

— Vocês assistiram o documentário que a professora de Arte Chinesa mandou? — Louise perguntou, com os olhos ainda presos no seu laptop *rosé* recém-comprado depois de meses juntando o salário do trabalho como entregadora de comida de aplicativo nas horas vagas. Tanto ela quanto eu recebíamos bolsa de iniciação científica, mas eu tinha a sorte de ter o resto das minhas despesas pagas pelos meus pais e pela bolsa de mestrado do meu irmão. Em Costa Malva, tínhamos acesso a universidades públicas de qualidade, mas eram poucas as pessoas que conseguiam o alojamento completamente gratuito.

Felizmente Ventura não era uma cidade tão cara de se morar, ao contrário das capitais.

— Ainda não, mas toda vez que os profes passam documentário como dever de casa eu tenho vontade de morrer — Calebe disse o que nós três estávamos pensando e eu e Lou murmuramos em concordância. Dei um gole no meu café, cansada por ter ficado até tarde na noite anterior terminando mais um capítulo da minha pesquisa da iniciação científica, que

tinha tudo para ser também meu trabalho de conclusão de curso no ano que vem… se eu não conseguisse fazer o que queria.

Todo mundo achava que era loucura, inclusive minha orientadora, Vilma. Ela dizia para mim:

— Hanna, por mais que eu também queira encontrar os quadros perdidos do Vicenzo, quando se trata das suas pesquisas, você precisa ser prática. Precisa lidar com os materiais que existem, não com o que *quer* que exista.

Eu sabia que ela estava certa. Vilma era uma das pessoas mais fantásticas que eu conhecia, uma mente brilhante e uma das poucas que conseguia me fazer calar a boca e ficar só escutando por duas horas inteiras sem nem perceber o tempo passando. Uma das maiores especialistas em Vicenzo no mundo, ela foi minha professora no segundo ano da faculdade. Mas precisei de muita coragem para perguntar se podia me juntar ao grupo de pesquisa dela e se ela poderia me orientar, e meu coração partiu quando a resposta foi que infelizmente já tinha alunos demais. Porém, eu não era o tipo de pessoa que desistia fácil e fiquei de olho para tentar de novo quando um dos seus orientandos se formou.

Foi assim que acabei conseguindo a Vilma. Que me dizia que eu era idealista demais, mas não tentava ridicularizar ou me impedir de ir em busca das minhas "caçadas ao tesouro", como ela carinhosamente apelidou minha obsessão.

Ao menos com Vilma eu sabia que podia falar abertamente sobre tudo.

Louise tirou o olho da tela e me encarou.

— Conseguiu mais uma pista?

Suspirei e dei um gole no café que segurava, me sentindo em um filme francês e melancólico, usando meu terno xadrez e boina preta nos cabelos cacheados, enquanto lamentava sobre meus avanços acadêmicos. Todo mundo em Ventura meio que se vestia como se estivesse em um romance *Dark Academia*, o que fazia parecer ainda mais que a cidade era uma mera invenção da minha mente e não algo que existia de verdade.

Louise estava com sua blusa mostarda de gola alta e Calebe usava suspensórios, óculos redondos de armação transparente e sapatos marrons que podiam ter sido do seu avô. As meias, entretanto, eram do Bob Esponja.

— Não, eu tô numa encruzilhada — admiti. — Já li e reli todos os textos novos que a Vilma me mandou, também dei uma enxugada nos antigos, que são ótimos pra escrever meu trabalho sobre a influência da arte do Vicenzo na vida em Ventura no século XIX, mas não me disseram nada que eu já não soubesse.

Ao longo dos anos, muitos historiadores tentaram desvendar o paradeiro dos quadros de Vicenzo que faziam parte da série de *Sombras em veludo*, mas ninguém nunca chegou a nenhuma conclusão.

Faltavam peças cruciais nesse quebra-cabeça, que estavam perdidas tanto quanto os quadros em si. E não era por falta de boa vontade, pois até mesmo os Montserrat deixaram sua casa ser vasculhada várias vezes ao longo dos anos, mas nada nunca fora encontrado. Agora, principalmente depois das invasões, eles não eram mais tão amigáveis, e todo mundo concordava que, se tivesse algo para ser encontrado no castelo, isso já teria acontecido.

— A gente sabe que você queria encontrar os quadros e ser a primeira a escrever uma tese sobre eles, mas — Calebe fez uma pausa para beber seu cappuccino de caramelo — talvez seja a hora de aceitar que isso não vai acontecer agora. E tudo bem.

Louise fitou dele para mim e mordeu o lábio. Eu sabia que ela concordava com ele, o que me doía um pouco porque Calebe sempre foi o pragmático entre nós. Lou e eu éramos as aventureiras que acreditavam que tudo era possível enquanto ele estava lá para fazer a gente voltar para o planeta Terra. Mas se Louise estava do lado de Calebe, então a coisa estava feia para o meu lado.

Respirei fundo, sentindo o peito pesado, e dei outro gole no café.

— Ainda não estou pronta pra desistir — falei, inconformada. — Ainda tenho energia pra gastar.

Calebe piscou seus olhos escuros.

— Amiga, você precisa de um hobby. Ou de uma namorada.

— Ou os dois — acrescentou Lou, sem parar de digitar com rapidez.

Revirei os olhos e me enterrei na poltrona, sem querer admitir que talvez eles estivessem certos. Não sobre eu precisar namorar, mas sobre não ser capaz de encontrar os quadros. Tantos acadêmicos antes de mim já tentaram e todos eles chegaram ao mesmo beco sem saída. Não eram

pessoas quaisquer, mas homens e mulheres brilhantes que dedicaram a vida inteira a isso e nunca chegaram a lugar algum.

Senti uma pontada de medo passar pelo meu corpo inteiro e fiquei paralisada na poltrona. Não sabia por que sentia tanta urgência por encontrar esses quadros, porque isso era tão importante para mim. Às vezes achava que este era meu único propósito em vida —, mas nunca disse isso para ninguém para não me acharem delirante.

Vilma vivia reiterando que eu tinha minha vida acadêmica inteira para alcançar esse objetivo, que talvez fosse demorar décadas até encontrar uma pista e que eu devia continuar procurando, mas queria tanto fazer isso enquanto ainda estava na graduação...

Você só está em busca da glória, uma voz soava em minha mente. Eu não gostava dessa voz. Mas ela não estava errada.

Balancei a cabeça, voltando para o presente quando
Calebe perguntou quais eram nossos planos para a sexta-feira.

— O que vocês decidirem fazer, como sempre — Lou respondeu. Dei de ombros.

— O mesmo pra mim.

Calebe abriu seu sorriso diabólico.

— Ok, então nós vamos sair. Sair *de verdade.*

Lou e eu trocamos um olhar amedrontado.

— Ah, *não* — tentei protestar, porém Calebe levantou um dedo autoritário.

— Sem “mas”, meninas. Estou usando meu passe-livre do trimestre, quando vocês não podem me dizer “não”.

Murmurei praguejando, sabendo que não teria como sair dessa.

— Mando mensagem mais tarde com os detalhes.

 CAPÍTULO 5 

Eu e meus amigos tínhamos um acordo de que, todo trimestre, Calebe tinha um passe-livre para levar a gente aonde quisesse e nem eu nem Lou poderíamos refutar. Quando nos conhecemos ainda calouros, nós três não recusávamos uma única festa, loucos que estávamos pela endorfina de sermos universitários longe de casa. Mas, com o passar dos anos, nem eu nem a Lou tínhamos mais o que era preciso para passar a noite inteira na rua, em lugares que a gente não tinha nem ideia de como tínhamos ido parar e andando a caminhada da vergonha de volta para casa parecendo zumbis.

— Vocês parecem duas velhas — era o que ele dizia quando a gente argumentava que não tinha pique para noitada que durava até sete da matina. — No auge dos vinte anos e sem energia, como que pode isso?

Não que ele estivesse *errado*, mas não dava para mudar a verdade em nosso ser.

— Não é você que sempre diz que nos ama do jeitinho que somos? — Lou e eu retrucávamos com bom humor.

Foi em um desses momentos que Calebe teve a brilhante ideia do passe-livre e nós duas acabamos concordando, porque, apesar de ele conhecer a comunidade LGBTQIAP+ praticamente inteira da cidade, sairmos só os três era sempre mais divertido.

— Aonde você vai? — Amir perguntou, quando deixei o meu quarto. Estava arrumada o suficiente para ele perceber que não iria só me entupir de *fast food* com meus amigos.

Ao lado dele no sofá da nossa sala, estava Karim Montserrat, me encarando com seus olhos grandes idênticos aos da irmã. Talvez a região dos olhos e o nariz comprido fossem as únicas características deles que eram iguais, tendo herdado os traços da parte paquistanesa da família da sua mãe. Era esquisito ver Karim assim na minha casa, sabendo quando eu estava de saída, me flagrando em momentos íntimos como uma hora atrás, quando abriu a porta do banheiro enquanto eu trocava de absorvente. Soltei

um berro e ele gritou também, fechando a porta com força. Mas pude ouvir sua risada do outro lado ao me pedir desculpas e quis morrer.

Cruzei os braços e não consegui fazer contato visual com ele, mas seu olhar sobre mim fez meu rosto queimar.

— No Porão — respondi. Todo mundo conhecia o Porão, o bar/balada mais movimentado da cena *underground* da cidade. Por isso mesmo era difícil ir a uma festa de lá sem esbarrar em algum conhecido, coisa que eu preferia evitar.

Digamos que minhas habilidades sociais não eram das melhores.

— Ah, eu te falei que a festa de hoje seria boa. — Karim deu um tapa no peito do meu irmão, mas não parecia chateado. Ele me encarou de novo. — Tirar seu irmão de casa pra ir pra noitada é muito difícil.

Pisquei algumas vezes, processando o que Karim estava dizendo.

— *Você* frequenta o Porão? — tentei não soar tão chocada, mas acho que falhei. Amir me lançou um olhar de advertência, porém Karim parecia entretido.

— Sim. Por quê?

Bom, apesar de o Porão ter uma boa reputação e ser popular, a galera rica de Ventura raramente se misturava. O ponto de encontro deles era o 366, o bar do clube de regatas da região. Obviamente, apenas membros podiam entrar e obviamente para fazer parte você precisava deixar uma quantia anual exorbitante por lá. Em um lugar cheio de lagos e rios como Ventura, não era de se espantar que o remo fosse um esporte popular. O time de remo da universidade, inclusive, tinha mais prestígio até do que o de rúgbi, por sempre vencer as competições e formar atletas que chegavam às Olimpíadas. Por causa disso, os remadores eram os poucos que se tornavam membros do clube sem precisar bancar por isso, e se você conhecia algum deles, com certeza já tinha conseguido entrar clandestinamente em uma das festas do 366 — o sonho de consumo do Calebe, diga-se de passagem.

Karim Montserrat, o atual namorado do meu irmão, não só cresceu frequentando o clube, como também fazia parte do time. Então é claro que eu estava surpresa de ele dar preferência ao Porão do que ao 366.

— É que nunca te vi por lá. — Saí daquela saia justa como uma profissional e fiquei orgulhosa de mim mesma.

Karim deu de ombros.

— Vai ver a gente só nunca se esbarrou mesmo — jogou conversa fora. Estendeu o braço e passou os dedos pelo cabelo cacheado do Amir. — Ao contrário do seu irmão.

Ah. Então foi assim que eles se conheceram. Arqueei as sobrancelhas, surpresa por aquela informação. Amir era muito reservado e nunca entrava em detalhes sobre sua vida amorosa. Eu descobri que ele era gay por causa de amigos em comum lá em Toledo e me senti *traída* por ficar sabendo
que ele estava namorando através de terceiros.

— Mas o que vai rolar no Porão hoje? — Karim quis saber, muito mais tagarela do que o namorado. Troquei o peso do meu corpo de uma perna para a outra.

— Eu não sei, acho que tem umas *drag queens* de Porto Dourado que vão se apresentar lá hoje, pelo que meu amigo me contou.

O olhar de Karim se iluminou.

— *Habibi*, sei que você quer assistir esse documentário superinteressante sobre hipopótamos na Colômbia, mas… — O garoto se virou para Amir, pronto para conseguir o que queria. Observei a coluna ereta dele, os dedos acariciando os cabelos do meu irmão, que parecia um cachorrinho. — E se hoje à noite a gente for ao Porão com a Hanna e deixar o documentário pra outro dia? Domingo, quem sabe. Acho que seria um jeito melhor de aproveitar a sexta à noite.

Pelo modo como meu irmão encarava Karim, nem em um milhão de anos ele seria capaz de dizer "não". Engoli uma risada, me deliciando pela chocante constatação de que Amir tinha se tornado gado de homem bonito.

Mas foi então que minha ficha caiu.

Espera um minuto…

Amir me fitou, ainda com um sorriso bobo, recebendo o cafuné do namorado.

— Hanna, tudo bem se a gente for com você pra festa?

Abri a boca para responder, mas não estava preparada para aquele rumo inesperado dos acontecimentos.

— Hum… claro — me ouvi dizer, embora parecesse mais uma pergunta do que uma afirmação. Foi o suficiente, pelo menos, para Karim se levantar satisfeito do sofá, parecendo um Dorian Gray do Oriente Médio.

Ele tinha um sorriso bastante carismático e persuasivo, daqueles de quem está acostumado a conseguir tudo que quer.

Amir estava ferrado nas mãos desse homem. E, aparentemente, eu também.

— Nos dê cinco minutos pro seu irmão trocar de roupa e podemos ir.

Ele puxou a mão de Amir e o conduziu até seu quarto, me deixando na sala sozinha, processando o fato de que estava prestes a sair por Ventura com um dos gêmeos Montserrat.



Dizer que Calebe ficou extremamente eufórico quando me viu chegando na companhia de Amir e Karim seria um eufemismo. Meu amigo sacudiu o braço de Louise, todo agitado, e a expressão de choque no rosto dela seria cômica se eu não estivesse tendo uma crise de ansiedade social.

Tentei ignorar os olhares que nos seguiam no Porão e fiz um mantra mental de que ninguém estava interessado em *mim*, mas sim nas mãos do casal que eu, por acaso, estava acompanhando. Não que isso tivesse me ajudado muito, pois comecei a questionar a escolha do meu vestido preto e meia-calça, da minha pouca maquiagem, do meu cabelo cacheado que estava bastante ressecado naquele fim de inverno.

Apresentei Karim aos meus amigos, que abriram sorrisos nervosos, porém simpáticos. Karim perguntou ao Calebe sobre o show das *drag queens* e os dois conversaram enquanto meu irmão parecia completamente deslocado, mas nunca desconfortável. Lou me puxou para falar algo no meu ouvido e eu não poderia ter ficado mais grata por ter algo no que pensar que não fossem os olhares sobre nós.

— Amiga, como foi que isso aconteceu?

Dei de ombros e expliquei brevemente para ela que Karim queria ver as *drag queens* e meu irmão, quem diria, era um passivo. Louise soltou uma gargalhada que me acalmou e me fez rir também. Ela tinha a gargalhada mais contagiante de todas.

— Acho que essa é nossa vida agora — ela disse, empolgada. — Logo mais o Calebe consegue um convite pra entrar no 366 como sempre

quis.

Ele certamente não estava perdendo tempo, jogando papo fora com Karim como se fossem melhores amigos. Nós encaramos os dois e trocamos uma risada cúmplice. Meu amigo era capaz de manter uma conversa com qualquer um, então não era de se imaginar que o assunto estivesse rolando fácil com Karim, que era igualmente sociável. Era estranho, porém, vê-lo dessa maneira tão… *normal*. Ele quase parecia ser um de nós.

— Vocês querem beber alguma coisa? — Amir perguntou. Karim tinha escolhido para ele um suéter da Hollister que nossa mãe deu de presente no Natal.

— Hoje tem dose dupla de Cuba Libre. — Lou balançou seu copo ainda cheio e Amir assentiu.

— Vou pegar pra gente, Hanna. Não sai daqui.

Ele seguiu em direção ao bar lotado, deixando nós quatro sozinhos. Lou apertou meu pulso e seu rosto empalideceu.

— Não olha agora, mas você não vai gostar de quem está aqui.

— Ei, adivinha só? Minha irmã tá aqui também — Karim anunciou, a luz do celular iluminando seu rosto.

Encarei Lou.

— Não, não é disso que eu tô falando — minha amiga esclareceu e olhou para a esquerda novamente. — Olha ali perto do bar.

Virei a cabeça, confusa, mas precisei de poucos segundos para encontrar o problema. A poucos metros de mim, atrás da confusão de gente tentando ser atendida no bar (o que incluía Amir), estava Maria Rosa Gonzáles.

Minha ex.

Meu coração acelerou tanto que o sangue subiu até os meus ouvidos, minha concentração toda nela. Maria Rosa segurava um copo de Cuba Libre idêntico ao de Lou e usava o cropped vermelho que eu conhecia muito bem, porque a ajudei a escolher no verão passado, quando ainda estávamos juntas.

Ok, não juntas, *juntas*. Aparentemente, segundo ela, nós não namorávamos, então não tinha como termos terminado. O que tanto Lou quanto Calebe acharam a coisa mais sem vergonha que alguém poderia dizer.

Maria Rosa soltou uma gargalhada e seu cabelo cacheado e comprido caiu para trás. A raiva me invadiu repentina e fulminante, e então se transformou em tamanha humilhação que me deu vontade de me esconder.

— O que ela tá fazendo aqui? Ela nunca gostou do Porão.

— Do que vocês estão falando? — Calebe perguntou. Ele olhou na direção onde Maria Rosa estava e arregalou os olhos. — Valha-me, o que ela tá fazendo aqui?

— A cidade inteira tá aqui hoje pra ver o show das *drag queens*, nunca vi esse lugar tão lotado — Lou ponderou.

— O que tá acontecendo? — Karim parecia perdido, mas curioso para entender a fofoca.

— A ex da Hanna tá bem ali — Calebe explicou, enquanto Lou dava um gole na sua bebida. Todos nós encaramos Maria Rosa ao mesmo tempo e me virei de costas quando ela percebeu.

— Hum, ok, o que eu faço? O que a gente faz? — perguntei, em pânico. Os três pareciam concentrados em me ajudar, como se fôssemos um time de rúgbi decidindo uma estratégia de jogo.

— Amiga, a gente não faz nada. Vamos curtir o show — Lou foi taxativa. Calebe assentiu.

— Isso acabaria acontecendo uma hora ou outra nessa cidade minúscula, não vamos deixar essa cavala arruinar nossa noite.

— Quando foi que vocês terminaram? — Karim perguntou.

— Em janeiro — disse, mas estava tão nervosa que nem conseguia pensar direito. Eu tinha certeza de que Maria Rosa nos encarava e que eu deveria estar fazendo papel de ridícula.

— Foi uma *situação* — Calebe acrescentou, dando a entender que era longo demais para contar agora, mas fez um gesto como quem diz "depois eu te explico". — Hanna. — Ele bateu duas palmas na minha frente. — Tira essa cara de desespero do rosto e vamos curtir, amiga. Foi isso o que viemos fazer aqui.

— E eu já tenho a solução para os seus problemas. — Karim abriu um sorriso arteiro, olhando por cima dos meus ombros. Dois segundos depois, meu irmão se juntou a
nós.

— Tá tudo bem? — perguntou, reparando minha tensão.

Karim tirou o copo de Cuba Libre que Amir tinha pegado para mim e me entregou como se fosse a cura para todas as minhas mazelas.

— Hoje você vai ficar muito bêbada — ele disse, para aprovação de Calebe e Louise, que vibraram empolgados. — *Yalla, yalla*. Bebe isso, Hanna. E não vamos passar mais nenhum segundo pensando na sua ex.

Amir arqueou as sobrancelhas e nem tentou ser a voz da razão entre nós, pois sabia, em primeira mão, o quanto eu tinha ficado mal com o meu "término". Ele massageou minhas costas e eu suspirei, sentindo esperança de que poderia passar por aquilo graças à energia que Karim e meus amigos construíram ao meu redor e à Cuba Libre.

Estendi meu copo para brindar com Karim, que deu uma piscadela. Então dei um golão na bebida enquanto eles vibravam.

 CAPÍTULO 6 

Talvez tivesse sido melhor se Amir tivesse decidido ser o chato responsável que fica implicando comigo quando bebo demais, mas esse foi o exato oposto do que aconteceu naquela noite. Karim, o namorado rico e fanfarrão do meu irmão, passou a noite inteira comprando bebida para mim e substituindo meu copo vazio por outro cheio, e minha fama de ser fraca para beber ganhou um novo precedente.

Quando o show das *drag queens* começou, todo mundo se amontoou em frente ao palco, gritando eufóricos sob as luzes neon e a música de abertura. A essa altura eu já estava para lá de bêbada, rindo sem parar e pulando como uma pipoca. Joguei-me em cima de Karim como se fôssemos melhores amigos e dançamos e cantamos, enquanto Pandora Paris entregava tudo em sua versão de *Hit me baby one more time.* É claro que todo mundo conhecia a música e a plateia toda foi à loucura com as habilidades malabaristas dela, mas quando Shantel Latrice Royale começou a cantar *Primadonna*, da Marina, eu e Karim soltamos um berro tão alto que as pessoas riram de nós. Nós então nos viramos um para o outro, em completo estado de êxtase, e cantamos cada palavra da música como se estivéssemos no palco com Shantel. Acho que foi naquele momento que percebi que Karim não podia ser *tão* ruim, porque qualquer pessoa que dá o devido valor à Marina merece certo respeito.

Vai ver tudo isso aconteceu porque estávamos
embriagados.

O show foi um sucesso e a casa lotada terminou pedindo bis, tristes quando elas tiveram que ir embora. Eu estava com muito calor, mas os níveis de endorfina no meu corpo eram maiores do que qualquer desconforto. O glitter que jogaram na plateia agora estava colado nas nossas peles enquanto a galera dispersava, mas a noite não precisava acabar, porque um dos DJs de sempre começaria em alguns minutos.

Botei a mão na barriga, não me sentindo muito bem.

— Quem quer mais uma rodada? — Karim perguntou, animado.

Balancei a cabeça, negando

— Acho melhor todo mundo beber um pouco de água e se hidratar — sugeriu Amir. Karim achou fofo e deu um selinho no meu irmão. Meu estômago se revirou, mas não foi por causa deles.

— Hanna, tá tudo bem? Você tá verde — disse Calebe, olhando para mim agora que as luzes foram parcialmente acesas na pausa antes do DJ.

Neguei, sem saber se conseguia falar sem vomitar. Todo mundo me encarou.

— Vamos, eu vou com você no banheiro — Lou disse, me pegando pelo braço, porém Calebe nos impediu.

— Olha o tamanho da fila, melhor levar ela lá fora.

Os olhos de Amir se arregalaram.

— Pra vomitar na rua?

Calebe pressionou os lábios em uma linha fina, segurando o riso. Amir às vezes era tão antiquado, mas Calebe dizia que isso só acrescentava ao seu charme.

Oh, *droga*. Eu realmente precisava vomitar.

— Não seria a primeira vez — meu amigo deu as
más notícias. Eu não estava em condições de protestar por ele me delatar dessa maneira para o meu irmão mais velho. — Vamos, vem, eu sei pra onde a gente tem que ir. Vocês fiquem aqui, meninos, a gente já volta.

Lou e Calebe me pegaram um de cada lado e foram pedindo licença até chegarmos ao fumódromo, que estava bem vazio. Meus amigos me levaram até a parte afastada onde tinha a enorme lixeira que era usada pelos funcionários do Porão, não pelos clientes. Calebe abriu a tampa, mas não deu tempo de eu conseguir vomitar dentro da lixeira.

Em vez disso, tudo que estava no meu estômago foi parar no chão.

Lou segurava meu cabelo enquanto Calebe erguia a tampa, sem saber o que fazer. Eu me virei para a lixeira assim que deu, mas o estrago já estava feito.

— O que vocês estão *fazendo?* — uma voz estridente, porém bastante autoritária, perguntou. Eu não estava em condições de responder ou olhar para trás ainda.

— Desculpa, mas o banheiro estava cheio, era isso aqui ou deixá-la vomitar no salão — Calebe se justificou, sem sentir culpa. Eu era quem estava em estado de calamidade, afinal de contas.

Fiquei algum tempo respirando fundo e encarando a lixeira, sentindo o forte odor de tudo que estava lá dentro, para ter certeza de que tinha terminado.

— Tudo bem, amiga? — Lou perguntou.

Eu assenti e então me afastei da lixeira. Quando me virei, entretanto, dei de cara com Sabina Montserrat olhando para nós como se fôssemos as pessoas mais repugnantes que já pisaram no planeta.

Era só o que me faltava para fechar aquela noite com chave de ouro.

— Isso é grotesco — ela disse o que estava pensando, mesmo sem ninguém ter perguntado. Apontou para os próprios pés, perto de onde estava a poça do meu vômito. — Eu estava praticamente do seu lado, quase respingou em mim!

Ao contrário do que pensei que fosse fazer, uma risada saiu de dentro de mim. Sabina fechou a cara, irritada pela minha reação. Por Deus, eu estava muito bêbada.

— Dentre todas as pessoas aqui dentro, eu tenho que esbarrar justamente na princesa da cidade — ironizei a minha falta de sorte. — A soberana, que está acima de todos.

Sabina respirou fundo, se controlando para não descer do pedestal. Eu estava enxergando tudo borrado, mas o batom vinho nos lábios dela e o modo como suas sobrancelhas grossas a faziam parecer ainda mais enraivecida eram nítidos. O cabelo dela estava preso em um rabo de cavalo alto e perfeito, como tudo a seu respeito.

— Eu também preferia ter continuado minha noite sem ter que presenciar certas coisas. — Ela parecia estar meio bêbada também, mas não sei se eu achava isso só porque era esse o meu estado.

Soltei outra risada, desta vez de escárnio, porém, quando abri a boca, em vez de destilar meu veneno com outro comentário debochado, o que saiu foi uma pergunta bastante genuína:

— Por que você tem tanto ranço de mim? — quis saber, mais séria do que achava que podia ficar.

Meu olhar era intenso no rosto de Sabina, estudando cada detalhe. A expressão dela era ilegível, a única emoção visível era seu claro desgosto por mim, coisa que nunca consegui entender direito. Antes mesmo do nosso bate-boca na aula de História do Cinema, Sabina já tinha me tratado como

algo descartável e repulsivo que ela não queria por perto. Eu não tinha feito nada para ela agir assim.

— Todos vocês alunos de História da Arte são sanguessugas oportunistas — ela ralhou, a voz arrastada por causa da bebida, mas Sabina acreditava em cada uma das suas palavras e riu com deboche. — Tudo o que vocês querem é se aproximar de mim para descobrir segredos da minha família, ter acesso a informações privilegiadas e encontrar o quadro do Vicenzo. Ou vai me dizer que quando você se apresentou pra mim não era isso o que tinha em mente?

Mordi minha língua, sentindo uma queimação de constrangimento, como se tivesse sido pega com a boca na botija. Eu queria protestar, pois me ofendia que Sabina estivesse praticamente me chamando de falsa, mas não soube o que responder. Cruzei os braços, incomodada por não saber como rebater. Troquei o peso do corpo de um pé para o outro e quase caí, mas Calebe me segurou.

— Você está muito enganada sobre mim — falei, mesmo sem ter certeza de que aquilo era verdade. Mas sabia que não era má pessoa, não cabia nessa caixa onde Sabina estava tentando colocar todos os alunos do meu curso. — Você não pode generalizar as pessoas assim. Ok, óbvio que eu estava curiosa para conhecer uma Montserrat, mas não significa que eu seja *oportunista*.

Sabina não voltou atrás.

— Não faz diferença nenhuma. "Nem todo mundo" — ela fez aspas com o dedo — é um argumento barato e que não tô disposta a ouvir.

Agora quem estava ficando com raiva era *eu*.

— E por que não? Se é você quem mais fatura com
qualquer coisa relacionada à sua família — acusei, com tom de desprezo na minha voz também.

Sabina me lançou um olhar que parecia que montaria no meu pescoço a qualquer momento. Nunca pensei que *eu* poderia ofendê-la de tal maneira, mas naquela noite a princesa não aguentou ficar no pedestal.

— Se eu quisesse encontrar essa droga de quadro, já teria feito isso há muito tempo — ela se defendeu, mostrando também o quanto era superior. — Eu tenho acesso a coisas que você *jamais* terá. — Ela riu, debochada. — Sei de coisas que você nunca vai saber.

Foi aí que Sabina Montesserat conseguiu fisgar minha atenção.

Eu pisquei, esquecendo momentaneamente que nós duas estávamos aos berros brigando no meio do fumódromo do Porão, depois de eu quase ter vomitado nos pés dela para poder voltar para o lado de dentro do bar onde o DJ estava prestes a tocar.

Toda minha concentração estava em decifrar se Sabina inferiu o que eu imaginava ou se eu que não tinha entendido direito.

Franzi o cenho, sentindo um calafrio subir pela minha espinha.

— O que foi que você disse? — exigi, subitamente calma.

Sabina não parecia fazer qualquer ideia de que tinha acabado de explodir uma bomba na minha cabeça.

— Eu disse o que disse e não vou repetir — foi taxativa. — Já perdi tempo demais aqui discutindo com você.

Ela se virou e se juntou às amigas, que a esperavam. Acompanhei com o olhar enquanto elas voltavam para dentro do Porão, mas não consegui mover meu corpo inerte em uma onda de choque. Meu coração acelerou e meu cérebro voltou a funcionar, mas não podia ser. Não podia ser… podia?

Será que Sabina Montserrat, dentre todas as pessoas, tinha uma pista para encontrar os quadros de Vicenzo?

 CAPÍTULO 7 

É óbvio que ela podia estar apenas blefando e tirando onda com a minha cara.

Foi disso que meus amigos tentaram me convencer quando fiquei louca querendo ir atrás de Sabina para tirar satisfação, embora nem eu soubesse o que fazer.

— Ela só disse isso pra te provocar, Hanna — Louise insistiu, com o apoio de Calebe, que ainda me segurava pela cintura para me dar equilíbrio. — Ela só quis te atingir, e pelo visto tá conseguindo.

Eu não acreditava naquilo completamente, mas me deixei ser convencida porque a) eu ainda não estava lúcida e b) não queria arruinar a noite de ninguém. Motivo pelo qual nós voltamos para dentro do Porão, onde reencontramos Amir e Karim e passamos o resto da madrugada dançando e pulando ao som de músicas pop que estavam na moda e uma ocasional banda emo dos anos 2010, que o DJ colocava para tocar fazendo todo mundo ir à loucura. Tirei Sabina da cabeça com bastante facilidade e, felizmente, não voltei mais a esbarrar com ela. Porém, no dia seguinte, nem mesmo a pior das ressacas foi capaz de me fazer esquecer o que ela tinha dito.

Eu sei de coisas que você nunca vai saber.

Abri os olhos e esse foi meu primeiro pensamento, me atingindo tão forte quanto a dor de cabeça. Seria possível que Sabina estivesse *mesmo* só tentando me provocar e nada mais? Será que suas palavras estavam completamente vazias de significado? Ela bem que tinha a personalidade desprezível o suficiente para fazer algo assim, porém tinha me deixado com a pulga atrás da orelha.

E se ela estivesse falando a verdade?

Meu corpo inteiro ficou tenso pela possibilidade e uma onda de adrenalina que eu conhecia muito bem correu pelas minhas veias. Era a primeira vez em meses, talvez em anos, que uma informação diferente

surgia, e não era da minha natureza ignorar qualquer coisa referente a Vicenzo.

Eu *precisava* de uma pista nova.

Me levantei, sentindo como se um trator tivesse passado por cima de mim, mas minha mente estava afiada. Milhares de pensamentos me atingiam por minuto e eu não sabia o que fazer com aquela energia. Fui até a cozinha pegar algo para comer que não fizesse meu estômago se embrulhar, mas minha mente estava muito longe dali.

— *Salaam Aleikum*, Hanna!

— *Alaikum As-Salaam* — respondi no automático. Quando fechei a porta da geladeira, carregando o pote com as sobras da panqueca de carne de soja que meu irmão tinha feito dois dias atrás, levei um susto ao dar de cara com Karim.

Ainda não estava acostumada a vê-lo assim na minha casa quando acabei de acordar e estava parecendo um espantalho, pedindo misericórdia pela noitada que conseguiu me nocautear mais do que um lutador de MMA. Karim, por outro lado, não tinha nenhum resquício de cansaço ou ressaca quando sorriu para mim.

— A gente comprou comida — anunciou. — Estamos comendo lá no jardim, eu vim aqui só pegar água.

Ele se movimentou com uma destreza chocante pela minha cozinha, pegando os copos no armário e os enchendo com a jarra de água que ficava dentro da geladeira.

— Pega um copo pra você e vem comer também — sugeriu, fechando a geladeira com o corpo. Então saiu caminhando de volta para o jardim, como se aquela casa fosse dele e não minha. Pisquei, ainda um pouco chocada com essa nova dinâmica, mas o segui sem questionar.

Eles estavam no pequeno quintal que ficava do outro lado da porta de vidro da sala, que a gente chamava de jardim. Se eu não encontrasse meu irmão estudando na bancada da cozinha, provavelmente ele estaria cuidando de lá, regando as plantas ou a grama com todo carinho. Era o maior e mais orgulhoso pai de planta que eu conhecia.

Me juntei ao casal e Amir me passou uma caixa de papelão que nem precisei abrir para saber de onde vinha. O cheiro também denunciava a comida do nosso restaurante favorito, o Café do Gil, que ficava no que a gente chamava de Centro Histórico de Ventura, entre os museus e a igreja

matriz. Era um daqueles bistrôs fofos super-recomendados que você *precisava* visitar em Ventura e, por causa disso, estava sempre infestado de turistas.

Meu estômago roncou com o cheiro do sanduíche de frango com pesto, um dos meus favoritos. Éramos espertos e sempre pedíamos no Gil para viagem.

— Como você tá se sentindo? — Amir perguntou. Seu hambúrguer já estava pela metade e ele deu um gole na água que Karim foi buscar.

— *Hum* — falei com a boca cheia e levantei o polegar, indicando que eu estava bem.

— Você vai acabar engasgando comendo rápido desse jeito — observou Karim, com bom humor.

Sorri para ele e seu corte de cabelo de idol de K-pop, mas não diminuí minha velocidade. Estava morta de fome e queria terminar rápido para… para que exatamente? Ainda não sabia o que queria fazer. Os dois continuaram me observando e finalmente retribuí o olhar.

— Que foi? — perguntei, com a boca meio cheia.

Amir pressionou os lábios em uma linha fina.

— Nós encontramos a Sabina ontem…

Ele deixou a frase no ar, mas nem precisava completar para eu saber onde estava querendo chegar. Me recostei na cadeira, mastigando, sentindo o estômago se revirar ao me lembrar de todos os detalhes sobre a noite passada.

— Foi sem querer — falei, na defensiva. — Ela surtou à toa.

— Você quase vomitou em cima dela — Amir me corrigiu calmamente.

Abri a boca para me defender de novo, porém a fechei em seguida. Fitei Karim com o rabo de olho, mas ele não parecia bravo. Não tinha porque Amir agir como se fosse o dono da verdade, querendo me passar sermão como se fosse nosso pai. Revirei os olhos, irritada, incapaz de admitir qualquer coisa mesmo que achasse que eu estava (um pouco) errada. Mas Amir não ouviria nenhuma confissão.

— Você virou o guarda-costas dela por acaso? — alfinetei. — Se a Sabina tem algum problema comigo, deixa que ela resolva. Aposto que ela não precisa de você.

Karim enfiou a cara em seu copo de água para evitar uma risada e meu peito se inflou feliz com aquela validação. Meu estômago, entretanto, estava embrulhado demais para conseguir terminar o sanduíche que deixei em cima da mesa.

Amir soltou o ar, parecendo cansado.

— Eu não tô tentando defender a Sabina, mas preocupado com você fazendo essas coisas.

Pisquei para o meu irmão, o encarando com uma expressão confusa que quase se contorceu em um sorriso incrédulo.

— Amir, *quantos anos você tem?* — indaguei, tirando sarro dele como vingança. — Até parece que nunca vomitou numa festa.

— Não em cima de *outra pessoa*.

— Você devia tentar — provoquei, agora aproveitando a situação. — Vai ver é disso que você precisa.

A mão de Karim deslizou até o ombro do meu irmão e o massageou.

— *Habibi*, deixa isso pra lá. A Sabi já deve ter gritado com a Hanna o suficiente — ele disse, em um tom divertido. Senti-me um tanto traída, mas deixei passar porque, afinal de contas, ela era irmã dele. E Amir pareceu relaxar um pouco, o que me deixava grata, pois eu não tinha cabeça naquela manhã para lidar com seus sermões.

Amir endireitou os óculos e fiquei observando os dois, sem conseguir entender como um cara tão quadrado quanto ele acabou namorando um dândi fanfarrão como Karim. O que eles tinham em comum além de estarem sexualmente atraídos um pelo outro?

Meu estômago se embrulhou de novo ao pensar no meu irmão fazendo sexo. Não. *Não*. Isso era demais.

Levantei da cadeira e peguei meu prato com o sanduíche pela metade.

— Onde é que tá a caixinha de comprimidos mesmo? — perguntei, pensando em tomar algo para dor de cabeça de ressaca. — Na cozinha ou no banheiro?

— No banheiro.

Assenti.

— Valeu pela comida — acrescentei, já me retirando do jardim e deixando o casal livre da minha companhia aparentemente perturbadora.

Pelo resto do dia, não consegui fazer muita coisa.

Voltei para a cama e fiquei lá por algumas horas até Louise me obrigar a ir encontrá-la no XIX, nossa cafeteria favorita. Lia-se “dezenove”, mas todo mundo conhecia como “xis um xis” e vivia infestado de universitários, até mesmo nos fins de semana. Lou sempre trabalhava aos sábados fazendo delivery; às vezes durante o dia, às vezes durante à noite. Em um sábado pós-noitada, com certeza seria à noite. Eu me juntei a ela no XIX, onde estava terminando um trabalho para a aula de Arte e Arquitetura, que eu ainda nem tinha começado direito. Louise sempre estava à frente de todo mundo.

Aproveitei para revisitar meus textos e anotações sobre Vicenzo, dizendo a mim mesma que era para minha iniciação científica, mas não conseguia me enganar. Algo dentro de mim pulsava, como uma bomba-relógio. Eu ouvia uma frequência sonora que ninguém mais parecia capaz, mas estava ali o tempo todo, não importava o que eu fizesse. No fundo de tudo, invadindo minha mente por trás da música ambiente. Um som agudo e abafado, que você precisava se concentrar para conseguir distinguir mesmo quando o mundo estava em silêncio. Às vezes, eu me concentrava tanto nesse som específico que todo o resto parecia ficar mudo. Abria pasta atrás de pasta, lia palavra atrás de palavra, tentando encontrar a origem do som, mas ele era tudo o que preenchia minha mente.

Meus pais me diziam desde criança que eu era muito teimosa e que me perdia dentro do meu próprio universo, mudando de obsessão para obsessão, mas sendo exatamente a mesma. Às vezes, eu sentia como se estivesse caindo em um buraco onde não conseguia enxergar nada, apenas ouvir o som agudo e abafado, que me guiava pela escuridão, na esperança de encontrar a luz. Eu tinha certeza de que a encontraria, avançando sem saber muito bem para onde, chegando a becos sem saída e tendo que voltar, mas sabia que aquele som existia por algum motivo. Havia sido escolhida para ouvi-lo e procurar pela sua origem e não poderia parar até conseguir.

Aquele sábado foi um dos dias em que me perdi completamente na escuridão, revisando de novo e de novo os passos que dei para chegar até ali, mas sem conseguir avançar para lugar nenhum. Se Vicenzo pudesse me ver agora, será que me acharia uma alma sem salvação? Será que diria que eu estava quente ou fria? Perto ou longe demais?

Engoli em seco e, quando me despedi de Lou no fim da tarde, peguei o carro que dividia com Amir e fui até onde achava que minha mente poderia

encontrar algum conforto.

O castelo de Ventura.

Faltava meia hora para o museu fechar, mas eu podia entrar de graça, sendo aluna da universidade. Já tinha ido lá tantas vezes que os seguranças até me conheciam. Cumprimentei o que estava trabalhando na ocasião e saí andando sem um destino certo. Soltei o ar que estava preso no meu peito, encarando as paredes de pedra e tijolo do primeiro andar. Havia um corredor que direcionava ao pátio do castelo, um jardim lotado de plantas e estátuas no centro da construção, em que as pessoas geralmente paravam para decidir aonde iriam em seguida ou simplesmente para admirar a arquitetura do castelo. Ele era uma réplica dos castelos venezianos da época em que foi construído, no século XV. Uma réplica do que existia no berço do Renascimento, que para mim foi a maneira dos Montserrat de dizer que algo estava nascendo em Ventura também.

A arte e a vida real intrincadas em uma coisa só.

Desci as escadas até o jardim e olhei à minha volta, admirando os três andares do prédio cor de creme, com janelas altas e arqueadas, com varandas de pedra onde visitantes faziam o oposto de mim e observavam o que havia abaixo. No primeiro andar, pessoas caminhavam pelo corredor aberto, e dentro do jardim algumas estavam sentadas nos bancos. A fonte no centro de tudo jorrava água, que chamou minha atenção.

Fui até lá, sentindo o frenesi que sempre me invadia quando estava sozinha no castelo. Foi só então que notei que já havia alguém parado diante da fonte, a observando com a mesma paciência que eu estava prestes a dedicar. Esse alguém era Sabina Montserrat.

 CAPÍTULO 8 

Não sei se fazia sentido ficar surpresa ao encontrar Sabina no castelo da família dela, onde a mesma morava, mas foi o que senti no momento em que me dei conta de que, dentre todas as pessoas que eu conhecia naquela cidade, justo ela estava parada a poucos metros de mim. Eu nunca a tinha visto ali e achava que fosse proposital; que ela deliberadamente evitava perambular pelo museu.

Paralisei, sem saber se avançava mais. Sabina estava presa em um transe que parecia invasivo demais se eu chegasse mais perto, como era minha intenção antes de notá-la ali. Meu coração batia forte e a adrenalina corria pelo corpo, me impedindo de desviar o olhar.

O rabo de cavalo dela estava alto e ela usava uma saia rosa de camurça que fazia suas pernas parecerem ainda mais longas. Olhando-a assim, de perfil e com uma postura impecável, as curvas de Sabina pareciam com as das estátuas do jardim e ela se misturava mais com as obras de arte do que com as pessoas ao seu redor.

Eram raros os momentos em que eu a fitava sem os sentimentos de irritação e desprezo me invadindo imediatamente. Por um breve instante, dissociei completamente a garota à minha frente da ideia pré-concebida que eu tinha do seu caráter. Eu mesma estava me sentindo diferente naquela tarde, perdida demais nos meus pensamentos para fazer parte do mundo real. Quando Sabina virou o rosto e encontrou meu olhar, eu ainda me sentia fora da suspensão da realidade, focando mais na luz do sol poente que iluminava seu rosto cor de oliva do que na tensão dos seus olhos escuros quando encontraram os meus.

Pisquei de novo e, quando me dei conta, estava caminhando na direção dela. Sabina virou de novo para a fonte, os braços cruzados no peito, a mandíbula retesada. Parei ao seu lado e encarei a estátua, um anjo flexionando seu arco e flecha para o céu. Era uma estátua bonita, um tanto lúdica, e eu sempre me perguntei qual seria o seu alvo.

Seria ele uma versão do cupido?

— O que você quer? — Sabina perguntou, curta e grossa.

Eu não sabia por onde começar. As palavras se embolaram na minha garganta e mordi o lábio. O barulho da água, entretanto, era calmante, mesmo que eu estivesse parada, por livre e espontânea vontade, ao lado da pessoa que mais me tirava do sério.

Abri a boca, mas nada saiu de imediato. Sabina então me encarou com uma expressão de desprezo, como se houvesse algo de errado comigo.

— Hum — disse finalmente. — Acho que preciso te pedir desculpas.

Nem eu conseguia acreditar que estava dizendo aquilo. O choque não passou despercebido no rosto de Sabina, que agora dedicava toda sua atenção a mim, tentando me decifrar. Ela não parecia acreditar completamente no meu súbito peso na consciência e eu não poderia julgá-la por isso.

— Desculpas por quase ter vomitado em cima de mim?

É claro que ela precisava fazer um drama.

— Sim, exatamente por isso.

Sabina soltou uma risada de escárnio, mas não parecia prestes a pular na minha garganta, como de costume.

— Seu irmão disse que te faria pedir desculpas, mas
não achei que fosse acontecer de verdade.

— Ei, isso não tem nada a ver com meu irmão. — Eu já começava a me arrepender por ter aberto a boca, mas não podia voltar atrás. Meu rosto esquentou e eu tinha certeza de que meu sangue foi todo para minha cabeça, embora não soubesse exatamente por que. Raiva? Constrangimento? Indignação? A lista era longa e confusa. — Eu pedi desculpas porque quis, mas já tô arrependida.

— É claro — Sabina ironizou. Seu nariz levemente arrebitado dava muita vontade de beliscar, porém respirei fundo, ensaiando ir embora tão rápido quanto me aproximei. Ela suspirou e não disse mais nada, fitando a estátua de um jeito pensativo. — Não vou dizer que aceito suas desculpas, se é isso que você tá esperando.

Como ela conseguia ser tão arrogante e insuportável?

Deixei sair um soluço incrédulo e balancei a cabeça em descrença, sendo consumida pela vontade de mandar ela para aquele lugar, mas tirando forças nem sei de onde para ser uma pessoa evoluída.

— Você acha que todo mundo te deve alguma coisa, né? — deixei o veneno escapar, pois eu não era de ferro. — Isso é ridículo. Não preciso que você aceite nada, minha consciência tá tranquila agora.

— Ok.

Ok. Apenas isso. Duas letras nunca me irritaram tanto quanto naquele momento. Mordi o lábio, pensando no que dizer, embora Sabina não estivesse nem um pouco interessada em ouvir mais nada que viesse de mim. Ela estava apenas esperando que eu fosse embora, mas foi por isso mesmo que decidi ficar.

— O que você tá fazendo? — indaguei, por fim, curiosa. A estátua era bonita, mas aquilo não fazia sentido.

Sabina não me respondeu a princípio. Ela respirou fundo, claramente querendo ficar sozinha e não gostando de ser incomodada por mim. Algo no meu interior queimou pela satisfação de irritá-la do jeito que ela fazia comigo. Ela suspirou e precisei refrear um sorrisinho triunfante.

— Você não vai me deixar em paz, vai?

— Eu fiz uma pergunta muito simples.

Sabina revirou os olhos. Sua linguagem corporal era tão defensiva que me fazia sentir igual, embora eu não entendesse porque ela estava tão armada assim quando tinha me aproximado para pedir desculpas e não tinha sido inconveniente. Havia algo de tenso em Sabina não só hoje, mas toda vez que a via por aí. O único momento em que isso pareceu sumir foi quando a flagrei observando a estátua, mas, assim que notou minha presença, se armou de novo.

Sabina não tirou os olhos da estátua quando me respondeu:

— Eu gosto dessa fonte. É uma das minhas peças favoritas no museu — explicou, de má vontade. Então algo se suavizou a respeito dela, lentamente, como se ponderasse dizer algo a mais ou não. Acabou sendo vencida pela necessidade de falar: — Foi a Abigail que mandou colocá-la aqui — acrescentou, apertando um interruptor diferente na minha mente. — Se você reparar, a luz do sol vai mudando pouco a pouco na estátua enquanto ele se põe, terminando na ponta da flecha.

Sabina apontou na direção e notei que ela brilhava como se fosse uma estrela, refratando a luz do sol ao seu redor. Arqueei as sobrancelhas, pega de surpresa pelo quanto era lindo.

— A estátua foi colocada exatamente aqui pra causar esse efeito. — Cruzou os braços de novo.

— Eu não sabia disso — admiti, surpresa, pois conhecia muita coisa sobre o castelo e sobre Abigail. Era parte do meu trabalho.

Um sorrisinho triunfal e amargo se desdobrou nos lábios cor de carmesim de Sabina.

— Você não sabe de tudo.

Eu sei de coisas que você nunca vai saber.

Novamente lá estava eu pensando no que ela tinha me dito na noite anterior e repetia agora, de um jeito diferente, mas o significado era o mesmo. Virei-me para ela, invadida por aquela inquietação.

— E o que *você* sabe? — questionei, tentando ficar de boa, mas a intensidade no meu olhar era impossível de mascarar. Queria agarrar o conhecimento que ela tinha com as duas mãos, chacoalhar Sabina até que se transformasse em um livro aberto e me deixasse ler todas as páginas. Nunca quis tanto decifrar a mente de alguém que estava vivo quanto a dela, o que me deixou bastante chocada, porque eu não esperava me interessar pelos Montserrat dessa maneira de novo. Franzi o cenho, percebendo coisas pela primeira vez. Meu coração batia insistente. — Você se importa muito com ela, né? Com a Abigail? Você se parece um pouco com ela.

A mandíbula de Sabina saltou e eu soube que tinha acertado o nervo certo. Minha coragem para continuar falando escancarou as barreiras do meu senso de autopreservação.

— Sabina, se você me…

— Se eu o quê? — Ela se virou para mim repentinamente, em uma postura desafiadora. — Você é como todos os outros querendo colocar minha família debaixo de um telescópio como se não fôssemos pessoas reais, só personagens das suas histórias.

Havia ressentimento mascarado de raiva nas suas palavras, mas não me deixei perturbar por isso. Também não me deixei intimidar, pois o som agudo e abafado que eu ouvia, que me levou até ali, estava mais alto do que nunca. Quase conseguia sentir meus dedos tocando a borda de algo grande. De algo significativo.

— Mas você não quer saber também? — questionei, sem conseguir mais me refrear. — Eu entendo que não deve ser… *legal* ter gente tentando invadir sua casa e pessoas se aproximando de você por interesse, mas se

você sabe de algo que pode desvendar o mistério dos quadros desaparecidos, você tem também a chance de acabar com esse assédio de uma vez por todas.

Eu sabia que estava sendo completamente apelativa, mas o modo como Sabina não soltou uma risada imediata, nem tentou me morder com palavras ácidas me mostrou que eu tinha chamado sua atenção. Ela estava ouvindo.

— Tudo que quero é encontrar esses quadros e mudar pra sempre a História, trazer a verdade à tona, devolver a todos algo que nunca deveria ter sido escondido. — Fui sincera, sentindo meu coração acelerar pela emoção que falar sobre aquilo me causava. — Tudo o que você quer é que as pessoas parem de te perturbar, e o que mais seria capaz de te dar paz do que encontrar os quadros? Toda a atenção estaria neles, não mais em vocês.

Sabina estreitou os olhos, sabendo muito bem que eu não estava preocupada com a família dela, mas sem conseguir negar que minha teoria fazia sentido.

— E o que você propõe? — ela perguntou, dando corda para eu me enforcar. — Que nós duas tentemos achar
os quadros *juntas*?

Ela arqueou uma sobrancelha, cética demais no absurdo que seria nós duas virando parceiras. Porém, no momento em que ela deu vida àquela possibilidade, eu soube que era a única resposta certa, por mais improvável que parecesse.

— *Sim* — admiti, sem acreditar ainda que estava sendo sincera. Mas para a Hanna Historiadora não havia limites impossíveis de atravessar. — Sim, é exatamente isso que tô propondo.

Sabina me fitava como se eu fosse completamente desajuizada.

Mas não me disse que "não".

Ficamos ali, encarando uma a outra por minutos, sem dizer coisa alguma, apenas absorvendo tudo que tinha sido proposto e tudo o que poderia acontecer. Minha mente maquinava, concentrada demais no objetivo para se opor a quaisquer que fossem os meios para conseguir alcançá-los. Eu *precisava* de Sabina Montserrat, por mais que me doesse admitir. E não estava disposta a deixá-la escapar, nem que precisasse usar todo meu arsenal de persuasão para convencê-la.

— E se eu te dissesse… — ela cortou o silêncio, embora dentro da minha mente eu estivesse gritando. Ela não parecia certa do que estava fazendo, mas decidiu fazer ainda assim. — Que eu talvez possa te levar não só até os quadros, mas também ao motivo de eles estarem escondidos?

Pisquei algumas vezes, com energia demais para conseguir ficar parada. A ansiedade e o desejo por aquela informação me inclinando na direção de Sabina com ganância.

— Você sabe tudo isso?

Ela abriu outro sorrisinho, dessa vez saboreando a sua soberania.

Eu sei de coisas que você nunca vai saber, foi o que ela me dissera ontem. E eu nunca acreditei nisso tanto quanto depois daquele sorriso.

Eu queria saber também.

 CAPÍTULO 9 

Se alguém um dia me dissesse que, em uma segunda-feira de março, eu estaria pegando o ônibus circular para encontrar Sabina Montserrat no Clube de Regatas de Ventura, eu diria que essa pessoa estava perdendo o juízo.

Nem eu mesma conseguia acreditar, enquanto caminhava os vinte minutos entre o ponto de ônibus mais próximo e a entrada do clube — porque *obviamente* não era tão simples chegar até lá de ônibus. Fui praguejando pelo meu irmão ter ficado com nosso carro, e também porque tive um daqueles dias em que todas as aulas tentaram me matar de tédio.

Não contei para ninguém que tinha encontrado Sabina no museu, muito menos que combinamos de nos ver de novo para conversar sobre nossa futura possível parceria. Não era exagero dizer que passei o resto do fim de semana e aquele dia inteiro pensando nisso, ansiosa para essa conversa que eu não fazia ideia de como sairia.

Sabina Montserrat, afinal de contas, era uma pessoa imprevisível.

Ela me disse que tinha um dia cheio na segunda e perguntou se eu poderia encontrá-la no clube após sua aula de tênis. Me segurei para não soltar uma risada irônica e concordei, com a suspeita de que ela, na verdade, não queria ser vista comigo pela cidade. Tudo que acontecia no centro de Ventura, bom… *não* ficava lá. A cidade era pequena, majoritariamente composta por pessoas que frequentavam a mesma universidade, e todo mundo via tudo.

Porém não dentro do clube.

Clube este no qual fui barrada assim que cheguei.

— Eu tô te dizendo, ela está esperando por mim lá dentro — afirmei à recepcionista com cara de poucos amigos. Havia dois seguranças perto dela, com os olhos fixos em mim. O que eles achavam que eu ia fazer? Sair correndo? Mudei o peso do corpo de um pé para outro, incomodada. — Escuta, não tenho nenhum motivo pra querer entrar nesse… nesse clube. Eu vim aqui encontrar uma pessoa que está fazendo aula de tênis.

— Sinto muito, mas não posso deixar passar ninguém que não seja membro, a não ser que tenha sido convidado. E isso precisa constar no meu sistema — ela me informou, sem nenhuma emoção. Eu também já teria morrido por dentro se trabalhasse em um lugar desses.

Soltei o ar, irritada. Sabia muito bem que não adiantaria argumentar com ela. A culpa era da Sabina, que me mandou ir até o clube, completamente fora de mão para mim, e sequer se deu ao trabalho de avisar a eles que eu chegaria. Eu não evitava lidar com gente rica à toa, eles achavam que pessoas como eu estavam à sua disposição.

Naquele momento, me arrependi amargamente de não ter pegado o número dela. Eu poderia pedir ao meu irmão para pedir ao Karim, mas não queria ter que me explicar. Então fiz a segunda coisa mais plausível em uma situação dessas e a procurei no Instagram. Fiquei chocada ao ver que meus amigos a seguiam, mas pensaria nisso depois. Mandei uma mensagem para ela e esperei, parada na porta do clube, enquanto outras pessoas passavam por mim com olhares curiosos.

Era só o que me faltava.

Fiquei ali por quase vinte minutos, mandando mensagem para Sabina e repensando todas as minhas decisões. Estava com muita raiva e levemente humilhada, a ponto de dar no pé. Mas a quem eu estava enganando? Esperaria por uma hora se fosse preciso, por um dia inteiro, para poder ter aquela conversa.

Sabina Montserrat me tinha nas mãos e eu não gostava nada disso.

Ela finalmente respondeu, avisando que estava indo até a recepção. Quase dez minutos depois e a própria apareceu, toda suada, porém sem um fio de cabelo fora do lugar, mesmo após ter jogado tênis por sabe-se lá quanto tempo. Ela estava usando uma saia branca e um top cor-de-rosa, que deixava sua barriga bronzeada e torneada à mostra, o que era completamente *desnecessário*. Cruzei os braços, consciente demais da minha forma nada atlética, porém sequer havia espaço para insegurança quando eu já estava cansada de esperar.

Sabina trocou meia dúzia de palavras com a recepcionista, que mudou completamente de atitude quando estava lidando com a Toda-Poderosa. Pediu mil desculpas para ela e digitou em seu computador, ocupada demais para me ver rosnando.

Sabina se virou para mim, nem um pingo de remorso na expressão.

— Esqueci que você não é membro do clube — ela me deu sua explicação, que quase me fez engasgar no meu próprio sarcasmo. — Eles precisam ter seu nome no sistema pra te deixar entrar. Mas já que você já esperou aqui, pode me esperar mais um pouco? E aí a gente vai para aquela cafeteria no centro, o café daqui não é dos melhores.

Abri a boca, estupefata. Principalmente quando ela sequer me esperou responder e saiu clube adentro para trocar de roupa e "já voltava". Precisei respirar fundo para controlar minha vontade de puxá-la pelo rabo de cavalo, mas tudo que fiz foi me sentar em um dos bancos da recepção com um incêndio acontecendo na cabeça.

Ela não demorou muito dessa vez, mas, quando voltou, eu já estava cheia demais para conseguir ficar calada.

— Você veio de carro?

Abri a boca, e tudo saiu como uma avalanche de ódio, pronta para nocauteá-la.

— Não. Tive que pegar um ônibus e depois andar por vinte minutos pra chegar aqui e ficar mais quarenta minutos esperando por você, porque não pude entrar no seu clube — ralhei, com a chateação presente em cada palavra. — E tudo isso pra chegar aqui e ir embora, porque você decidiu tomar café em outro lugar.

Sabina piscou, pega de surpresa pela minha resposta afiada. Ela ponderou, nosso olhar preso um no outro de um jeito intenso. Ergui o queixo, sem me deixar intimidar pela postura principesca dela, segurando sua bolsa Chanel e usando um moletom esportivo com aparência cara com sua sainha branca e tênis com aparência mais cara ainda.

— Eu não sabia que você tinha algum problema em ir para o centro.

— É claro que não, você nem me deixou responder quando propôs — acusei, firme. — Sei que você tá acostumada a mandar e desmandar, mas, quando faz planos com alguém, a opinião da outra pessoa também importa.

Sabina piscou de novo, parecendo confusa a princípio. Então sua expressão mudou para algo sombrio e ela retesou a mandíbula.

— Eu vim até aqui — continuei falando — porque você me pediu, e não foi a coisa mais fácil. O meu tempo importa tanto quanto o seu.

Agora ela pareceu ficar ofendida. Era só o que faltava.

— O que você quer que eu faça? Peça desculpas? Bom, *me desculpa*.

Assenti.

— Já é um começo.

Sabina revirou os olhos.

— Já tô começando a me arrepender dessa ideia.

Babaca.

— É, você não é a única — respondi de imediato. Então mordi a língua e respirei fundo para me acalmar. Por mais que achasse que, em hipótese alguma, Sabina e eu conseguiríamos nos entender sem acabar querendo nos matar, estava me colocando nesse Inferno por um bom motivo. Tudo valeria à pena pelos quadros do Vicenzo. — A gente vai ou não vai pro centro?

Sabina pegou a chave do carro dentro da bolsa.

— Eu te levo.



A única coisa a respeito de Sabina Montserrat que sempre respeitei era o seu carro. Ela tinha um Camaro conversível *vintage*, provavelmente dos anos 70 ou 80, todo vermelho. Todo mundo conhecia o carro dela em Ventura e eu mesma já a vi circulando pela cidade com um lenço no cabelo e óculos escuros, parecendo uma atriz da Velha Hollywood. Então digamos que, apesar daquela tarde ter começado com o pé esquerdo, não me importei nem um pouco de ter pegado carona com ela.

Nós fomos para o XIX, que não estava tão cheio, e
pegamos uma das mesas com guarda-sol verde no pátio de trás, onde teríamos um pouco mais de privacidade. Sabina pediu um *matcha latte* e eu o meu café de sempre e um rolo de canela. Deixei para trás toda minha insatisfação com ela e estava pronta para falar de negócios.

Cruzei os dedos em cima da mesa.

— Ok. Vamos ao que interessa.

Sabina deu um gole na bebida, sem pressa.

— Eu ainda não disse se aceito ou não te ajudar.

Respire fundo, Hanna.

Contei até cinco e abri um sorriso falso.

— Bom, mas você está *aqui*. O que eu acho que é resposta suficiente.

Sabina me lançou um olhar desconfiado. Ela tinha uma capacidade enervante de te fazer sentir debaixo de um holofote, não porque você era a estrela do show, mas porque ela estava de olho. E era perturbador pra caramba.

Me remexi na cadeira, não gostando de estar sob a lente afiada dela. Sabina deu outro gole na bebida e deixou o copo de papel em cima da mesa. Suas unhas longas e vermelhas batiam na lateral do copo lentamente. Engoli em seco.

— Se a gente vai mesmo fazer isso, vamos precisar de algumas regras.

Ok. Progresso.

— Algo que me diz que você já pensou nelas, né?

Sabina abriu um sorrisinho minúsculo e assustador. Ela sabia muito bem como meter medo.

— Sim — afirmou, sem culpa. — Pra começar, você não pode divulgar pra ninguém nada que eu não esteja de acordo. E quando eu digo nada, é *nada mesmo.*

Assenti.

— Isso não vai ser um problema.

— Você também precisa aceitar se eu não quiser investigar mais — ela continuou. — Eu tenho total liberdade pra parar na hora que quiser, quando quiser, e não te devo satisfação.

Franzi o cenho, incomodada pelo modo como ela estava falando comigo.

— Se eu concordar com isso, você também precisa aceitar algumas coisas — falei, sem pensar, mas não me arrependi.

Sabina ficou intrigada. Seu par de sobrancelhas grossas não se moveu, mas era inquisitivo.

— Tipo o quê?

Me movi na cadeira de novo.

— Tipo, nós somos uma dupla de igual importância — falei. — Você não é minha chefe e não estou trabalhando pra você.

Ela pressionou os lábios em uma linha fina, pensando. Queria muito saber o que se passava na sua mente, porém fiquei satisfeita quando sua expressão suavizou. Eu estava sempre alerta com ela, à espera do próximo ataque, do próximo bote na nossa batalha velada por poder. Nenhuma de nós sabia como abaixar a cabeça, então qualquer indicação de que ela estava abaixando a guarda surtia um efeito igual em mim, como se fôssemos um espelho. Só me dei conta do quanto estava tensa quando relaxei os ombros e os senti pesados.

— Sobre o que aconteceu hoje… — Ela rodava o canudo dentro da bebida. — Foi escroto mesmo. Juro que não vai mais rolar.

Eu não esperava por isso. Mas assenti, aceitando de bom grado.

— Tudo bem. Você tem mais alguma exigência?

Ela assentiu. Algo na sua expressão me dizia que tinha guardado aquilo para o final deliberadamente. Meus ombros tencionaram de novo.

— Se a gente encontrar os quadros… eles pertencem a mim.

Arqueei as sobrancelhas, realmente sendo pega de surpresa por aquilo. Não imaginava que Sabina tinha qualquer interesse nos quadros, mas foi pura ingenuidade minha. É óbvio que ela queria ficar com eles, com certeza valeriam uma fortuna. Acho que ela notou pela minha expressão de desgosto para onde estavam indo meus pensamentos, mas não tentou se justificar.

Por que tentaria? Tudo girava em torno de dinheiro para pessoas como ela.

— Desde que você me dê acesso livre a eles. — Dei minha cartada. — Para minhas pesquisas e teses, para o resto da vida. Você não pode vendê-los para um estranho que vai colocá-los na sala de casa, a não ser que eu tenha acesso lá também. — Eu já estava cansada daquele papo burocrático, então, quando Sabina concordou comigo, eu disse: — Mas vamos ao que realmente interessa. O que você sabe, afinal?

Ela mordeu o lábio e empalideceu um pouco. Deu outro gole na bebida, fazendo um suspense que estava me matando a cada milésimo de segundo.

— Eu não sei muita coisa — admitiu. — Mas… sei como descobrir.

Franzi o cenho, extremamente confusa.

— O que você quer dizer?

Sabina suspirou e mudou o peso do corpo na cadeira. Ela se aproximou da mesa e fiz o mesmo, com os ouvidos abertos para o que quer

que ela quisesse me contar.

— A minha família tem muitas relíquias, como você pode imaginar — começou. — Uma dessas relíquias é uma chave, que atualmente pertence à minha tia-avó e, segundo as histórias, vem sendo passada de geração em geração pelos últimos séculos. E a dona original da chave era a Abigail. — Eu estava tão empolgada que precisei fazer força para me concentrar. Meu coração batia acelerado dentro do peito. — Abigail deu a chave para uma das suas filhas, a que ela mais confiava, e a fez prometer que faria a mesma coisa no futuro, escolheria o descendente que mais confiava para deixar a chave aos seus cuidados.

— E o que essa chave significa?

Sabina balançou a cabeça em dúvida.

— Ninguém sabe. Ninguém fala sobre o assunto e acho que virou só uma tradição de família mesmo passar a chave de mão em mão — explicou. — Todo mundo sempre se pergunta sobre quem vai ser o próximo dono, mas é só isso. Ou ao menos era o que eu pensava. — Ela deu outro gole na bebida. — O que você sabe sobre a Abigail?

— Tudo que é possível saber — admiti. — Ela não é meu foco, mas faz parte do meu curso estudar sobre ela também.

A relação de Emanuel Vicenzo e Abigail Montserrat era uma das mais icônicas da História da Arte de Costa Malva e era impossível passar pelo curso sem se deparar com eles várias vezes. O foco, obviamente, eram os quadros e não a vida pessoal dos dois, mas o contexto enriquecia a arte e atraía interesse. Quem não queria saber quem foram aquelas pessoas que nos deixaram até hoje falando sobre seus nomes como se nunca tivessem morrido? Era como se eles ainda existissem, vivos e latentes entre nós. Era como se fossem imortais.

— Você pode imaginar que, na minha família, a Abigail é quase como uma santa — disse. — Tudo a respeito dela, tudo que veio dela é sagrado até hoje, e eu cresci ouvindo falar sobre essa mulher tão fantástica e tão misteriosa ao mesmo tempo.

Abigail Montserrat era, de fato, uma mulher e tanto. Era belíssima e famosa na cidade inteira, popular entre a alta sociedade e entre os artistas, mas também adorada pelas pessoas comuns. Um espírito livre, mas que não revelava muito sobre si mesma além das aparências e da habilidade social do século XV.

Ela era a única que tinha o privilégio de observar Vicenzo pintar, já que foi sua única modelo viva. Ele tinha várias manias, dentre elas a de não pintar na frente de ninguém, nem mesmo compartilhando estúdios, mantendo mistério sobre seus quadros até o momento em que os revelava prontos. Porém Abigail o via trabalhar, mesmo quando o quadro não tinha nada a ver com ela. Ela era especial assim.

Quando Vicenzo morreu, ainda muito jovem, Abigail ficou de luto por anos e jurou que jamais se casaria. A parte mais triste da história dela, para mim, era o quanto jamais se recuperou da morte do amado, porém mesmo assim foi obrigada a se casar com um amigo da família, como uma mercadoria.

— Minha tia-avô, que é herdeira direta dela, nunca teve filhos e vive com a gente. Ela sempre gostou muito de mim e eu me lembro, na infância, que tomávamos chá juntas, com meus biscoitos favoritos, e falávamos sobre Abigail. Ela sempre ressaltava o quanto eu me parecia com ela e eu… bom, eu tinha certeza de que um dia a chave seria minha. Pra quem mais ela daria?

— E ela nunca usou a chave? Ninguém sabe o que ela abre?

— Não. Mas a minha tia-avó me disse que a chave é a resposta para os maiores segredos da nossa família — Sabina explicou, em voz baixa, com uma seriedade que fez minha espinha congelar. Seu olhar era intenso sobre os meus, como se quisesse me contar segredos através dele também. — Que ninguém sabe o que a chave abre por um motivo. Nem mesmo o dono da chave sabe.

Meu coração batia na garganta. Eu não sabia como me mexer.

— E você acha que esse segredo é o paradeiro dos quadros.

Sabina confirmou.

— Acho que esse segredo é o motivo pelos quadros terem desaparecido.

— Como você tem certeza disso?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não tenho — foi sincera. — Mas minha sensação é essa desde que era criança. Eu sempre *soube*. E posso estar muito enganada, mas não é isso o que vocês, historiadores, fazem? Vão atrás de pistas que não dizem nada sozinhas até montar o quebra-cabeça?

Eu mesma não poderia ter dito isso de maneira melhor. Sabina acertou em cheio, era como se ela estivesse me vendo de verdade pela primeira vez.

Senti um calafrio, mas o ignorei.

— Então você está me dizendo que o nosso primeiro passo é encontrar o que a chave da Abigail abre?

— Como em uma caça ao tesouro — ela acrescentou, confirmando. — Pode ser que esse tesouro não seja referente aos quadros, como eu acho que é, mas pode
ser que sim.

Foi a minha vez de abrir um sorriso. Meu rosto inteiro se iluminou quando eu disse:

— Então vamos encontrá-lo.

 CAPÍTULO 10 

Sabina e eu combinamos de nos encontrar de novo assim que ela conseguisse pegar a fatídica chave da Abigail com sua tia-avó. Segundo ela, a avó não andava com a chave por aí e ninguém sabia exatamente onde guardava. Ela era uma senhora difícil, porém felizmente gostava de Sabina e não seria tão complicado colocar as mãos no objeto.

Ou assim ela pensava.

A semana inteira passou e, toda vez que ela tentava mencionar a chave, a velha mudava de assunto. Era como se pudesse sentir as segundas intenções de Sabina, o que não estava ajudando nem um pouco. Sempre gostei de gente velha, mas não confiava nem um pouco neles. Como você pode confiar em uma pessoa que viveu setenta anos e, assim, teve muito mais tempo do que você para dominar a habilidade de te dobrar sem você nem perceber? E pior, pessoas velhas também tinham muita paciência e sabiam usar isso a seu favor — e contra o nosso.

Eu mesma não tinha nenhuma.

Sabina e eu trocamos números de telefone e, naquela semana, criamos o hábito de ela sempre me contar como tinha sido seu progresso.

Sabina: *A única coisa que consegui fazê-la falar é que a chave não tá no cofre*

Uma risada arranhou minha garganta quando li a mensagem, na quinta-feira à noite. Karim e Amir tinham saído para jantar e Louise e Calebe estavam na minha casa para fazermos um trabalho em grupo, mas larguei tudo na mesma hora quando vi o nome de Sabina nas minhas notificações.

Sabina: *Ela disse que mantém a chave perto dela*
Sabina: *Não com essas palavras, mas disse que a melhor forma de guardar algo é não perdendo de vista*

Fazia sentido.

Sabina: *Ela ta gostando de me manter curiosa,*
ta gostando da atenção e por isso não me responde nada direito
Sabina: *O que me leva a crer que ela não vai*
me contar onde a chave está tão cedo

Meu peito se afundou ao ler aquilo e fui tomada por uma preocupação súbita. Estava com raiva da velha, era óbvio, mas ela tinha o meu respeito por fazer Sabina de trouxa e manter seus segredos onde achava que deviam estar. Isso só não me ajudava em nada porque, pasme, Sabina e eu estávamos no mesmo time.

Estremeci ao pensar nisso.

Hanna: *O que a gente faz então?*

A chave, afinal de contas, era a nossa única pista e sem ela não tínhamos como avançar. Nós sequer sabíamos o que ela abria, mas, até mesmo para descobrir isso, precisávamos da chave conosco. Sabina já a tinha visto antes, mas não se lembrava com os detalhes que precisávamos. Nossa esperança era de que, ao ver a chave, ela pudesse ter alguma ideia de em qual porta, caixa ou armário no castelo estava a fechadura. Era um tiro no escuro, mas era tudo que tínhamos por enquanto… Se conseguíssemos a chave.

Mordi a unha, concentrada e tentando pensar no que poderíamos fazer para sermos mais espertas do que a tia-avó Montserrat. Porém Sabina estava alguns degraus à minha frente.

Sabina: *Não tem outro jeito, vamos ter que procurar nós mesmas*

Minha boca pendeu aberta, mas não tive certeza de que estava entendendo corretamente.

Hanna: *Você quer dizer procurar nas coisas da sua avó?*

Os três pontinhos que indicavam que ela estava digitando me deixaram encarando a tela em suspense.

Sabina: *Sim*
Sabina: *Tenho quase certeza de que a chave ta no quarto dela. É nossa melhor chance*

Soltei outra risada seca, dessa vez surpresa pela ousadia de Sabina. Esperei que ela mandasse outra mensagem dizendo que estava só brincando, mas isso não aconteceu. Meu coração acelerou quando percebi que não me oporia à sugestão dela. Eu já sabia que queria muito aquilo, mas dizer "sim" a invadir os pertences da avó de Sabina era algo diferente do que eu estava acostumada. E me fazia questionar onde estava a linha do limite em que eu (ou Sabina) não estaria mais disposta a ultrapassar.

Joguei o pensamento para escanteio, me obriguei a não analisar aquilo e apenas fui.

De modo que acabei indo parar na casa dela. Na parte privada do castelo de Ventura que sempre quis conhecer, mas nunca achei que aconteceria.

Fui direto para lá assim que saí da faculdade à tarde na sexta-feira. Eu estava de carro, mas ficava bastante perto do centro universitário, do outro lado do rio que cortava a cidade, no meio do centro histórico. Era possível ver o castelo do calçadão que margeava o rio, e uma das passarelas que o cortava estava ligada diretamente ao prédio através de um sistema de passagens secretas. Os turistas que iam até Ventura sempre se aglomeravam por ali, com os guias explicando tudo de um jeito exagerado e romantizado que me fazia gargalhar. Porém, quando me encontrei na posição de *ir* para o castelo (ele *de verdade*, não só o museu), estremeci como se fosse uma turista americana.

Estacionei onde pude, entrei no museu, e encontrei Sabina no mesmo lugar da outra vez: em frente à fonte do pátio central. Ainda estava cedo para o pôr do sol, entretanto.

Ela parecia bastante séria, como sempre. Estava usando um cropped cor-de-rosa e uma calça xadrez de quadradinhos bem pequenininhos, que parecia uma peça de alta costura (e em se tratando de Sabina, devia ser mesmo). Eu poderia dizer qualquer coisa sobre ela, menos que não sabia se

vestir. Eu, que estava no meu uniforme habitual de *mom* jeans, All Star e camisa, agradeci internamente por ter me lembrado de usar cinto e blazer preto naquele dia, que me fazia parecer mais respeitável perto dela.

Nós não nos falávamos se não fossem as breves mensagens sobre nossa busca e encontrá-la de novo foi um tanto constrangedor. Nenhuma de nós soube o que dizer depois do "oi". Havia certa tensão, que tinha sido alimentada nos últimos anos, então era estranho lidar com ela sem ter nenhuma animosidade envolvida. Toda a energia que meu corpo gastava quando a via ainda estava lá, se empilhando dentro de mim, já que não tinha um jeito de botar para fora. Eu não sabia se Sabina se sentia da mesma maneira, mas meu pescoço endurecia pela tensão no momento em que a flagrava com os olhos.

Cruzei os braços, desajeitada.

— Minha tia-avó vai sair daqui uns minutos pra encontrar as amigas dela no clube — explicou o motivo de não estarmos indo agora mesmo acabar logo com isso. — Você chegou rápido.

Assenti, pois tinha mesmo sido rápido. Geralmente tinha trânsito às quatro e meia da tarde no caminho entre o centro universitário e o centro histórico, principalmente no acesso à ponte principal.

— Tá tudo bem? — Sabina perguntou.

Soltei uma risada mais nervosa do que de escárnio.

— Não é todo dia que estou prestes a cometer um crime. — Usei meu sarcasmo para esconder o fato de que andava pensando sobre isso. — Muito menos quando o crime em questão é vasculhar o quarto de uma idosa e "pegar emprestado" algo valioso. — Fiz as aspas no ar.

Sabina piscou seus olhos amendoados, coroados por aquele fabuloso par de sobrancelhas grossas que a faziam parecer mais majestosa do que qualquer roupa cara. Eu odiava quando ela me olhava assim tão intensamente sem dizer nada, por vários motivos.

Primeiro porque me dava tempo de contemplar o fato de que todos os traços dela eram perfeitos e angulosos, como se tivesse sido esculpida por um dos artistas renascentistas que eu estudava. Segundo porque a pele dela também era desprovida de qualquer imperfeição, sedosa e parecendo ser bastante macia. E terceiro porque ela tinha esse tipo de olhar que impunha respeito mesmo que você *não* quisesse dar esse gostinho a ela — e eu definitivamente não queria.

Engoli em seco, me sentindo esquisita.

— Bom, pelo menos você foi convidada pra entrar na casa, está aí um diferencial — ela disse, simplesmente.

Isso… isso foi uma… *piada?*

Notei um tom de sarcasmo na sua voz, mas podia ser só coisa da minha cabeça, porque era assim que eu me comunicava com os outros. Porém havia também a sombra de um sorriso em seus lábios, algo muito discreto, mas que definitivamente estava ali. Pisquei, sem saber o que fazer com o fato de *Sabina* ter feito uma piada. Comigo. Meu coração estava agitado demais para meu próprio gosto.

Ela olhou no relógio do celular.

— Acho que a gente já pode ir e, se ela ainda estiver em casa, esperamos em uma das salas de estar.

Em uma das salas de estar.

Para o meu azar, meu coração deu um salto dentro do peito e meu rosto ficou todo dormente. Eu não sabia se estava fazendo um bom trabalho em esconder que estava completamente histérica por conhecer a parte privada do castelo.

Assenti e meus pés me levaram atrás de Sabina. Nós subimos as escadas para o segundo andar, depois para o terceiro, e era geralmente aí que o castelo terminava para os turistas. A escada para o quarto andar estava sempre fechada, com guardas e tudo fazendo a segurança para que ninguém ultrapassasse. Quando viram Sabina, entretanto, abriram passagem prontamente.

Eu não saberia o que dizer nem se tentasse, chocada, enquanto a seguia.

Ela não disse nada também, mas meus olhos capturaram cada pequeno detalhe da "casa" dela. Não sabia o que me esperava, porém fiquei surpresa ao perceber que o quarto andar seguia o mesmo padrão dos três anteriores, como uma continuação natural do museu. Eu já tinha visitado a área inúmeras vezes, como todo aluno do departamento de Belas Artes. O prédio estava cheio de artefatos históricos e valiosas obras de arte, além de salões preservados com a mobília de séculos atrás para que tivéssemos a chance de ver como viviam os Montserrat da época.

Eu não consegui acreditar que pessoas de verdade *viviam* ali, não só apenas fantasmas.

Sabina me levou até uma sala de estar e eu encarava tudo com olhos arregalados. As paredes estavam cheia de quadros e luminárias antigas e os móveis deviam ser também muito velhos. Relíquias intocadas. Sabina indicou um sofá verde digno de princesas e me sentei sem questionar, ainda sob efeito da inércia. Ela se acomodou em uma poltrona que seguia o mesmo padrão e parecia desconfortável.

— Uau — falei, mais para mim do que para ela. —
Eu não imaginei que fosse ser tão parecido com o resto do museu.

Sabina soltou o ar, parecendo cansada. Achei que não fosse dizer nada, mas, alguns minutos depois, após deliberar internamente, ela disse:

— A gente não pode mexer em nada.

Eu a fitei, surpresa por ouvir aquilo.

— Nem mesmo nos andares que ainda pertencem a vocês? Achei que só o museu fosse tombado.

Sabina deu de ombros de um jeito aborrecido, já arrependida por ter aberto a boca.

— Está no testamento dos meus antepassados que nada pode ser alterado e acho que ninguém pensou em mudar isso até hoje.

Assenti, me sentindo meio mal por ela… o que era um sentimento novo. Não achei que fosse capaz de sentir compaixão por Sabina, mas ela parecia tensa de um jeito diferente. Ok, o castelo era belíssimo, mas não acho que gostaria de morar num lugar que mais parecia um museu do que um lar de verdade.

Mas, ainda assim, ela vivia em um *castelo*.

Me estapeei mentalmente por sentir pena de gente rica. Balancei a cabeça em negativa, tentando não me distrair, mas o silêncio entre nós duas naquele mausoléu era ensurdecedor. Um dos quadros de uma mulher parecia me encarar e desviei o olhar, querendo evitá-la. Levantei do sofá e fui até a pequena sacada, que dava para o pátio central. Arqueei as sobrancelhas ao encará-lo do alto e respirei fundo, pensando em todas as gerações de Montserrat que viveram aqui antes, sem nem imaginar que a casa deles um dia seria a maior atração turística de toda a região. Era fácil esquecer que o museu já foi uma residência — *ainda* era uma residência — quando você se perdia entre os salões extravagantes e as obras de arte.

Aquilo me deixou mais desconfortável do que eu previa. Me virei para Sabina e a encarei mexendo em seu celular lá dentro da sala. Ela

parecia uma princesa moderna, isso era certo. Mas havia algo de sufocante em vê-la ali no meio daquelas relíquias, como se fosse mais uma prisioneira do que a uma proprietária.

Ela encontrou meu olhar e meu corpo inteiro ficou tenso. Não queria ter sido pega no flagra, mas desviar seria ainda pior. Ficamos nos encarando em silêncio, a cortina voando entre nós duas como um véu do tempo. Engoli em seco quando ela se levantou, nervosa pela sua aproximação, pois eu nunca sabia o que esperar dela. Sabina parou ao meu lado e se apoiou no batente da varanda, encarando a vista. Eu me virei também, o rosto pegando fogo, as batidas do meu coração em partes muito aleatórias do meu corpo. Sentia-me extremamente exposta, tão à flor da pele por estar perto dela que era desconcertante. Precisei morder a língua para evitar dizer algo maldoso.

— Não é tão impressionante, né? Quando você olha por dentro.

Precisei piscar algumas vezes para entender que ela estava falando sobre a sua casa. Pensei um pouco antes de responder, procurando as palavras certas. Lá embaixo, uma criança gritava e corria, brincando com seu pai no pátio.

— É surpreendente pra quem tá vindo aqui pela primeira vez. É chocante pra mim, que conheço o museu tão bem. É difícil de imaginar… sei lá, você ou o Karim tomando um banho em um chuveiro elétrico aqui dentro. — Fui sincera. — Ei, espera, vocês têm chuveiro elétrico, né?

Sabina soltou uma risada, algo completamente inédito na nossa relação. Mas acho que aquele dia estava sendo de "primeiras vezes".

— Sim, nós temos. E a cozinha é equipada também com micro-ondas, *air fryer*, geladeira… — ela brincou. — Se a Abigail pudesse ver como está a casa agora, ficaria chocada.

— Imagina a Abigail usando uma *air fryer* — soltei o pensamento no ar e nós duas rimos. — Acho que ela ficaria era meio desesperada.

— Ela *com certeza* acharia que é coisa do demônio — Sabina decretou.

— É claro que sim, como toda boa mulher católica do século XV.

Ela contorceu o rosto em uma careta.

— Valha-me, que terror deve ter sido viver no século XV. Ser obrigada a se casar com um homem qualquer pra não perder o acesso ao seu próprio dinheiro porque mulher nenhuma podia ter propriedades.

— Mas era essa a vida naquela época — ponderei. Sabina me encarou, curiosa. — Não que fosse *certo*, mas pelo menos ela não conhecia nenhuma outra realidade pra poder comparar. Imagina viajar no tempo pro futuro e ter que voltar pra essa vida?

— Eu preferiria me matar.

Arregalei os olhos e soltei uma risada surpresa.

— É, não consigo imaginar mesmo ninguém conseguindo te controlar.

A expressão no rosto dela, entretanto, era cheia de segredos.

— Você ficaria surpresa.

Ela olhou o relógio do celular mais uma vez.

— A essa altura minha tia com certeza já saiu. Está pronta pra cometer um crime agora?

— É melhor que eu esteja.

— Esse é o momento pra voltar atrás, se quiser — ofereceu.

Mas a quem eu estava querendo enganar?

Não havia nada que me fizesse voltar atrás.

 CAPÍTULO 11 

Invadir o quarto de uma senhora de idade e vasculhar todas as suas coisas tinha sido mais fácil do que eu imaginava para minha consciência e eu não fazia ideia do que isso queria dizer sobre mim. Sabina e eu passamos horas no quarto da tia-avó dela tentando encontrar a chave da Abigail, com todo cuidado para deixarmos tudo do jeitinho como tínhamos encontrado e não levantar nenhuma suspeita.

Por algum motivo, eu estava confiante de que encontraríamos a chave facilmente, porém a realidade me nocauteou sem misericórdia. Os primeiros sinais de frustração surgiram depois da primeira meia hora. Eu podia sentir que Sabina compartilhava do mesmo sentimento, mas nenhuma de nós disse nada em voz alta para não cortar a concentração.

Dona Judite, como era o nome da tia-avó, tinha tanto cacareco na sua suíte que poderia muito bem ser considerada uma acumuladora. Até mesmo um duende de jardim nós encontramos no seu armário, que era um closet gigantesco cheio de tudo o que se pode imaginar — incluindo o duende de jardim. Ela tinha caixa atrás de caixa cheia de cacarecos e gaveta atrás de gaveta também recheada.

— Eu não acho que ela deixaria a chave no meio dessas coisas — ponderou Sabina, com as mãos na cintura, tentando pensar em uma estratégia melhor de busca. — Não faz sentido, ela se importa demais com isso.

— Mas não tem nenhum cofre aqui — falei. Essa tinha sido a primeira coisa que nós procuramos no quarto e perdemos um tempão para ter certeza de que não deixamos nenhum cantinho passar. — E nenhuma gaveta ou porta fechada.

Sabina assentiu. Então começou a caminhar pelo quarto.

— Achei que fosse estar na gaveta da mesinha de cabeceira ou algo assim — admitiu. — Eu a imaginei pegando a chave todo dia antes de dormir pra admirar. Então precisava guardar em um lugar de fácil acesso.

Não achava que ela estava errada sobre isso. Fazia todo sentido, já que Judite era uma senhora bastante vaidosa e também bastante orgulhosa de ser a guardiã atual daquele bem tão valioso.

Minha mente deu um estalo.

— E se ela faz mesmo isso, mas o lugar de fácil acesso é outro — comecei. Sabina parou de andar e me encarou, sentada em uma das poltronas do quarto gigantesco. — Tipo, e se ela mantém a chave em algum compartimento secreto?

Eu me levantei no momento em que Sabina se aproximou, ambas pensando a mesma coisa.

— Um compartimento secreto na gaveta — dissemos quase em uníssono. Corremos as duas até a cama e abrimos a gaveta de uma das mesinhas de cabeceiras.

Tiramos tudo que estava lá dentro e me dei conta de que aquele não era exatamente um lugar de fácil acesso, mas precisávamos ter certeza de que estávamos erradas.

E estávamos.

Frustradas, colocamos tudo de volta no lugar nas duas mesinhas e voltamos a pensar. Levei o polegar à boca,
roendo a unha.

— E se é um compartimento secreto em algum outro lugar? — Sabina sugeriu.

Fizemos com as cômodas do quarto o mesmo que com as mesinhas, mas nenhum compartimento secreto foi encontrado no fundo de nenhuma gaveta. Sabina então começou a tatear as paredes, tentando encontrar alguma abertura nelas, algo que não tínhamos visto antes. Eu me sentei na poltrona de novo, encarando a lareira, tentando pensar no que fazer, mas minhas ideias estavam acabando. Alisei os braços da poltrona com as duas mãos e meu olhar estava fixo nos tijolinhos da lareira, embora não estivesse prestando atenção neles de verdade.

Então pisquei e minha visão ficou mais clara. Algo me ocorreu, um instinto que eu não sabia de onde vinha, mas que precisava arriscar. Senti a adrenalina correndo pelo corpo enquanto tateava os tijolinhos, que eram antigos como quase tudo dentro daquela casa. Tateei todos eles, querendo muito estar certa, sem aguentar o que sentiria se estivesse errada de novo e nós tivéssemos que sair daquele quarto de mãos abanando.

Foi então que senti um dos tijolos meio soltos.

— Sabina — chamei.

Ela veio imediatamente, enquanto uma injeção de adrenalina, prazer e ansiedade me invadia, algo que eu tinha sentido poucas vezes antes. Não foi tão fácil quanto eu esperava, mas, usando as unhas, consegui deslocar um dos tijolinhos e o tirei da parede, deixando um buraco à mostra.

Eu e Sabina encaramos o buraco em silêncio. Meu coração batia tão acelerado que mal podia ouvi-lo.

— E agora? — perguntou, tão atônita quanto eu por termos *mesmo* encontrado algo. Até aquele momento, nenhuma de nós duas acreditava completamente no sucesso daquela missão. Eu queria aquilo com todas as minhas forças, mas me dei conta, ao encarar o buraco vazio, de que ainda assim estava chocada por ele ser real.

Dei um passo à frente e enfiei minha mão lá dentro. Não era um buraco fundo e encontrei bem rápido um objeto. Tirei de lá e Sabina se aproximou para ver o que era.

— Uma caixa — ela disse.

Uma caixa de madeira antiga, entalhada com as letras A. M.

Abigail Montserrat.

Abri a caixa e o mundo inteiro se fechou bem ali, naquele momento, naquele objeto. Porque, dentro da pequena caixa de madeira, estava uma chave de metal.

A boca de Sabina pendeu aberta e quase soltei um gritinho.

A chave em si era comprida e formava um coração na ponta, revestido por uma pedra verde que devia ser esmeralda. Ao redor do coração, o metal delicado se revirava em um emaranhado de espirais muito bonito, conferindo à chave um ar romântico e delicado. Entretanto, o objeto era pesado e vibrava na minha mão como se tivesse muitas coisas a dizer. A eletricidade estática que vinha dela se espalhou por mim e por Sabina, nos ligando em uma única corrente.

— Ela existe mesmo — Sabina sussurrou, atônita demais até mesmo para se mexer.

— Achei que você já tivesse visto — falei, sem tirar os olhos da chave. Ela fazia o mesmo, nós e stávamos hipnotizadas.

— Eu menti — disse, com a maior cara lavada. — Minha tia nunca me mostrou, ela só fala sobre.

Sabina quebrou o encanto e consegui desviar o olhar da chave para encarar a sua cara de pau. Mas não estava
chateada. Nada poderia me chatear naquele momento.

— Sabina Montserrat, uma mentirosa.

— Eu não sabia que essa descoberta seria tão chocante.

Soltei uma risada, mas queria mesmo era gargalhar. Eu estava segurando a chave de Abigail! A pista mais concreta para entender o paradeiro dos quadros de Vicenzo que qualquer pessoa já encontrou em anos.

E ela estava literalmente em minhas mãos.



Sabina e eu acabamos decidindo devolver o artefato de volta para o buraco na parede e deixar o quarto da avó dela exatamente do jeito como encontramos — incluindo as partes escondidas. Isso porque nós não sabíamos com qual frequência Judite a pegava, se é que fazia isso. Mas preferimos não arriscar naquela noite.

Nós tiramos fotos com meu celular e foi muito difícil dizer adeus, mas saímos de fininho do quarto da mesma maneira como entramos. Nós duas estávamos ainda em choque por termos encontrado a chave e não soubemos o que fazer de imediato, mas acabamos voltando para a sala do sofá verde para pensar quais seriam os próximos passos.

— Você tem alguma ideia do que ela pode abrir?

Sabina negou com a cabeça, mas estava pensativa.

— Nada que venha à mente agora. Mas vou tentar pensar melhor. Assenti, ainda atônita. Tudo tinha ficado bastante real.

— Quando posso te encontrar aqui de novo? — perguntei, tentando ser objetiva. Minha mente maquinava qual seria nosso plano dali para frente. — Já que não podemos ficar com a chave o tempo que quisermos, temos que combinar quando vamos pegá-la de novo pra tentar achar a fechadura. E fazer uma cópia, se der tempo.

— Será que a fechadura tá aqui em casa?

Meu olhar no dela era intenso.

— Não tem garantia, mas precisamos tentar. É o único lugar em que faz sentido procurar agora.

Sabina fez menção de dizer algo, mas acabou apenas concordando. Eu estava atenta demais para deixar essa passar.

— O quê?

Pela expressão em seu rosto, sua mente parecia estar a todo vapor tal qual a minha.

— Nada. Você pode me encontrar aqui amanhã? — Sabina perguntou. — É sábado e minha tia deve ir para o clube de manhã.

Se eu pudesse, dormiria ali e passaria a noite inteira vasculhando o castelo, então obviamente podia sim encontrá-la no dia seguinte.

— Eu tenho uma reunião com minha orientadora, mas não vai demorar. Então sim.

— Ok — ela disse.

— Ok — confirmei. — Te vejo amanhã.

CAPÍTULO 12

Nunca em minha vida eu tinha encontrado Sabina Montserrat tantas vezes seguidas e passado tanto tempo com ela, mas, quando a vi de novo no sábado de manhã no pátio do castelo, sua presença não me causou nenhuma animosidade. Era quase como se eu estivesse me acostumando com ela, o que parecia impossível.

Sabina já tinha passado no quarto da avó e furtado a chave, e nós duas seguimos para os andares superiores do castelo, onde os Montserrat ainda viviam, para procurar por uma fechadura.

Era como procurar uma agulha no palheiro, pois não fazíamos ideia de como a fechadura se parecia, muito menos onde exatamente ela estava. E se tem uma coisa que decorações renascentistas têm em abundância são móveis.

Ao menos com a chave a gente tinha alguma pista.

Eu a peguei nas mãos de novo, sentindo seu peso como se fosse algo sagrado que, caso eu derrubasse no chão, estaria cometendo a maior das heresias. A chave era grande o suficiente para abrir um pequeno armário ou uma gaveta que fosse grande. Nós não achávamos que era possível abrir uma porta de entrada, então decidimos focar nos objetos.

— A gente deveria começar pelo antigo quarto da Abigail — Sabina sugeriu.

Arregalei os olhos.

— Achei que o quarto dela estava no museu.

Ela era, afinal, a Montserrat mais conhecida pelo grande público, provavelmente a que mais trazia turistas para conhecer a casa da grande musa da vida de Vicenzo e a modelo do quadro mais famoso de Costa Malva. Eu inclusive me lembrava do quarto dela no museu.

Sabina abriu um sorrisinho de quem sabia o que estava fazendo.

— Eu sei. Mas não custa nada dar uma olhada.

— Você não acha que, se tivesse algo nos móveis do museu, já não teria sido encontrado? Essas coisas não são expostas do nada, tem toda uma

equipe por trás — falei. Eu não era especialista em museologia, mas estava a par do funcionamento de exposições o suficiente para saber que esses objetos foram manuseados várias vezes antes de serem expostos.

— Não se eles não soubessem onde procurar. A gente vai lá e vê se tem algo que pareça que pode ser aberto pela chave. Caso sim, podemos voltar à noite, quando o museu está fechado.

Mais uma ação ilegal, pois nem mesmo Sabina podia mexer nos artefatos do museu sem permissão. Mas quem estava na chuva era para se molhar.

Dei de ombros, e fomos em direção ao quarto da Abigail, que ficava no segundo andar. Não havia tanta gente por lá, o que foi excelente para podermos dar uma boa olhada em todo o cômodo. Sabina caminhou por um lado e eu por outro. Ela tinha a chave em mãos e eu o celular aberto em uma das fotos que tirei na noite anterior. Não havia muitos móveis lá dentro, apenas um armário, as mesinhas de cabeceira e uma penteadeira. A penteadeira foi descartada na hora, pois tinha apenas fechaduras bem pequenas nas duas gavetas. Sabina estava observando as mesinhas de cabeceira, mas deve tê-las descartado também, pois acabamos parando nós duas de frente para o armário praticamente ao mesmo tempo.

Também não parecia ser uma combinação perfeita.

— Acho que é um "não" — Sabina disse, cruzando os braços ao meu lado.

— Definitivamente.

Nós saímos do quarto lado a lado e, enquanto caminhávamos, um pensamento nada agradável me ocorreu.

— Você acha que a gente devia fazer o mesmo nos outros cômodos do museu? Porque se reconhecemos a possibilidade de a fechadura estar nesse quarto, ela pode muito bem estar nos outros.

Sabina soltou um suspiro, nada empolgada para fazer isso. Já seria complicado vasculhar os andares privados do castelo, mas o museu *inteiro* era um desafio ainda maior.

— Eu estava com medo de você dizer isso.

Abri um sorrisinho, satisfeita comigo mesma, mas não com o que estava no nosso caminho.

— A gente tem que fazer isso.

Sabina suspirou de novo.

— A gente tem.

Então foi o que fizemos.



Infelizmente, não encontramos nenhum móvel ou porta que pudesse ser aberto pela chave da Abigail. Nós inclusive tentamos algumas vezes quando ninguém estava olhando, o que era totalmente ilegal, mas Sabina e eu já tínhamos feito as pazes com o fato de que não víamos problema em quebrar certas regras.

Ela olhou de um lado para o outro, se assegurando de que não tinha nenhum segurança ou turista vindo. Então suspendeu o polegar e correu até onde eu estava agachada de frente para um armário do tamanho de um frigobar.

— Vai, vai, vai! — disse, a adrenalina correndo em nossas veias. Tentei girar a chave, com as sobrancelhas franzidas, mas nada aconteceu. Bufei, frustrada.

— Esse também não.

Sabina jogou os braços para o teto e bufou também. Ela pousou as mãos na cintura e me levantei, guardando a chave no bolso da jaqueta, mas sem soltá-la. Queria ter certeza de que estava ali.

— Puta que pariu. — A essa altura, eu já estava acostumada a ouvi-la verbalizar sua frustração com um palavrão, embora tivesse ficado chocada na primeira vez. Agora, decidi questionar:

— Você *xinga*?

Sabina piscou seus olhos amendoados para mim, as sobrancelhas grossas também me encarando.

— Claro que sim. Por quê?

— Você não parece o tipo de pessoa que xinga.

— Que tipo de pessoa eu pareço ser? — ela perguntou.

Algo me dizia que ela sabia muito bem o que aparentava ser, mas ainda assim notei seu desejo por saber o que *eu* diria. A seriedade por trás da sua aparente casualidade me fez ajeitar a postura inconscientemente. Meu olhar estava preso no dela, me puxando para sua órbita, em que Sabina era o centro de todas as coisas. Como o sol.

Era difícil tirar os olhos dela. Mas fiz o meu melhor para não deixar transparecer que ela me deixava nervosa quando me olhava daquele jeito. Soltei uma risada sarcástica.

— Você não vai querer saber — foi minha resposta. E Sabina não contestou.

Continuamos nossa busca, que levou horas a fio perambulando pelos cômodos do museu, subindo e descendo escadas, driblando a segurança para não sermos pegas tocando o que não devíamos. Depois, subimos para a casa dela, e dessa vez era Sabina quem carregava a chave de novo. Ela a mantinha no bolso da jaqueta tal como eu.

Seguimos nossa dinâmica sem parar para nada. Agora, ao menos, podíamos tocar em praticamente tudo e não precisávamos ficar tão atentas ao que acontecia ao nosso redor, embora nenhuma de nós duas quisesse esbarrar com algum parente dela e ter que explicar o que estávamos fazendo. Então ficamos atentas da mesma maneira, como se ainda estivéssemos nos escondendo.

Já estava de tarde quando paramos um pouco, cansadas daquela busca que não estava levando a lugar nenhum. Fiquei no quarto e Sabina foi até a cozinha pegar algo para comermos. Não contestei quando ela voltou com dois sanduíches que não pareciam ser caseiros, percebendo só naquele momento o quanto estava faminta.

Mordi o sanduíche, sedenta, mas Sabina passou mais tempo observando a chave do que comendo. Ela parecia perdida em pensamentos, admirando o objeto de metal. Então algo na sua expressão mudou. Ela me encarou.

— E se procurarmos também na casa do lago? — propôs.

Engoli a comida, observando-a com cuidado.

— Vocês têm uma casa no lago? — indaguei, embora não sei por que fiquei surpresa com isso. É claro que eles tinham uma casa no lago, provavelmente em um dos condomínios ao leste, onde ficavam as belas mansões em que os ricos vinham passar fins de semana prolongados para "espairecer".

— Sim e tem… *muita* coisa lá. Coisas que costumavam ficar aqui. — Ela voltou a encarar a chave com uma expressão interrogativa, a testa franzida de um jeito que ainda assim a deixava bonita. — Não sei, acho que

já vi esse padrão em algum lugar — ela disse, observando o coração e as espirais ao seu redor. — E não acho que seja aqui em casa.

Pisquei, tentando entender o que ela estava dizendo.

— Você acha que a fechadura está na casa do lago?

Sabina mordeu o lábio inferior, incerta, e desviei o olhar de lá na hora.

— Eu… eu acho que sim.

Deixei o sanduíche de lado, percebendo que ela estava bastante séria. Senti um calafrio subindo pela espinha, curiosa sobre o local. Eu acreditava fielmente que era importante seguir a intuição e não precisava de muito mais do que isso para me convencer de que deveríamos ir até a casa do lago. Sabina podia estar errada, mas viveu a vida inteira em meio a tudo aquilo que estávamos vasculhando. Ela com certeza tinha memórias de detalhes que nunca foram importantes para ela, mas ainda assim tinham sido registrados pelo seu cérebro, adormecidos pelo tempo. Sua impressão de que a combinação perfeita para aquela chave estava na casa do lago poderia ser sua memória sendo acionada.

Eu acreditava naquilo. Iria aonde quer que ela quisesse me levar sem contestar, mesmo que fosse muito estranho me sentir assim a respeito de Sabina Montserrat, alguém em quem não confiava nem um pouco até poucas semanas atrás. Poucos dias. Ainda não sabia se *podia* confiar nela, mas não tinha outra escolha além de me deixar ser guiada, se quisesse encontrar respostas para minhas perguntas.

— Parece promissor — falei. — Quando podemos ir até lá?

— Agora mesmo, se você quiser.

Dei um gole na água que ela tinha trazido junto com o sanduíche. Eu já estava pronta.

CAPÍTULO 13

Quando chegamos a casa no lago, entretanto, ela não estava vazia. Sabina estacionou seu conversível vermelho vintage ao lado do carro do seu irmão, o que não deixava muitas dúvidas de que ele estava lá dentro.

— O que a gente faz? — Sabina indagou. Notei que ela realmente queria saber o que eu achava melhor, e o que eu decidisse, seria feito. Notei também que fiquei orgulhosa dela por não estar sendo uma mandona metida, mas não dei muita atenção para esse lapso da minha mente.

Pensei um pouco no que responder. Não queria perder a viagem, mas não daria para ficar revirando a casa com Karim lá dentro. Primeiro porque Karim não nos deixaria em paz no momento em que nos visse, e segundo porque provavelmente teríamos que nos explicar.

E eu não queria ter que me explicar.

Meu Deus, eu nem queria ser *vista* com Sabina, porque isso por si só levantaria perguntas. Meu coração acelerou e minha expressão mudou quando me dei conta disso. Eu a encarei.

— Hum, talvez seja melhor a gente ir embora e voltar outro dia — sugeri.

Ela ficou me encarando com aqueles olhos grandes e castanhos, com aquelas sobrancelhas grossas e críticas. Me senti exposta, mas não acrescentei mais nada. Sabina abriu a boca para responder, mas, no momento em que fez isso, a porta da casa se abriu e Karim apareceu. Por puro reflexo, deslizei pelo banco, como se quisesse me esconder, mas não tinha como.

O sorriso no rosto dele virou pura confusão quando me viu e, em milésimos de segundos, mudou para uma expressão de entretenimento.

Eu queria um buraco para me enfiar. Não conseguia explicar o quanto fiquei aflita de ser vista ao lado de Sabina, o que era irônico porque ela mesma, que era a herdeira esnobe, não moveu um fio de cabelo sequer.

— Sabi? Hanna? — Karim parecia extremamente confuso e estava amando cada segundo disso. — Aconteceu alguma coisa?

É, porque somente o apocalipse zumbi poderia explicar o fato de que nós duas estávamos juntas. A expressão no rosto dele me fez querer virar uma poça de água e evaporar, mas apenas fiquei imóvel no carro, com a mão em punho na frente da boca para não dizer nada estúpido.

Sem pensar muito, Sabina apenas revirou os olhos e disse:

— Não aconteceu nada. E a gente não te deve explicações.

Karim levantou levemente uma sobrancelha. Ele mordeu o lábio inferior como se estivesse refreando um comentário.

— Bom, mas já que estão aqui, o Amir tá fazendo margaritas.

É claro. Mas é *claro* que Amir estava lá também, aqueles dois não se desgrudavam.

Respirei fundo e tentei não deixar aquilo me abalar, mas a dor estava presente em meus olhos, se você prestasse bastante atenção.

Eu e Sabina trocamos um olhar cúmplice, ou algo parecido com isso, já que não sabia se poderia descrever nossos olhares dessa forma. Mas de alguma maneira concordamos com aquele olhar que era melhor aceitar o convite dele, ficar um pouco e deixar nossos planos para outro dia. Não faria tão mal dar uma pausa, faria? Nenhuma de nós queria isso, mas de jeito nenhum poderíamos procurar pela fechadura em paz, com Karim *e Amir* no nosso cangote.

Ela deu de ombros e abriu a porta do carro.

— Acho que *uma* margarita dá pra eu dirigir depois — ela disse e fechou a porta do carro enquanto eu saía também. Caminhamos até a entrada da casa e senti como se estivesse indo para algum tipo de castigo. Sabina e eu estávamos o mais distante possível uma da outra, para deixar claro que não estávamos juntas, *juntas*. Mesmo que, de fato, estivéssemos. Mas era mais complicado do que isso.

Amir ficou extremamente confuso quando nos viu, mas estava de bom humor naquele dia, fazendo as margaritas que tinha aprendido recentemente com um amigo do mestrado que fazia uns bicos como barman. Com toda a comoção acontecendo dentro de mim, nem consegui prestar atenção direito na casa, apenas que ela era *enorme*, e a cozinha tinha uma daquelas ilhas chiques e modernas. Amir tentou saber o que estávamos fazendo ali, porém Karim desconversou e, com um beijo no rosto do meu

irmão e um gole na margarita que lhe entregou, Amir deixou o assunto para lá.

Fiquei chocada. Mas não era eu quem iria reclamar.

Sabina e eu nos sentamos de lados opostos da ilha com nossas margaritas e ela fez uma cara muito engraçada de admiração quando provou.

— Isso daqui tá muito bom, Amir — afirmou, dando outro gole. — Que merda, não acredito que só vou poder beber uma.

— Ela tá dirigindo — Karim explicou e revirou os olhos, zombando da irmã por tomar a decisão certa.

— Pelo menos um de vocês nasceu com bom senso — Amir implicou com o namorado, que abriu um sorriso sacana, sem se abalar. Sabina soltou uma risada de escárnio.

— Eu roubei toda a sensatez no útero — ela disse, de um jeito que fazia parecer que essa era uma frase que ela repetia constantemente. Karim mostrou o dedo do meio para a irmã.

— Valha-me, Amir, isso aqui tá muito bom — elogiou de novo.

Soltei uma risada debochada e os três olharam para mim. Fiquei um pouco desconcertada pela atenção.

— Quê? Não dá pra elogiar tanto assim não, ele vai se achar ainda mais do que já se acha — me expliquei, na defensiva. Queria que meu irmão mais novo estivesse aqui para corroborar meu argumento.

— Hanna, você não gostou da margarita? — Amir perguntou, com uma expressão inocente que podia enganar os Montserrat, mas eu era macaca velha. Ele sabia muito bem que eu tinha gostado e estava perguntando aquilo apenas para me fazer admitir. Senti um aperto de ódio no coração e fechei a boca. Um sorrisinho minúsculo e supersacana saiu no rosto dele quando não respondi. Aquele safado. — Foi o que pensei.

— Vamos pegar as bebidas e ir lá pra fora — sugeriu Karim. — Amir e eu queríamos dar um passeio de barco antes de eu ficar completamente bêbado.

Era óbvio que eles tinham um barco.

Eu nunca tinha andado de barco e fiquei tensa com a ideia de fazer isso pela primeira vez, assim sem mais nem menos, porém não disse nada. Amir, por outro lado, parecia fazer esse tipo de coisa toda quarta-feira, o que me fazia sentir um pouco traída, mas eu me vingaria depois.

Nós todos fomos para os fundos da casa, onde havia o deque para o lago, assim como as outras mansões ao redor. Mas éramos os únicos lá fora naquele momento. Eles já tinham arrumado tudo e Karim me ajudou a subir no barco após Amir fazer o mesmo com Sabina. Agarrei a mão dele com tanta força enquanto pisava lá dentro que acho que ele notou minha tensão.

— Relaxa, Hanna — disse. — Eu sou um bom motorista, faço isso desde que a gente era criança.

Assenti, incapaz de dizer qualquer coisa, e me sentei no banco de couro de frente para Sabina. Ela me encarou por alguns segundos, porém desviou o olhar sem dizer nada. Estava fazendo calor e ela decidiu tirar o casaquinho quadriculado cor de pêssego, ficando apenas com o top exatamente igual. Fitei as tiras do top nos ombros graciosos e dourados dela, e meu olhar foi atraído para sua barriga delgada quando se inclinou para deixar o casaco debaixo de um toldo preto. Mordi o lábio e desviei o olhar, me sentindo culpada por ficar encarando, e também insultada comigo mesma por… ficar encarando *ela*. Enfiei o rosto ardente no copo de margarita e respirei fundo, tentando dissipar a sensação de desconforto e acalmar as batidas do meu coração para que pudesse ao menos tentar aproveitar o passeio — se o barco não virasse e a gente acabasse morrendo afogado no lago de Ventura.

Encarei o horizonte enquanto Amir ajudava Karim a desancorar. Era um modelo a motor, bastante grande e luxuoso, desses que eu sempre via, mas nunca tinha entrado. Não demorou para Karim ligar o motor e nos conduzir para além do deque. Meu estômago reagiu a princípio, não sei se de empolgação ou de medo, mas após alguns minutos consegui relaxar. Fechei os olhos, sentindo o vento forte e o sol quente no meu rosto, as gotinhas de água respingando em mim enquanto deixávamos um rastro de bolhas para trás. Abri os olhos e encarei ao meu redor, a paisagem daquela cidade que eu amava, com todas as casas chiques, os deques e as árvores verdes margeando a imensidão azul-escura do lago.

Fui atingida por uma sensação repentina de admiração, preenchida pela beleza do lugar. Meu olhar voltou a cair sobre Sabina, cujos cabelos voavam tanto quanto os meus, mas, no caso dela, parecia um comercial de shampoo. O olhar dela encontrou o meu e nenhuma de nós disse nada ou sorriu, mas também não havia a mesma barreira de antes. Apenas nos olhamos, como duas pessoas que se conheciam, mas ao mesmo tempo não.

Ela era familiar para mim, de certa forma, mas também uma completa estranha e, pela primeira vez, senti queimar dentro de mim uma vontade de entendê-la melhor. De conhecê-la a fundo.

Ela era um mistério, uma pessoa extremamente reservada e defensiva, mas, a encarando ali no barco, onde Sabina se encaixava tão bem como uma pintura de Vicenzo, me senti entrando na sua órbita por vontade própria.

O barulho do motor era bastante alto, então demos uma volta praticamente em silêncio. Quando retornamos para a casa do lago, eu me sentia diferente. Mais leve, talvez. Eu não fazia ideia de que passeios de barco poderiam ser a resposta para a minha ansiedade crônica, mas, pela primeira vez em muito tempo, senti que minha mente estava vazia. Meu corpo estava tão relaxado que mal conseguia reconhecer aquela sensação.

Os meninos tinham pedido pizza e, quando voltamos, ela já tinha sido entregue. A essa altura, eu já tinha tirado meus sapatos e a camisa mostarda que usava por debaixo do vestido preto. Fiz um coque no cabelo, sem me importar com o que Sabina pensaria ao me ver desleixada. Apoiei o peso do corpo nas duas mãos, sentada no deque com as pernas para fora. Sabina se sentou ao meu lado, mas não tive vontade de levantar. Ela me entregou um novo copo de margarita e em sua outra mão estava um pedaço de pizza que comia. A pizza estava aberta no deque, mas nossos irmãos estavam fazendo mais bebidas na cozinha, nos deixando a sós.

Agradeci pelo copo e ficamos em silêncio. O sol estava forte, mas não queria me mover.

— Acho que o dia não acabou do jeito que a gente imaginava — ela puxou assunto. Ou simplesmente disse o que estava em sua mente. Sorri e dei um gole na margarita, que estava mais forte do que a anterior. Ela me observava com uma expressão curiosa. — Mas você não parece incomodada.

— Você achou que eu fosse fazer o quê? Ficar emburrada pelo resto do dia e dar um jeito de ir embora?

Sabina sequer piscou antes de responder com convicção:

— Sim. É exatamente isso o que achei que você fosse fazer.

Deixei escapar uma risada de escárnio, mas não havia maldade nela. Chamou a atenção de Sabina, cujos olhos me fitavam sem pudor.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada — respondi, pensativa. — Acho que eu provavelmente faria isso mesmo. Não sei o que houve comigo.

Sabina piscou e limpou o molho de tomate no canto da boca, parecendo pensar também. Foi minha vez de ficar curiosa. Eu a encarei, e havia algo de diferente a respeito dela. Ou talvez fosse eu que estivesse diferente. Ou a energia entre nós duas. Eu queria saber o que ela estava pensando… sobre as coisas em geral, mas, principalmente, sobre mim. Algo dentro de mim se agitou, mas fingi que nada estava acontecendo.

— O quê? — perguntei. Esperei que terminasse de engolir, mas cada segundo de espera era um segundo a mais em que meus olhos passeavam por sua pele sua exposta e iluminada pelo sol, que começava a querer ir embora no horizonte. Seus ombros eram ossudos, assim como a clavícula, cortada pelas alças do top quadriculado. Subi o olhar pelo seu pescoço e parei no rosto dela bem no momento em que o seu se encontrou com o meu, naquela cor de café intenso e expresso, quente e amargo, mas com uma doçura branda.

Senti uma onda me atingir e recuar, deixando uma série de sentimentos que eu não sabia onde colocar, que não tinham espaço dentro de mim, e me deixaram formigando, ciente demais do fato de que eu tinha um corpo que bombeava sangue e reagia às outras coisas e aos outros corpos perto de mim.

Ela estava tão *perto* de mim.

— Não sei, eu só… entendo. Você. Eu acho — ela disse e fez uma careta, tão chocada por aquilo quanto eu. *Quem* éramos nós? Quem estávamos nos tornando? — Não sei muito bem como relaxar, principalmente quando tenho
um objetivo em mente.

Senti uma pontada no coração e dessa vez sequer tentei conter a sensação de identificação. Eu queria chegar ainda mais perto dela. Quando cruzou as pernas e seu joelho quase me tocou, faltou pouco para eu deslizar a mão sobre ele.

— Parece que foi isso que o Karim roubou de você no útero — brinquei, timidamente, me sentindo confiante. — Pra compensar o bom senso que ficou todo com você.

Sabina me encarou como se não fizesse ideia de quem eu era, e soltou uma risada genuína. Acho que nunca a tinha ouvido rir dessa maneira

e algo se revirou dentro de mim de novo, acelerando meus batimentos cardíacos. Sorri também, satisfeita comigo mesma, como se eu fosse uma criança recebendo a aprovação de uma professora. O som da risada dela era empolgante demais, tão acesa quanto a luz do sol sobre nós.

— Acho que sim — ela concordou. — Ao menos ele serve para alguma coisa.

Ah, o amor entre irmãos. Isso eu também entendia muito bem.

E lá vinham eles em direção ao deque com uma jarra gigante de margaritas que eu não sei como conseguiríamos beber inteira sem passar mal. Ainda bem que Sabina era responsável.

Não consegui olhar para ela de novo quando eles se juntaram a nós. Era íntimo demais e me tirava a coragem, como se, caso eu fizesse isso, fosse revelar algo para ela que não tinha coragem sequer de revelar para mim mesma. Então apenas o engoli, assim como os drinques que Amir fizera.

CAPÍTULO 14

— O que houve contigo que desapareceu? — Louise me perguntou, quando cheguei na sala da nossa primeira aula do dia. Eu tinha ficado mais distante desde que comecei minha nova aventura e ainda não contara nada para os meus amigos. — Nice foi ontem tirar o tarô pra gente, mas você não respondia o celular.

Eu os estava evitando. Passei o domingo inteiro refletindo, sozinha em casa, já que Amir dormiu na casa do lago com Karim. Estava cheia de trabalhos para entregar e provas para estudar, mas não conseguia me concentrar em mais nada. Nem conversar com ninguém que não fosse Sabina.

Sabina: *Levei a chave pra fazer uma cópia*
e agr a gente n precisa depender da original

Fiquei afobada quando recebi a mensagem e me virei de lado na cama, observando a tela sem responder. Ela não precisava de uma resposta, mas era estranho também não dizer nem um "ok". Mas só de ler o nome dela me fez subir um calafrio.

Eu havia sonhado com ela.

Com Sabina Montserrat.

Embora no sonho, em determinado momento, ela tivesse virado sua antepassada, Abigail. A mulher cujos mistérios nós duas queríamos desvendar e que me assombrava como um fantasma. No sonho, as duas eram uma coisa só, uma musa dentre a multidão de um baile imperial em um palácio que não era o castelo de Ventura. Havia joias e champanhe por toda a parte, risadas extravagantes e gente dançando, porém Sabina corria. Abigail corria. E eu seguia atrás dela, ansiosa para alcançá-la, porém vivendo a angústia de nunca conseguir.

Acordei meio atordoada, com a cabeça zumbindo pelas margaritas do dia anterior. Foi Sabina quem me levou até em casa, mas eu já estava

meio bêbada, me escorando na janela do conversível e admirando as luzes amareladas de Ventura durante todo o trajeto.

— Você me vê bêbada mais vezes do que deveria — resmunguei, mas estava de bom humor. A lua sobre nós era cheia e brilhante. No fundo, não gostei de ter chegado em casa e queria que Sabina continuasse dirigindo por aí, em uma caçada por toda a região.

— Talvez você beba demais — brincou.

— Eu sou fraca — expliquei, e soltei uma risada. Sabina ficou me encarando e acabou rindo comigo, mais relaxada do que eu já tinha visto até agora. Ela suspirou, as costas apoiadas no banco do motorista. Pisquei, sem me dar conta de que era eu quem deveria sair do carro e entrar em casa. Queria ficar ali. Era apavorante, porém também intrigante. Respirei fundo e fechei os olhos. — Tá sentindo o cheiro das azaleias?

Sabina fungou, olhando ao redor.

— Tô sim. São suas?

— Não, mas tem uns arbustos aqui na minha rua — expliquei. Saboreei o cheiro novamente, quase me deixando entrar em um transe. — Eu e o Amir alugamos essa casa em parte por causa do cheiro.

Sabina soltou uma risada e eu a fitei, curiosa. Ela
mordeu o lábio inferior e ficamos em silêncio, nos encarando. Sentia algo irresistível me puxando para ela, uma atração tão grande que deixou o interior do carro extremamente abafado. Meu rosto pegou fogo e minha garganta se fechou quando me lembrei da pele bronzeada dela sob o sol algumas horas atrás, o cabelo voando ao vento dentro do barco.

Eu não era uma pessoa muito sexual, minha atração por outras pessoas era algo que me deixava questionando onde me encaixava. Sabia que gostava de mulheres, mas eram poucas as que me faziam sentir desejo. Geralmente, eu precisava conhecê-las melhor e então o desejo surgia, nunca ao contrário. Eu mesma não entendia completamente a minha sexualidade, motivo pelo qual aquelas sensações que Sabina me provocava eram confusas. Não sabia o que era, mas, dentro daquele carro, com minha mente avoada pelo álcool e minha pele quente, eu queria tocá-la. Queria saber se a pele dela vibrava sob o meu toque; se ela calaria a boca caso eu encostasse meus lábios nos seus e se era possível desarmá-la.

Eu mal a conhecia propriamente. Ela mal falava sobre si mesma.

Mas eu a queria.

Antes que pudesse perceber, me inclinei na direção de Sabina e a beijei. Foi um beijo tímido, mas inconfundível, pois foi a consumação do desejo que eu não sabia que carregava. Ela ficou paralisada. Mas quando tentei intensificar o beijo, Sabina me afastou.

— O que você tá fazendo? — me perguntou, baixinho. Seu corpo estava tenso.

Eu a encarei tão de perto, não querendo falar nada, pois os lábios carnudos dela estavam bem *ali*. Minha boca se encheu de água e precisei engolir tudo que sentia para me concentrar em proferir palavras.

— Não sei.

Sabina permaneceu paralisada por alguns segundos, processando tudo. Então se remexeu e eu não fazia ideia do que estava acontecendo dentro da sua mente. Queria chacoalhá-la, porque ela me dava nos nervos e nunca falava o que eu queria ouvir. Me irritei antes mesmo de ela abrir a boca.

— Você tá bêbada — disse, usando a voz da razão extremamente arrogante que eu odiei. Mas havia algo de diferente no modo como me olhava. Eu acho. Ela lambeu o lábio inferior e eu me afundei de novo. — Você vai se arrepender disso amanhã. Sem contar que você é cunhada do meu irmão.

Fiz uma careta de confusão, mas não queria mais falar nada. Apenas sair dali antes que eu dissesse um palavrão para ela.

— Ok. Então tchau.

Abri a porta do carro e saí meio cambaleando, bêbada demais para ser um desastre, mas não para esquecer tudo que aconteceu. Motivo pelo qual, quando acordei no dia seguinte, no domingo, a primeira sensação que tive foi querer *morrer* no momento em que me lembrei do que tinha feito.

Como assim eu tinha beijado *Sabina*? O que é que havia de errado comigo?

Balancei a cabeça e deixei meu celular de lado, sem responder. Não queria pensar nela nem no que estava fazendo, já que ela tinha um compromisso. Mas não foi tão fácil quanto gostaria.

Durante o dia todo, minha mente voltava para o beijo e para a sensação dos lábios dela nos meus e o corpo tenso dela colado no meu. Voltava para suas palavras cortantes, me rejeitando com desculpas que até faziam sentido, mas não me deixavam sentir menos humilhada. Então a

raiva me consumia e gritei algumas vezes nas almofadas do sofá, brava comigo mesma por ter me deixado levar momentaneamente pela sedução de Sabina.

Pessoas bonitas eram extremamente perigosas. Quando a gente menos percebia, já estava querendo enfiar a língua na garganta delas.

Eu não sabia lidar com beleza. Era isso. Eu era facilmente impressionável pelo corpo feminino e confessava meu crime sem pedir por misericórdia.

Mas meu domingo estava arruinado.

Ignorei meus amigos e, quando Amir voltou para casa, me encontrou em um poço de mau humor e inabilidade de me socializar com qualquer um. Meus pais ligaram para ele e queriam falar comigo também, mas fingi que estava com dor de cabeça. Nem mesmo Bahij, meu irmão mais novo, foi capaz de me fazer querer viver naquele dia, pois a vergonha de ter me deixado levar pela luxúria por alguém tão insuportável quanto Sabina era maior do que todo o resto.

Minha punição era o exílio.

De modo que, na segunda, quando Louise me perguntou por que desapareci, eu apenas grunhi. Me sentei na carteira atrás de Calebe e flagrei quando os dois se entreolharam como quem diz "o que deu nela?".

— Acho que tô de TPM — falei. E não era uma mentira completa, porque, segundo o aplicativo que eu usava, minha menstruação deveria descer em dois dias. Vai ver esse era também um dos fatores que me fez tomar decisões horríveis. Estremeci ao me lembrar do beijo. — Vocês sabem que eu fico insuportável quando tô de TPM.

— A gente sabe — eles disseram, quase em uníssono.

Mas minha mente apagou e meu coração acelerou quando recebi mais uma mensagem de Sabina.

Sabina: *Tudo certo pra hj?*

Nós combinamos de voltar na casa do lago depois da aula de tênis dela. Dessa vez, Sabina passaria na minha casa para me pegar e eu não precisaria ir até o clube nem nada disso. Engoli em seco, mas precisava colocar a cabeça no lugar. O mais importante para mim era essa missão, era

encontrar os quadros. Quaisquer que fossem os lapsos de julgamento que tive por causa dela ficavam em segundo plano.

Respirei fundo e digitei minha resposta, confirmando que a esperaria. E nada precisava ser diferente.



Não sabia o que Sabina faria ou diria quando me visse de novo, mas a abordagem dela foi fingir que nada tinha acontecido. Usei a deixa para me fingir de burra também e dirigimos até a casa do lago em silêncio, apenas ao som do álbum *Evermore,* da Taylor Swift, que eu suspeitava que fosse a cantora favorita dela.

Finalmente estávamos a sós na casa do lago. Sem nossos irmãos, o lugar era silencioso e até mesmo mais assustador. Eu não tinha explorado muito no sábado, mas, conforme Sabina ia me mostrando os cômodos, fiquei com a sensação de que a casa era um depósito das coisas que os Montserrat tiraram do castelo ao longo dos anos.

— Acho que é isso mesmo — respondeu, quando expressei meu pensamento em voz alta. Nós trocamos um olhar, porém Sabina desviou rápido, focando no quarto cheio de móveis e artigos de decoração, como uma loja de antiguidades. Observei-a enquanto ela caminhava. Senti um calafrio e cruzei os braços.

— Você tá procurando alguma coisa específica? — perguntei, curiosa pelo comportamento dela. Havia uma determinação flamejante a envolvendo naquele dia. Sabina assentiu, porém não parou para me explicar.

— Tenho certeza de que tá aqui — afirmou. — Eu disse pra você que já tinha visto o padrão da chave em algum lugar e sei que foi aqui.

Começava a perceber que Sabina era uma pessoa bastante observadora. Ela guardava as coisas para si, mas não esquecia com facilidade. Sua memória armazenava tudo, o que a fazia parecer perigosa, mas também bastante fodona. Senti aquela comichão dentro de mim de novo e engoli em seco. Balancei a cabeça quando percebi que a estava encarando e decidi colocar a mão na massa também.

— Ok. Então estamos em busca do irmão gêmeo da chave — sibilei. Notei um vislumbre de sorriso nela e meu rosto ardeu. Mordi o lábio para não sorrir também e abri a galeria do meu celular na foto que eu tinha da chave.

Foi assim que passamos as próximas horas, vasculhando a casa de cabo a rabo atrás de algo, qualquer coisa, que remetesse ao padrão de espirais tão bonito que enfeitava a chave. Foi Sabina quem a encontrou, finalmente. Eram as gavetas de uma penteadeira branca, extremamente velha. Ambas tinham o padrão em volta da fechadura, onde na chave ficava o coração de rubi.

Meu coração dava solavancos enquanto tentávamos destrancá-las. Uma delas abriu, mas estava vazia. Porém Sabina e eu tentamos a mesma técnica de descobrir um fundo falso que usamos quando estávamos procurando pela chave.

Quando o fundo saiu, encontramos outra chave. Fiquei olhando, piscando, sem acreditar no que estava vendo.

— Só pode ser brincadeira — falei em voz alta. Sabina estava tão confusa quanto eu.

Ela franziu o cenho.

— Mais uma chave — constatou.

— O que a gente vai fazer com mais uma chave?!

Naquele momento, senti que tanto eu quanto Sabina éramos uma piada para Abigail e ela provavelmente estava rindo de nós do além. Toda a adrenalina de conseguir encontrar o par da chave dela se tornou frustração quando percebemos que precisaríamos ir atrás de outra fechadura. Porém eu estava determinada a não deixar aquilo me abater.

Sabina pegou a chave, que não era nem de longe tão bonita quanto a anterior. Era uma chave simples, daquelas que abriam portas nos anos 50 ou 60. Eu não tinha nenhuma ideia do que fazer com aquilo, porém Sabina arqueou as sobrancelhas grossas e me encarou, como se tivesse tido uma epifania.

— Acho que sei o que é isso — disse.

Eu a segui pela casa até um dos quartos do segundo andar, com um papel de parede listrado muito bonito. Ela tateou a parede até encontrar uma abertura muito discreta, que passaria despercebida se você não soubesse que estava ali. Imediatamente entendi o que ela estava fazendo, e meus olhos se

arregalaram pela ansiedade de aquilo dar certo. Mordi o lábio inferior, sentindo o coração martelar dentro do peito quando Sabina enfiou a chave nova na abertura pequenina e, como um passe de mágica, a parede se abriu para nós.

 CAPÍTULO 15 

Era uma porta secreta.

Segundo Sabina, ela e o irmão haviam notado a pequena abertura quando eram pequenos, mas ninguém deu bola para eles. O quarto onde a porta ficava havia sido da sua bisavó, e ela era bastante ciumenta com o aposento. Não gostava que ninguém entrasse lá além de si mesma e do empregado que o limpava, pois fazia questão de que estivesse sempre limpo e impecável. A bisavó Arlete era uma mulher cheia de manias, que fazia tudo do seu jeito; uma matriarca de mãos de ferro, que Sabina não chegou a conhecer, porém sabia que todos tinham medo dela. Tanto que, mesmo após sua morte, ninguém entrava em seu quarto, respeitando seu desejo.

Ninguém exceto os gêmeos, que ficavam desafiando um ao outro para ver quem tinha a coragem de entrar lá primeiro. Foi em uma dessas aventuras, engolindo o medo de que o espírito da bisa aparecesse para brigar com ela, que Sabina encontrou a fechadura — embora não tivesse se dado conta de que era uma fechadura até aquele momento.

Agora, nós duas encarávamos a porta secreta com um misto de choque e histeria. Do outro lado, havia um quartinho pequeno, com um único móvel de metal do lado de dentro. Ele era estranhamente bem arejado para um cômodo secreto no centro de uma mansão antiga, o que me levava a crer que tinha sido construído diferente ou reformado. Senti uma fisgada, como se a pulga atrás da orelha tivesse me mordido. Sentia que estávamos prestes a descobrir algo importante, mas que não fomos exatamente as primeiras.

— Sua bisa também foi uma das guardiãs da chave da Abigail? — indaguei. Sabina fez que sim com a cabeça, ainda sem conseguir falar.

— Acho que ela foi curiosa e encontrou algo antes da gente.

Entramos no quartinho e acendemos a luz amarelada. Eu reconhecia aquele móvel de metal, era do tipo onde se armazena documentos. Havia todo um cuidado para preservar documentos antigos, e um deles era mantê-

los em um lugar adequado. Em um armário de metal, de preferência, e afastado da parede. Em uma sala arejada, porém sem incidência de luz do sol e variação de temperatura.

Senti uma ardência no corpo todo ao me dar conta do que era aquela salinha. E meu coração quase saltou da boca quando a gaveta se abriu, revelando uma quantidade gigante de papeis guardados dentro de caixas alcalinas, separados por sacos e pastas. É claro que eu tinha grandes expectativas para minha caça ao tesouro maluca com Sabina Montserrat, porém nem em um milhão de anos imaginava que encontraríamos *ouro* antes mesmo do prêmio principal.

— O que é isso? — Sabina questionou.

— São documentos históricos — falei. Ela tentou tocar neles, porém a impedi. — Não! A gente não sabe quão velhos eles são, você precisa dos equipamentos certos pra tocar.

Ela aceitou sem questionar, mas ficou encarando a gaveta com olhos de cobiça. Eram muitos papéis. Provavelmente mais de duzentos. Minha cabeça estava *explodindo*.

Por sorte, eu estava com minha bolsa da faculdade e, dentro dela, havia um par de luvas que usei nas aulas de arqueologia que tive naquele mesmo dia. Ao longo da minha graduação, aprendi a tocar e limpar documentos históricos, que não deveriam ser muito manuseados, pois quanto mais velho o papel, mais frágil ele era.

Coloquei as luvas, concentrada, e peguei uma das pastas. Dentro dela, havia várias cartas, cada uma dentro de um saco plástico transparente. Sabina observava tudo por cima do meu ombro, em um estado de reverência pelo material encontrado. Não ousei retirar de dentro do plástico, mas era possível ler assim mesmo.

Eram cartas. Cartas aparentemente escritas por Abigail Montserrat e que ela desejava manter longe do olhar público. Os envelopes haviam sido preservados também, onde se via o selo da família. Porém, tudo o que eu conseguia pensar era “por que?”.

Por quê?

O que Abigail estava escondendo (e gostaria que ficasse assim, escondido, para sempre), mas não tivera coragem de destruir? Por isso guardou em sua escrivaninha e fez suas descendentes prometerem que manteriam em segurança.

— Isso tudo devia estar dentro da gaveta e sua bisavó resolveu preservar em algum lugar melhor — falei, ainda sem acreditar na riqueza daquele achado, no privilégio de estar na presença de algo tão valioso historicamente. Até o presente momento, cartas escritas por Abigail eram bastante escassas.

— O que a gente faz agora? — Sabina indagou, com medo de se mexer, até mesmo de respirar perto das cartas. Pisquei, tentando me manter concentrada na missão e não me deixar levar pela emoção. Meu olhar se encontrou com o dela, ambas cheias de expectativa.

— Agora a gente vai digitalizar tudo o que puder.

Foi isso o que fizemos. Pegamos nossos celulares, que felizmente tinham a função de digitalização de documentos. Fiz a maior parte do manuseio, pois Sabina estava com medo, porém ela me ajudou em tudo o que eu pedia, posicionando o celular de modo que tudo ficasse legível na tela. Trabalhamos em equipe, praticamente sem dizer nada uma para a outra, tentando conter a ansiedade de enfim poder ler o conteúdo das cartas. Ao final, saímos do quartinho, trancamos tudo, e voltamos para a sala do primeiro andar.

Sabina me mandou um dos arquivos e nós duas abrimos a carta ao mesmo tempo, sentadas lado a lado. Meu coração batia na garganta e minhas mãos tremiam de empolgação enquanto tentava me concentrar para ler a caligrafia floreada e minuciosa de Abigail.

— Isso… isso parece uma carta de amor — Sabina disse o que eu também me dava conta.

Terminamos de ler apenas para ter certeza e então nos entreolhamos, sentadas no sofá cor de pêssego da sala. Havia certa tensão entre nós.

— Deve ser para o Vicenzo, embora ela não diga o nome dele — falei, pois era de conhecimento geral que os dois eram apaixonados um pelo outro. Arregalei os olhos quando algo me ocorreu. — Onde será que estão as cartas de resposta? Será que elas ainda existem?

Sabina deu de ombros, perdida em pensamentos pelo que tínhamos acabado de ler. Ela encarou a tela, analisando as palavras poderosas de Abigail expressando seu amor. Era inegável que a mulher estava muito apaixonada, pois o sentimento transpirava das suas palavras. Nunca fui uma grande romântica, porém Sabina parecia impactada. Senti um calafrio me percorrendo, em uma espécie de reação tardia ao que tinha lido, agora que

permitia meu cérebro compreender o significado em vez de apenas o que representava para mim e para a História.

Meu estômago se afundou e esperei em silêncio enquanto Sabina divagava.

— No que você tá pensando?

Ela piscou seus olhos amendoados, coroados pelo seu par de belas e grossas sobrancelhas. O peito subia e descia pesado e meu coração errou uma batida quando ela me fitou.

— Essa carta é muito bonita — disse, timidamente. — Ela… ela conseguiu me fazer sentir tudo que estava sentindo.

Imaginei que "ela" era Abigail.

Assenti para mostrar que compreendia. Sabina engoliu em seco, o olhar no papel mais uma vez. Algo estava diferente a respeito dela. Era a mesma de sempre, porém havia uma vulnerabilidade que me pegou desprevenida. Era como se eu a estivesse vendo de verdade, sem todas as armaduras que vestia. E foi justamente uma carta de amor o que a desarmou diante dos meus olhos.

— Nunca li nada assim da Abigail antes — confessou. A intensidade no seu olhar era palpável. — Você sabe que tem algumas cartas dela por aí, nos museus inclusive, mas nenhuma com palavras assim tão poderosas. Ela sempre me pareceu uma pessoa tão contida, tão direta ao ponto e até mesmo fria, pelo modo como escrevia. Mas isso aqui — ela balançou o celular — é uma mulher completamente diferente da que eu achava que conhecia.

— Será que era por isso que ela queria manter em segredo? — sugeri. — Para que ninguém soubesse quão vulnerável ela podia ser? Principalmente depois de tudo que aconteceu com o Vicenzo.

Sabina sentiu uma pontada pelo que eu disse e mordi meu lábio.

— Não sei — ela sibilou, pensativa. — Ela é uma escritora boa demais pra ter ficado escondida todo esse tempo.

Sabina, a aluna da Faculdade de Letras, entendia de literatura.

— Que bom então que nós encontramos isso — falei, tão gentil quanto jamais havia sido antes com ela. Ela encolheu os ombros e me senti grande ao seu lado, com vontade de protegê-la. Sabina suspirou e me encarou de novo.

— Eu nem sabia que era possível sentir isso por alguém na vida real — comentou.

Abri um meio sorriso, um pouco envergonhada, mas não de um jeito ruim.

— Você nunca se apaixonou? — Não sei de onde veio essa pergunta, mas quando vi já tinha saído. Fiquei nervosa, esperando pela resposta, mas fingi costume.

Ela negou.

— Não, você já?

Neguei também, rindo com sarcasmo. Sabina arqueou uma sobrancelha, curiosa. Havia um sorriso provocante em seus lábios.

— O que foi? Qual a graça?

— Nada, é que foi engraçado pensar em mim apaixonada dessa maneira — tentei me explicar. — Não que eu ache que é impossível, mas nunca conheci ninguém que merecesse isso… que fosse importante assim. Mas achei que você sim — acrescentei. Afinal de contas, Sabina poderia estar solteira agora, mas namorou o mesmo cara por mais de dois anos. — Você não era apaixonada pelo Lucari?

Ulisses Lucari. Parte de uma das famílias mais ricas de Ventura, que Sabina conhecia desde criancinha. Eu o achava um grande babacão, mas sempre imaginei que, *bem*, esse fosse o tipo dela.

Ela pensou um pouco antes de responder, algo que, eu percebia, era uma característica sua.

— Eu gostava dele, é óbvio, não sou maluca — se defendeu, o que foi um tanto cômico. — Mas não gostava dele *tanto* assim. Acho que era apenas cômodo ter um namorado bonito e rico, como todo mundo esperava de mim — argumentou, sarcástica, e dessa vez fui eu quem senti a carapuça servir. — Sem contar que namorar é legal, eu sou preguiçosa demais pra ter que ficar saindo com pessoas diferentes. Gosto de rolê de casal.

Soltei uma risada pela sinceridade dela. Sabina espontânea até que era bastante divertida.

— Meu amigo Calebe diria que isso é uma pena, porque você tem muito potencial pra ser piranha — disse. Ela arregalou os olhos e fiquei nervosa, tentando me explicar: — Não, não! Não quero dizer que você seja piranha, mas você tem potencial.

Sabina piscou e riu com escárnio, me encarando como se eu fosse sem noção.

— E isso é uma coisa boa porque…?

— Porque você é toda bonita, tem essa energia de gostosa — falei, me enrolando nas próprias palavras.

Sabina soltou uma gargalhada e meu coração acelerou tanto que achei que fosse sair pela boca. Ela então me lançou um olhar intenso, que fez todos os pelinhos do meu braço e da minha nuca se arrepiarem quando disse:

— Então quer dizer que você me acha gostosa?

Na luz baixa da sala, nós duas sentadas no mesmo sofá e as cartas de amor de Abigail nos nossos celulares, eu me senti extremamente exposta àquele olhar. Abri a boca para responder, mas nada saiu. Minha pele, entretanto, estava quente, principalmente quando me lembrei da maciez dos lábios dela, do gosto de morango do seu gloss quando a beijei, desajeitada, dois dias atrás.

O clima mudou e comecei a ficar quente. Nós não nos mexemos enquanto eu pensava no que dizer.

— Não me faz essa pergunta como se você não soubesse que *é* gostosa — falei, tentando ser descontraída. — A princesa de Ventura — debochei, com bom humor.

Sabina pensou um pouco, mas aceitou minha deixa para não levar a conversa por um caminho perigoso no qual nenhuma de nós saberia onde daria. Os hormônios às vezes faziam essas coisas com mulheres carentes, e eu culpava Abigail por ter colocado minhoca na nossa cabeça com aquelas palavras poderosas.

— Tudo bem, tudo bem — Sabina disse e se levantou do sofá. Eu a encarei de baixo, mordendo a língua para não pedir a ela que não fosse a nenhum lugar.

Mas ela foi.

Ao banheiro, no caso.

Ou ao menos foi isso o que alegou que ia fazer quando se afastou de mim.

Eu a acompanhei com o olhar e, no momento em que a perdi de vista, abafei a cara em uma das almofadas do sofá. Depois dei um tapa no

meu rosto e encarei feio as cartas da Abigail em cima da mesinha de centro. Apontei o
dedo indicador para elas, prestes a dar um sermão.

— Não foi legal — reclamei. — Se comporte, sua mulher safada.

Era mais fácil culpar os mortos pelos nossos próprios pecados, afinal de contas. Ao menos Abigail não poderia responder.

 CAPÍTULO 16 

Sabina me enviou todos os arquivos das cartas digitalizadas para que nós duas pudéssemos ler com calma. Calma, entretanto, foi a última coisa que poderia me descrever. Eu estava obcecada. Passava 80% do tempo pensando nas cartas e nos outros 20% eu esperava que Sabina falasse sobre elas comigo para que pudesse pensar mais.

Imprimi todas elas para poder ler melhor e nós duas passamos os dois dias seguintes mandando uma mensagem atrás da outra, tão imersas nas cartas de amor de Abigail que era como se não existisse mais nada além disso. Mesmo quando eu estava em aula, ou quando me encontrei com minha orientadora, ou quando fui obrigada a sentar para comer o macarrão que Amir fez para comemorarmos à distância o aniversário de casamento dos nossos pais (não havia dúvidas de que ele era o filho favorito), não conseguia tirar as cartas da cabeça. Tinha chegado ao universo paralelo em que Sabina era a única pessoa que me compreendia e também a única com quem eu verdadeiramente queria conversar.

Nós tínhamos muitas dúvidas.

A mais importante era o motivo de Abigail ter tido tanto trabalho para manter as cartas escondidas, principalmente quando o romance dela com Vicenzo era conhecido por todos. Nunca foi um segredo. Nunca foi um problema. Muito pelo contrário, os Montserrat da época amavam o fato de que ela tinha sido escolhida como a musa do pintor mais famoso de toda Costa Malva; Abigail era um negócio tão lucrativo para a família quanto o próprio investimento na arte em si.

Ela era o rosto dos Montserrat, a cereja no bolo que mostrava que eles eram não só muito ricos e benfeitores, mas também exuberantes. Eles eram tudo o que qualquer um gostaria de ser. Abigail poderia ser considerada uma das maiores *It Girls* que já existiu no país antes mesmo de esse termo existir, e seu nome jamais foi esquecido. Jamais seria.

Eu nunca tinha presenciado Sabina falar tanto.

Ela mandava longos textos e áudios sobre as cartas e todas as coisas que sabia sobre sua antepassada que ficavam evidentes nas palavras dela. A garota me deu todo um contexto histórico, com fatos que eu sabia e com outros que não fazia ideia, mas que claramente a interessavam. Ela podia até ter aquela pose de que não se importava verdadeiramente com nada, mas eu começava a perceber que era tudo fingimento para esconder o fato de que Sabina era tão louca quanto eu.

Eu por Vicenzo e seus quadros. Ela por Abigail Montserrat.

Sem imaginar, acabei abrindo uma caixa de pandora quando a convenci a procurar os quadros comigo. Mas agora tudo fazia sentido, estava mais do que claro que ela aceitou porque, no fundo, era uma das pessoas que se apaixonaram por Abigail ao longo da história.

E eu não podia culpá-la.

Quanto mais líamos, mais eu ficava investida. E mais meu cérebro me pregava peças, confundindo as duas mulheres Montserrat como se fossem uma coisa só. Muitas vezes, enquanto estava lendo as cartas, era a voz de Sabina que ouvia na minha mente e meu corpo inteiro reagia, como se ela estivesse dizendo aquilo para mim. Eu não queria ter esse tipo de pensamento, mas mesmo quando tentava evitar e policiar a minha mente, acabava perdendo o controle quando dormia.

Porém, eu estava determinada a fingir que nada disso estava acontecendo, porque: a) Sabina podia ser uma grande gostosa e a gente até podia estar se entendendo, mas não tínhamos nada a ver; e b) ela já tinha deixado bem claro que não tinha qualquer interesse em mim, a "cunhada do irmão dela".

Tudo estava certo até Sabina me mandar a seguinte mensagem:

Sabina: Hanna, nós precisamos conversar.

Como qualquer pessoa normal, eu gelei. Respondi imediatamente perguntando o que tinha acontecido e ela disse que podia passar para me buscar naquele momento mesmo, se eu estivesse livre.

Eu não estava. Precisava terminar um trabalho para a faculdade, mas minha capacidade de me concentrar foi para as cucuias no momento em que ela me mandou aquela mensagem. De modo que eu disse:

Hanna: Ok, pode vir

Corri para me arrumar antes que ela chegasse e me visse fazendo cosplay de mendigo.

Não estava psicologicamente preparada para vê-la, mas fiz o melhor que pude para arrumar o cabelo, dar um tapa na maquiagem que parecia que nem estava ali, e colocar uma roupa bonitinha. Eu não sabia para onde iríamos, mas
ela queria conversar sobre as cartas, eu tinha certeza.

Imagine a minha surpresa quando, ao abrir a porta de casa, me deparei não só com Sabina dentro do seu conversível vermelho, mas uma cesta de piquenique no banco de trás.

Meu queixo caiu e meu coração acelerou.

O que estava acontecendo?

— Tá tudo bem? — perguntei, com a voz meio esganiçada. Cocei a garganta.

Sabina abriu um sorrisinho. Ela estava deslumbrante com um vestido de manguinhas bufantes, um lenço branco na cabeça e óculos de sol, parecendo uma atriz dos anos 50.

— Eu tenho coisas pra conversar sobre as cartas e tô cansada de fazer isso por mensagem — disse. — Também não queria fazer isso em público, então pensei em te levar em um lugar que a Abigail menciona.

Eu ouvia o que ela estava dizendo, mas meu nervosismo era tanto que não conseguia processar a informação.

— Ela menciona um piquenique também, então acabei me empolgando — continuou. Abriu um enorme sorriso radiante e confiante de dentes branquinhos que me quebrou completamente. Abri a boca, mas não consegui dizer nada, apenas ficar ali encarando aquela mulher. — Você vai entrar ou não? — Ela riu.

Nosso olhar estava preso um no outro e, por alguns minutos, me perguntei se aquilo era real, se eu poderia mesmo estar indo fazer um piquenique com Sabina Montserrat em uma quinta-feira de sol no fim da tarde. E o pior de tudo: isso me deixou *feliz*.

Entrei no carro e ela aumentou o volume do rádio (novamente Taylor Swift, a garota era viciada). A música da vez era *Right where you left me* e Sabina cantarolou a letra inteira com afinco. Eu ri dela, já um pouco menos surtada por aquele encontro repentino. Quer dizer, não um encontro, *encontro*. Não era isso o que estava acontecendo.

— Essa música me faz pensar na Abigail — revelou, como uma flor de verão desabrochando. Ela também cheirava muito bem, como sempre, de um jeito angelical e sexy ao mesmo tempo.

— Por quê?

Sabina deu de ombros, mas eu sabia que ela sabia exatamente o que ia dizer.

— Porque, na letra, a narradora fica parada no tempo, esperando pela pessoa amada que a deixou. E ela não consegue ir embora, não consegue sair daquele limbo, sempre a espera do amado — explicou. — Depois que o Vicenzo morreu, a Abigail nunca mais foi a mesma, ficou "esperando" por ele pelo resto da vida, só que ele nunca voltaria. E agora, sabendo o quanto ela o amava, consigo finalmente entender.

— Uau, quem é você e o que fez com a Sabina insuportável que eu conhecia?

Ela me fitou brevemente. O vento fazia nossos cabelos voarem.

— Eu sou bastante poética — disse, com bom humor. Eu ri, pois não poderia negar.

Nós dirigimos por uma estrada de terra no meio do nada, cortando a vegetação queimada da Constança do Sul, com as montanhas ao fundo ao nosso redor. Acabamos indo parar em uma parte do lago que eu nunca tinha ido, e que parecia mesmo mal ser frequentada por ninguém. Ela estacionou o carro e pegou a cesta, e a segui pelo campo cheio de florezinhas silvestres até chegar mais perto da margem do lago, onde havia algumas árvores. Montamos nosso piquenique na sombra de uma delas e nos sentamos sobre a toalha quadriculada que ela tinha trazido. Tudo parecia um sonho, com o céu cor-de-rosa, a lua precoce nos dando oi, a luz alaranjada da tarde fazendo Sabina brilhar como uma joia preciosa.

O vestido dela era lindo. Colado no seu corpo perfeito e sensual, tão curto que eu estava tentando o máximo não olhar para a região das suas coxas, mas o esforço estava fazendo meu rosto queimar. Dali, podíamos ver a ponte por onde passava o trem, e finalmente entendi onde estávamos.

Arqueei as sobrancelhas, me lembrando das cartas em que Abigail mencionava piqueniques às margens do lago e romantizava o som do trem passando no horizonte.

Será que ele está passando por nós ou nós que estamos passando por ele?

Peguei um pedaço da quiche de queijo que Sabina tinha trazido, pois estava com fome. Ela comia morangos com chocolate e nós conversávamos sobre o conteúdo literário das cartas. Conversávamos também sobre como ela encontrou esse lugar anos atrás e que sempre ia até lá sozinha desde que aprendeu a dirigir.

— Mas por que sozinha? — perguntei. — Achei que você não conseguisse ficar sozinha nunca.

— Eu sou uma pessoa reservada, Hanna — falou, estranhamente séria. — Gosto de ficar sozinha, gosto de contemplar as coisas. A arte, a natureza. As pessoas são distrações muito grandes quando se trata de contemplação.

Eu concordava com ela.

— Mas você me trouxe aqui.

Ela assentiu e seu olhar era gentil.

— Sim. Porque você entende.

Naquela luz, naquela paisagem, no meio daquele campo, meus olhos não conseguiam desviar dela. Eu queria tocá-la, queria beijar seus lábios macios de novo, e todo aquele desejo veio como um turbilhão tão intenso que não fui capaz de conter. Meu olhar desceu para a boca rosada dela e eu queria dizer alguma coisa poética também, queria acrescentar algo na sua fantasia de recriar o encontro entre Abigail e Vicenzo, mas estava fraca demais. Ela tinha tirado toda a minha força e me feito cair de joelhos. Se eu soubesse pintar tão bem como Vicenzo, com certeza teria imortalizado aquele momento e admiraria Sabina pela eternidade.

— Você tem quiche no queixo — ela disse.

Estendeu-se para limpar meu rosto e o toque dos seus dedos me fez sentir um calafrio que quase me desmontou. Nossos olhares se encontraram e a intensidade dela era um reflexo da minha. Tinha certeza de que ela sabia exatamente o que eu queria, porque não era possível que eu estivesse conseguindo esconder.

Eu estava em carne viva. Era uma sirene vermelha piscando de desejo.

Sabina retirou a mão do meu rosto, mas, quando achei que tudo estava acabado, ela simplesmente subiu no meu colo. Imediatamente a segurei pela cintura, ávida por tê-la concreta sobre minhas mãos, mas tudo explodiu em um emaranhado de sensações borbulhantes quando ela me beijou. Quase soltei um gemido, tão surpresa e impactada que fiquei por aquele momento. Ela desceu as mãos pelo meu corpo, as minhas agora estavam em suas coxas, e nossos lábios se devoraram no beijo. Eu nunca tinha ficado tanto tempo sem respirar, submersa na fantasia, afogada na tentação que se tornava realidade, porém não parecia possível ser saciada por completo.

Nós deitamos sobre a toalha, o corpo dela por cima do meu, os dedos dela nos meus cachos, por dentro da minha blusa, chegando até o meu sutiã.

Será que Abigail poderia ver o que tinha se tornado o seu lugar de amor preferido? Se dependesse de mim, seu legado permaneceria vivo. E eu, que nunca me achei nada demais, que nunca confiei na energia que vinha do meu corpo, que o rejeitava por não o considerar interessante o suficiente (principalmente para mulheres como Sabina), me senti a garota mais sensual do mundo, deitada naquela toalha no crepúsculo de primavera debaixo de uma princesa.

Ao fundo, o som do trem anunciava a sua chegada.



Ainda não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, mas não queria racionalizar nada enquanto ainda podia. Sabina e eu intercalamos entre nos beijar e comer os doces e quitutes que ela levou, e voltamos a falar sobre nosso assunto em comum favorito.

— Já parou pra pensar que talvez a pessoa para quem a Abigail mandou essas cartas pode não ser o Vicenzo? — falei.

Eu andava pensando nisso, mas não tinha dito em
voz alta ainda. Agora que o estava fazendo, me sentia uma herege, uma traidora da memória de Abigail. Mas não conseguia ignorar a pulguinha que

estava na minha orelha, me fazendo cogitar mil e uma possibilidades diferentes.

Sabi parou de comer a torta de chocolate e me encarou, meio chocada.

— *Como é?*

Eu me ajeitei, ganhando confiança para falar mais.

— É. Em momento nenhum ela cita o nome dele. Eu acho isso muito estranho, principalmente pros padrões de carta da época — questionei, nervosa por sequer levantar essa teoria. — Isso não te faz pensar? Porque não consigo deixar de me perguntar o motivo por trás disso.

Pela reação dela, Sabina não tinha reparado nisso tanto quanto eu.

A expressão pálida dela me fez rir.

— É só uma possibilidade.

— Uma baita possibilidade.

Meu coração acelerou ao me dar conta de que ela estava comprando a minha ideia. Esse era o perigo de Sabina, ela se jogava nas minhas ideias malucas.

— Eu me pergunto onde é que estão as cartas de resposta — falei. — Queria muito poder ler a outra parte dessas conversas, muito mesmo. Sinto que tem algo ali que seria importante pra gente.

— Então… era justamente sobre isso que eu queria conversar com você e te trouxe aqui — ela disse, se virando para mim com um olhar determinado. Eu estava cem por cento atenta. — Acho que sei como podemos encontrar.

Meu coração deu um salto.

— Como? — perguntei.

Sabina abriu um sorriso cheio de malícia que me fez ficar igualmente amedrontada e completamente atraída por ela. Aquilo que estávamos fazendo era perigoso para mim de diversas maneiras diferentes, mas eu não conseguia mais voltar atrás.

— Acho que finalmente chegou a hora de te levar pra dar um passeio pelas passagens secretas do castelo de Ventura — ela disse, com um sorriso sorrateiro nos seus lábios grossos e deliciosos.

E eu jamais diria “não” para aquela mulher.

 CAPÍTULO 17 

Eu e Sabina juntamos nossas coisas, colocamos tudo de volta no carro dela e rumamos para o castelo de Ventura com uma missão: desbravar as passagens secretas.

— Quando eu era criança, eu e o Karim vivíamos brincando dentro das passagens — revelou, como se confessasse que gostava de fazer travessuras. — Nossos pais diziam pra gente não fazer isso, mas aí é que a gente queria fazer mesmo.

É claro.

— Enfim, conheço esse castelo de cabo a rabo e, quando a Abigail falou sobre o quadro do homem narigudo, mexeu com a minha memória — ela disse. — E se as cartas ainda estiverem lá?

Em uma das correspondências de Abigail, ela disse para seu interlocutor não se esquecer de deixar as cartas dele "atrás do homem narigudo, aquele de capa verde e olhar feroz", o que não fazia nenhum sentido para mim, mas aparentemente Sabina sabia do que ela estava falando.

— Mas lá *aonde*? — eu queria saber, desesperada. Sabina parecia louca, mas eu era pior. Nós duas juntas em uma correria eufórica obviamente resultou em voltar na minha casa para pegar meus equipamentos de manuseio de papel, as lanternas que ela tinha no carro, e voltar até o castelo para caminhar por passagens secretas em busca de alguma pista.

— Uma coisa que você precisa saber é que existem
muito mais passagens secretas no castelo do que as que estavam abertas para visitação no museu — explicou, com uma carinha de quem sabe das coisas. — Nem todas estão interligadas entre si, mas eu e Karim descobrimos na infância que dá pra ir de um lado a outro do castelo através dos túneis escondidos. Dá até pra chegar ao centro de Ventura usando esses túneis, sem que ninguém te visse usando a porta principal.

— Isso é muito foda — deixei meu lado nerd falar mais alto, empolgada pela simples ideia de Abigail e seu interlocutor usando passagens secretas para se encontrarem em segredo, entrando e saindo do castelo sem serem visto, explorando Ventura do jeito como queriam, tão mágico quanto as histórias infantis de princesas e cavaleiros.

Sabina e eu paramos em frente a um quadro na parede do corredor onde ficava seu quarto. Quando o encarei, reconheci o homem narigudo, de capa verde e olhar feroz. Não fazia ideia de quem era o pintor, não parecia ser ninguém muito famoso, mas com certeza foi um dos discípulos de Vincenzo, a julgar pelo modo como pintava. Sabina afastou o quadro, e atrás dele escondia-se uma porta de madeira. Quando ela abriu a porta, demos de cara com a escuridão de um dos túneis. Fiquei de boca aberta, mas Sabina não queria perder tempo.

— Atrás do homem narigudo tem uma passagem secreta — balbuciei. Encarei minha parceira de crime. — Você acha então que as cartas estão aí dentro? Mas onde?

— O que vocês estão fazendo? — a voz de Karim cortou o corredor, vindo em nossa direção.

Eu e Sabina paralisamos, levando um susto pela voz repentina. Nos fitamos, e meu coração batia na garganta por termos sido pegas no flagra. Sequer poderíamos inventar uma desculpa, pois não havia como fingir que não estávamos fazendo exatamente o que ele estava vendo. Pela primeira vez, Sabina ficou sem fala, enquanto não só Karim, como também *Amir*, nos observavam com uma expressão investigativa.

— Isso tá muito estranho, vocês duas juntas com essa cara de que estão aprontando alguma — Amir afirmou, cruzando os braços. Eu engoli em seco. — Hanna, pode começar a se explicar.

Ah, mas era só o que me faltava.

Antes que eu pudesse dar uma resposta afiada, Sabina apertou meu braço.

— Não estamos fazendo nada de errado, eu só resolvi mostrar a passagem secreta pra Hanna.

Amir piscou.

Karim piscou.

Sabina piscou.

Observei tudo como se fosse um gatinho indefeso querendo recuar.

— A essa hora da noite? — Karim parecia cético. Ele cruzou os braços e abriu um sorrisinho de quem estava se divertindo. — Ok, *habibi*, pode desembuchando. O que vocês estão aprontando de verdade?

Nós duas nos entreolhamos, mas acho que nem eu nem ela tínhamos qualquer ideia de mentira para contar. A gente só queria poder entrar naquela droga de túnel e saber se encontraríamos ou não o que viemos procurar.

De modo que eu apenas soltei um suspiro irritado, sem tempo para nossos irmãos.

— Valha-me, não é nada que tenha a ver com vocês dois — falei. — A gente não tá fazendo nada de errado nem perigoso, fiquem tranquilos aí.

— Vocês não vão entrar sozinhas nesse corredor escuro — disse Amir, o que fez até mesmo Karim olhar para ele com uma cara de interrogação. Meu irmão fitou o namorando também. — *O que foi?* Não dá pra ver nada lá dentro.

— Amor, você precisa superar um pouco essa masculinidade tóxica — Karim criticou e me fez sentir bastante validada. Finalmente alguém estava do meu lado! — Elas não são nem um pouco indefesas, tá tudo bem.

Amir abriu a boca, mas não soube o que dizer.

— Que tal vocês irem conversar sobre isso em outro lugar enquanto eu e a Hanna terminamos o que viemos fazer? — Sabina sugeriu, com sua voz assertiva. Porém Karim a fitou na mesma hora.

— Não, não. Nós vamos com vocês.

Meus olhos saltaram de órbita e os dela se reviraram.

— Cadê todo seu discurso sobre não sermos indefesas?

— Vocês não são. — Deu de ombros. — Mas eu tô curioso pra saber o que tá acontecendo pra vocês duas terem virado amigas do nada.

— Sim — Amir confirmou, parecendo meio deslocado depois de ter sido criticado pelo namorado, mas sem perder a pose de irmão urso. Foi minha vez de revirar os olhos.

— Que seja, deixe-os virem com a gente — falei, já de saco cheio de toda aquela energia paternalista.

Sabina me encarou surpresa, querendo confirmar que eu estava falando sério. Eu assenti.

— A gente não vai conseguir se livrar deles — falei. — Então que seja.

Sabina suspirou, coçando a testa ao encarar nossos irmãos abestalhados.

— Valha-me, então seja o que Deus quiser.

Ela empurrou mais a porta, alargando a entrada do túnel. Nós quatro passamos para dentro e bati na lanterna até que houvesse luz suficiente para iluminar nosso caminho.



— Mas o que exatamente estamos procurando? — Karim indagou.

Eu e Sabina até tentamos nos esquivar das perguntas, mas acabamos contando tudo para eles. Que estávamos procurando pistas a respeito dos quadros perdidos de Vicenzo e, com isso, acabamos encontrando cartas de amor da Abigail, que pensávamos ser sobre Vicenzo, mas todo o esforço dela para escondê-las nos fazia questionar o que exatamente estava acontecendo com aquela mulher do século XV.

Uma boa fofoca histórica.

— Estamos atrás das cartas de resposta às da Abigail — Sabina disse. Ela também segurava uma lanterna e o braço de Karim estava entrelaçado no seu. Imaginei os dois fazendo isso incontáveis vezes quando crianças. Já Amir vinha logo atrás de mim, tenso. — Nas cartas, ela menciona que vai aguardar pelas respostas no lugar de sempre, que ela chama de "túnel". Em outras, diz que espera pelas cartas atrás do "homem narigudo, aquele de capa verde e olhar feroz". Já em outras, diz com todas as letras que a outra pessoa deve deixar as cartas debaixo do alçapão com o dragão entalhado. Sabe do que eu tô falando?

Karim não precisou de muito tempo para se dar conta de onde estávamos indo. Ele parecia meio chocado que aquele alçapão pelo qual os dois passaram tantas vezes durante a infância continha qualquer coisa de especial.

— Vocês acham que vão encontrar lá ainda? Alguma carta?

— É isso o que queremos descobrir.

Não demorou até chegarmos ao tal alçapão. Ao longo do caminho, havia vários deles. Eram discos de ferro no meio do chão de pedra e não pareciam nada especiais. Sabina disse que nunca sequer pensou em levantá-

los, mas que fazia sentido que alguns estivessem soltos, embora não parecesse. Ela entregou a lanterna para Karim e nós dois iluminamos o dragão entalhado enquanto Sabina e Amir tentavam mover o disco de metal. Foi incrivelmente fácil, tanto que nenhum de nós acreditou completamente quando o disco se moveu.

Entretanto, o buraco no chão estava vazio.

Sabina e eu sentimos o mesmo balde de água fria caindo sobre nossas cabeças.

— Tá vazio — constatou Karim, inocente. Esperava por instruções do que faríamos agora.

Nós pensamos um pouco. Amir já estava pronto para decretar o fracasso da missão e voltar para a segurança do castelo.

— Talvez esteja em algum outro alçapão? — sugeri.

Foi a deixa para continuarmos procurando, mas infelizmente nenhum dos outros discos de metal se moveram. O túnel era um lugar tão úmido que comecei a pensar que talvez as cartas tivessem mesmo ficado ali por algum tempo, mas tinham se deteriorado com o passar dos anos. Fiquei aflita pela possibilidade de perder algo tão valioso quanto aquelas cartas, embora não fosse culpa nossa. Porém saber que existiram em algum momento e não poder tê-las quando estávamos tão perto de descobrir a verdade era angustiante.

Procuramos por todo o túnel, chegando até a outra ponta, cuja saída era no centro de Ventura. Sabina abriu a porta para nos mostrar que estávamos no beco perto do XIX, por onde eu sempre passava, mas nunca prestei muita atenção. Agora, do lado de dentro da passagem secreta, observando o mundo acontecer do outro lado por uma fresta da porta, eu sentia como se estivesse *dentro* de Ventura. Como se fosse parte de algo intangível.

Sabina segurou minha mão no escuro e eu a apertei. Queria repousar a cabeça em seu ombro, mas, com nossos irmãos ali, me sentia acuada. Livrei minha mão da dela e anunciei o que ninguém queria ouvir (exceto Amir):

— Acho que não tem nada aqui mesmo. Melhor voltar pra casa.

Frustrados, seguimos em silêncio o caminho para o castelo. Eu não sentia mais tanto medo do túnel, agora que o conhecia até o final, mas estava me sentindo um tanto claustrofóbica, fechada pelas suas paredes e

também pelos meus pensamentos a mil. Foi Karim quem abriu a porta de novo, deixando a luz do castelo entrar. Nós seguimos a luz e voltamos para o corredor da casa. Sabina fechou a porta de madeira com o trinco, porém antes de fazer o mesmo com o quadro, ela paralisou.

A essa altura, eu já conhecia aquele olhar de quem está tramando alguma coisa. Fez borbulhar uma expectativa viciosa dentro de mim.

— O que houve? — me perguntei.

Ela não me respondeu. Em vez disso, balbuciou:

— *Encontre as cartas atrás do homem narigudo*.

Seus olhos brilharam em um momento de epifania e Sabina se moveu rápido. Ninguém entendeu o que ela estava fazendo, até que a garota começou a puxar a madeira atrás do quadro. Não foi preciso muito esforço, pois era um fundo falso, tal qual a gaveta onde as cartas de Abigail estavam antes de serem resgatadas.

E, assim como elas, outras cartas de papel amarelado e antigo aguardavam por nós atrás do quadro.

Sabina procurou meu olhar, mas precisei de um momento para lidar com a adrenalina. Peguei minhas luvas dentro da bolsa, coloquei também minha máscara transparente, e resgatei as cartas com todo cuidado. O estado delas, obviamente, não era tão bom quanto as de Abigail, e meu coração parecia que ia explodir, mas, quando as segurei com todo o cuidado, me senti a mulher mais poderosa de todo o mundo. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas lutei contra elas. Agora ainda não era o momento.

Nossos irmãos ficaram em um silêncio tão absoluto que até me esqueci de que eles estavam ali.

O que estava acontecendo?

Sabina e eu olhamos para as cartas sentindo uma mistura de felicidade e choque, e uma descarga elétrica passou pelo meu corpo inteiro como se fosse um raio me atingindo. Será possível que era o nosso destino encontrar essas evidências? Será que elas estavam esperando por *nós* o tempo todo, ao longo dos séculos?

Sabina parecia saber exatamente onde procurar, era como se tivesse sido levada até ali. Eu não era uma pessoa espiritual, mas começava a me questionar se ela ter tido todas essas experiências certeiras ao longo da

infância tinha sido apenas mera coincidência. Principalmente porque havia uma ligação inegável entre Sabina e as cartas, como se elas
estivessem vibrando ao estarem perto de sua escolhida.

Eu com certeza estava perdendo a sanidade, mas era esse um dos efeitos colaterais do que estávamos fazendo. Sempre achei que fosse o meu destino encontrar os quadros de Vicenzo, mas e se eu fosse apenas uma ferramenta no caminho que o destino nos preparou? Uma ferramenta para Sabina?

— Vamos embora daqui — disse a voz da garota, grave e autoritária, me fazendo ter outro calafrio que quase me derrubou no chão.

Ninguém ousou questionar.

CAPÍTULO 18

Ninguém estava, também, preparado para o que encontramos ao abrir os envelopes. Havia pelo menos uma dúzia deles e eu os manuseei com todo cuidado, em cima da escrivaninha de madeira que Sabina limpou para mim. Nós fizemos o mesmo trabalho de antes, digitalizando tudo, e então guardamos as cartas em envelopes de plástico, em uma caixa alcalina que eu havia comprado e trouxera de casa. Sabina foi rápida e imprimiu tudo enquanto eu finalizava os processos.

Não havia nem de longe tantos documentos quanto os que achamos na casa do lago, mas foram suficientes para percebermos que o amor da vida de Abigail, a pessoa com quem ela trocava cartas apaixonadas, não era Emanuel Vicenzo.

Eu soube disso logo de cara, pois a caligrafia não era a dele. Era delicada como a de Abigail, floreada como a de uma dama.

Era a letra de uma mulher.

Meu coração se afundou ao me dar conta de que o romance mais épico de toda a história da arte do meu país era uma farsa e eu sequer estava conseguindo processar isso completamente quando percebi que a amante de Abigail era nada menos do que *outra mulher*.

Nós estávamos no quarto de Sabina, porém Karim e Amir apenas observavam curiosos. Retirei o celular das mãos de Sabina, enquanto ela lia em voz alta, parando no meio de uma frase qualquer.

— Com licença? — ela disse, mas eu estava focada demais em analisar a caligrafia.

Cheguei o aparelho para perto dos meus olhos, prestando atenção na redondeza e nas curvas das letras, como era típico das mulheres daquela época, não dos homens. Troquei a página, sentindo o coração bater em todas as partes do corpo, mas a pessoa assinava apenas com “Seu eterno amor” e as iniciais V.V.

— Isso aqui não foi escrito por homem — disse em voz alta o que estava na minha mente, que parecia à beira de um colapso. — Essa é

claramente a letra de uma mulher.

Quando levantei o olhar do telefone, os três outros rostos me encaravam, confusos.

— Como assim letra de mulher? — Amir quis saber.

— As mulheres e os homens tinham caligrafias diferentes antigamente — expliquei. — Não era que nem hoje em dia que a gente aprende tudo igual. Os homens deveriam escrever de um jeito mais reto e as mulheres mais arredondado e cheio de floreios como esse aqui, olha.

Mostrei o papel para ele, e Karim se inclinou para ver também. Sabina não se moveu, provavelmente porque já sabia do que eu estava falando. Nossos olhares se encontraram e ela estava completamente pálida.

— Valha-me, então quer dizer que a Abigail era bissexual? — Karim fez a pergunta de um milhão de dólares. — E estava tendo um caso com uma mulher? — ele continuou.

Eu pisquei, ainda em choque, pois era muito difícil de acreditar que Abigail trairia Vicenzo. Era praticamente impensável, ia contra tudo aquilo que eu julgava saber sobre meu próprio objeto de estudo, mesmo que tenha sido eu a levantar a possibilidade.

— Mais uma vitória para os LGBT! — disse Amir, em um raro momento de piada, que fez Karim gargalhar alto, orgulhoso do namorado.

Sabina e eu não sabíamos o que dizer. Eu não fazia ideia do que ela estava pensando, mas me reconhecia na sua expressão de total confusão e surpresa.

— Será que ela e o Vicenzo sequer foram um casal? — Sabina se questionou, trazendo a atenção para si. — E se ela estava com ele só pra acobertar esse outro romance? As cartas que ela escreveu… é algo que se escreve pro amor da sua vida.

— É uma possibilidade — Amir ponderou. — Não conheço a história dela como vocês, mas se ela era uma mulher *queer* no século XV, então com certeza precisaria esconder isso de qualquer maneira. Imagina, era capaz até de acabar queimada.

Karim riu, mas meu irmão, dessa vez, não tinha feito outra piada. Era a mais pura verdade.

Porém meu cérebro não conseguia processar nada aquilo. Eu entendia o que estava sendo dito, mas um fio tinha sido desconectado e meu

olhar arregalado denunciava que na minha mente havia agora apenas uma tela azul de ERROR 404.

— Acho que preciso beber alguma coisa — balbuciei.

Karim bateu as mãos, como se estivesse pronto para tornar os meus desejos realidade.

— Sim, você precisa. E eu e o Amir, na verdade, estávamos de saída pra festa de aniversário de um amigo meu no 366. Vocês duas deveriam vir com a gente.

— Não, eu não quero ir. Quero ficar aqui lendo essas cartas pra tentar entender alguma coisa — disse Sabina.

Eu assenti, concordando, porém Karim discordou.

— Nada disso. Vocês duas estão aí todas abaladas, precisam tirar isso da cabeça um pouco antes que tenham um derrame ou sei lá.

— Concordo com o Karim — disse Amir. — Não a parte sobre o derrame, mas acho que vai fazer bem pra vocês se distraírem um pouco.

A última coisa que eu queria fazer era sair daquele quarto.

Porém eu também estava com muito medo do que encontraria naquelas cartas.

Não. Karim estava certo. Eu estava à beira de um colapso. Precisava que alguém me tirasse dali antes que o pior acontecesse e eu não conseguisse sair nunca mais.

— Se a gente for, posso chamar meus amigos? — perguntei, porque se Calebe descobrisse que fui ao 366, o exclusivo bar do clube de regatas, sem ele, estaria com os dias contados. Sem contar que ver Calebe e Louise agora, em tempos de crise, me faria muito bem. Tanta coisa tinha acontecido nas últimas 24 horas que eu não saberia nem como começar a explicar se eles me perguntassem.

— Claro! Pode chamar quem você quiser. Podemos ir todos juntos pra ser mais fácil.

Talvez essa não fosse a melhor decisão do mundo e, a julgar pela expressão no rosto de Sabina, ela não estava nada feliz com isso. Mas às vezes tudo que uma jovem mulher precisa é de bons drinques e está disposta a tudo para conseguir.

O amigo aniversariante de Karim era nada menos do que o filho do prefeito de Ventura, o que surpreendeu um total de zero pessoas. Porém nem eu, nem meus amigos estávamos acostumados com esse tipo de galera.

— Se alguém me dissesse que um dia eu estaria no aniversário do filho do prefeito, eu teria rido na cara da pessoa — brincou Louise, enquanto rodava o canudinho do seu drinque colorido, com uma rodela de abacaxi na borda e tudo.

— Essa é a nossa chance de pegar um herdeiro que nem o Amir fez — Calebe falou, com seus olhos de águia analisando o salão. Ele parecia um vilão de novela mexicana, rodopiando um copo de uísque, com um bigodinho fino e camisa de gola alta. Soltei uma risada, porque apostaria minha vida na vitória de Calebe em qualquer empreitada.

— Estamos torcendo por você, amigo — Lou o apoiou. — Quanto a mim, não espero nada de bom de homens hétero com dinheiro, então prefiro namorar apenas o meu drinque por hoje.

— Sábias palavras — concordei. — É difícil a vida da mulher hétero, pobre Lou.

— Você ainda pode ficar com um homem bi, não desiste tão fácil — Calebe tentou animá-la. — Hanna, e você? Já viu alguma gata que te agradou?

Imediatamente pensei em Sabina e que não precisaria ir atrás de ninguém para beijar naquele dia, porque já tinha feito isso. Algumas horas atrás. Sobre a toalha de piquenique que ela tinha arrumado para nós.

Mordi a língua para não contar tudo aos meus amigos e afundei o rosto no copo, sentindo-o queimar ao me lembrar dos detalhes sórdidos daquela tarde. Havia sido um dia tão intenso que eu mal podia acreditar que nós tínhamos
nos beijado há poucas horas e sequer falado sobre isso.

Quer dizer, será que havia o que ser dito? Será que precisávamos conversar sobre o assunto?

Agora que eu estava em um ambiente completamente diferente e deixei minha mente vagar por outra coisa que não fossem as cartas (justamente porque *não* queria pensar nisso), os beijos quentes que troquei com Sabina inundavam minha memória, me deixando presa em um labirinto de desespero e tesão.

Eu estaria mentindo se dissesse que não queria beijá-la novamente. Estaria mentindo se dissesse que meu olhar não vagava o tempo todo até onde ela estava e me imaginava puxando seu cabelo do jeito mais sensual possível, jogando-a na parede e beijando-a até nossos lábios ficarem dormentes.

E era *esse* tipo de pensamento o que me deixava completamente… horrorizada.

Não que fosse ruim. Não que fosse errado. Mas eu não estava acostumada a sentir desejos sexuais dessa maneira tão intensa. Porém lá estava eu, cavando minha própria cova ao perder a conta de quantos lugares diferentes do corpo dela eu queria passar a língua.

Dei um gole bem grande na minha bebida e fiz uma careta enquanto descia queimando pela garganta.

— Nada de beijo pra mim — falei. — E nada de ficar muito bêbada também.

Calebe me encarou com aqueles olhinhos estreitos e nada convencidos.

— Vamos ver por quanto tempo isso vai durar.

Para minha felicidade, durou a noite inteira.

Não fiquei bêbada e também (infelizmente) não beijei ninguém. Karim apresentou seus amigos para os meus e Calebe acabou arrastando suas asinhas para ninguém menos que o próprio filho do prefeito, o que fez Lou e eu gritarmos como adolescentes em um show do One Direction quando os vimos dar o maior beijão. Ela tirou uma foto minha mostrando a língua para fora (eu não estava bêbada, mas estava sob efeito do álcool, não me julguem) com o casal beijoqueiro de fundo. Nós rimos uma para a outra e então meu olhar se encontrou com o de Sabina, que observava tudo do seu cantinho com as amigas (que ela, diga-se de passagem, nos apresentou também).

Fiquei sem reação ao flagrá-la me encarando e abri um sorrisinho tímido, sentindo o coração bater no ritmo da música alta, e as luzes neon da festa a tornarem ora rosa, ora amarela, ora roxa.

Ela era um caleidoscópio de cores que fiquei admirando. Deveria ter ido até ela, mas como a covarde que sou, não fui. Fiquei apenas pensando nisso o resto da noite, querendo ir até ela enquanto a observava. E fui dormir com a sensação de que alguma coisa estava fora do lugar.

 CAPÍTULO 19 

Acordei no dia seguinte com o celular vibrando na minha barriga. Levei um susto e levantei, chutando a coberta para fora da cama e quase derrubando o abajur da mesinha de cabeceira. Tive a sensação de ser acordada bruscamente de um sonho, mas não me lembrava de nada. Peguei o celular que ainda vibrava e o atendi sem nem ver quem era.

— Oi.

— Hanna, o que você tá fazendo?

— Dormindo — resmunguei ao ouvir a voz da Sabina. Deitei de novo, dessa vez de barriga para cima. — Que horas são?

— Quase duas da tarde — ela disse, claramente me julgando por ainda não ter acordado. — Você pode vir aqui? *Agora*.

O que eu queria, na verdade, era xingá-la por ter me despertado de um jeito tão brusco. Meu coração ainda estava acelerado, mas respirei fundo para conter o mau humor.

— Bom, eu ainda preciso me levantar, pra começar. O que aconteceu?

— Hanna. Só vem aqui.

Suspirei, mas concordei com ela e desliguei para poder me arrumar. Eu não era uma pessoa imediatamente ativa quando acordava, mas tentei não ser tão lenta dessa vez. Sabina tinha uma urgência na voz que, a cada minuto em que eu acordava um pouco mais, me deixava aflita para entender o motivo.

O que mais poderia ter acontecido?

Por que ela já estava acordada se nós só fomos embora do bar quando já estava quase amanhecendo?

Será que ela estava lendo as cartas que encontramos e achou algo que precisava compartilhar?

As cartas eram o único motivo pelo qual eu achava que Sabina me ligaria, mas não quis tirar conclusões precipitadas, pois ainda me sentia

mexida demais pelo nó que as últimas descobertas tinham dado no meu cérebro. Eu ainda precisava digerir aquilo melhor, embora não entendesse exatamente o que estava sentindo. Era uma sensação de perda… como se o cerne da minha vida, que, convenhamos, era *sim* a minha carreira acadêmica, tivesse sido baseado em algo que, agora, a gente descobriu que nunca existiu.

A maior fanfic histórica de que se tinha notícia.

É claro que eu queria entender e dissecar a verdade, pois, afinal de contas, eu era uma historiadora e minha sede pelos fatos era maior do que tudo. Estava me permitindo sentir meu luto porque sabia que, no momento em que pegasse aquelas cartas de novo, apertaria o acelerador sem pensar em mais nada. Afinal de contas, tinha achado algo relevante demais. Algo que mudaria muita coisa no meu campo de estudo.

Peguei o carro que dividia com Amir e rumei até o castelo de Ventura. Lá, encontrei Sabina no pátio central, como costumávamos fazer antes. Porém, dessa vez a garota veio até mim esbaforida, tão agitada que até me pegou desprevenida, porque Sabina normalmente era muito graciosa.

— O que aconteceu? — repeti a pergunta que fiz pelo telefone.

Ela estava nervosa e segurei suas mãos como uma maneira de acalmá-la. Ela entrelaçou os dedos nos meus e diminuí ainda mais a distância entre nós duas. Podia sentir sua respiração.

— Hanna, eu não consegui dormir e acabei pegando as cartas pra ler, porque estava muito curiosa — ela começou a explicar. — E você não vai acreditar no que encontrei.

— Respira fundo — falei, como se fosse especialista em conter minhas emoções. Mas eu estava extremamente calma naquela tarde ensolarada.

Sabina fez como eu disse e conseguiu se acalmar o suficiente para continuar falando. Meu polegar fazia carinho na mão dela que eu ainda segurava, e com a outra passei uma mecha do seu cabelo solto para trás da orelha. Seu olhar estava fixo no meu, aqueles dois poços castanhos e amendoados que me faziam sentir um turbilhão de coisas.

— Pronto. Tá tudo bem.

Ela balançou a cabeça, ainda aflita.

— Hanna, preciso te mostrar, porque, se eu te falar, acho que você não vai acreditar.

Agora era eu quem começava a ficar nervosa.

— Falando assim parece que você encontrou um dos cavaleiros do Apocalipse.

Soltou uma risada tensa.

— Você não tem *ideia*. Vem, vem, vamos pro meu quarto.

Ela me puxou e fui atrás dela, com nossas mãos unidas. Nenhuma de nós disse nada ou fez menção de quebrar o elo, então apenas fui como se fizéssemos isso o tempo todo e não estivesse com borboletas no estômago por estar segurando a mão de Sabina em público.

Quando chegamos ao quarto dela, Sabina me soltou e precisei cruzar os braços para conter a ausência imediata que senti. Meus sentimentos estavam todos descontrolados e engoli em seco, pois não era nisso que precisava focar agora. Meu Deus, eu estava agindo como uma amadora, deixando minhas questões pessoais serem mais importantes do que o trabalho que, claramente, precisava da minha atenção.

Porém não conseguia evitar pensar em Sabina o tempo todo e, quando estava perto dela, querer tocá-la, querer sentir seus lábios macios. Engoli em seco enquanto ela voltava, segurando a cópia de uma das cartas, tentando tirar da cabeça que nós ainda não tínhamos falado sobre nosso beijo.

Será que tinha sido algo momentâneo e que jamais se repetiria?

Será que não significava nada para ela?

Eu não conseguia suportar essa possibilidade, que com certeza partiria meu coração.

Mas nós nos sentamos na cama com armação de princesa no centro do quarto e Sabina me entregou a carta que, segundo ela, mudava absolutamente tudo.

E ela estava certa, eu não acreditaria se ela só tivesse me contado.

 CAPÍTULO 20 

O nome dela era Virgínia Vicenzo, e tinha nascido apenas dois anos após seu irmão Emanuel. Nos livros de História da Arte, Virgínia mal aparecia. Ela era mencionada em biografias de Emanuel, quando havia espaço para falar um pouco da sua vida pessoal que não envolvia o relacionamento com Abigail ou com outros artistas e magnatas do seu tempo. Ela era apenas a irmã mais nova, por quem Emanuel sempre se afeiçoou muito, e vivia com ele desde que os pais de ambos morreram no início da adolescência. Eles nunca se separaram, juntos até a morte precoce do pintor, que abalou toda a sociedade. Mas nem mesmo no momento de luto Virgínia teve qualquer destaque.

Era sobre a amante dele que todos falavam, era nela em que sempre estiveram todos os olhares, as fofocas e as preocupações. Abigail Montserrat havia encenado muito bem o seu papel de viúva, se tornando um ícone pelo resto da eternidade por ser a musa de um homem que viveu intensamente e morreu no seu apogeu. Uma tragédia que transformou ambos em lendas para todo sempre.

Enquanto isso, Virgínia sequer era lembrada, sempre à beira de todo burburinho, sempre se escondendo por trás do irmão famoso e da cunhada rica. Ela estava lá, mas era como se nem estivesse. Uma presença branda que nem como memória foi capaz de sobreviver. Ninguém jamais imaginaria que era essa mulher quem manipulava tudo, que puxava as cordinhas de um show de fantoches e que proporcionou a maior obra-prima que um país inteiro já conheceu.

Esquecida pela história, porém lembrada ardentemente pelo coração de uma única mulher que a amou como nada mais.

Encarei a cópia da carta em minhas mãos completamente imóvel. Meu espírito tinha saído do corpo e voltando enquanto eu a lia, me deixando uma sensação de vazio que foi se preenchendo pouco a pouco, me fazendo vivenciar cada um dos meus sentidos, um atrás do outro.

Porque, durante esse tempo todo, não tinha sido Emanuel Vicenzo quem pintou as obras que nós conhecíamos e sim sua irmã, Virgínia.

Virgínia Vicenzo era a artista por trás de *Sombras em veludo*, a maior obra do Renascimento costa-malvino.

Nessa carta, ela mencionava, indignada, que seu irmão queria expor certos dois quadros que ela havia pintado de Abigail, mas que tinha feito apenas para ela. Ela dissera a ele que aquelas obras em específico ela não queria que ninguém visse, porém Vicenzo, seduzido pela vaidade da fama, contou para algumas pessoas sobre a existência desses quadros — que nunca viram a luz do dia, provavelmente porque Virgínia fez o que ameaçara e sumiu com eles.

Esses eram os quadros que procurávamos até hoje.

Esse era o motivo pelo qual eles tinham desaparecido.

Meu olhar se encontrou com o de Sabina, que parecia ansiosa pela minha resposta. Entretanto, eu não sabia como reagir. Todo meu mundo tinha sido virado de cabeça para baixo e meu estômago se embrulhou de tal maneira que achei que fosse vomitar. Minhas mãos tremiam e precisei ler a carta de novo e de novo para não começar a achar que estava alucinando.

— Você acredita nela, né? — perguntou. Na sua voz, havia um desespero para que eu dissesse que sim. Sendo bem sincera, não tive tempo sequer de questionar a veracidade daquela informação, portanto apenas assenti, fazendo Sabina ficar aliviada. — Eu estava com medo de você tomar partido do Vicenzo.

Ela se moveu, pegando outras cartas abertas. Sentia como se estivesse em um universo paralelo.

— Está tudo aqui, Hanna. Ela conta tudo sobre como sempre assinava só como Vicenzo, e aí dessa maneira ao menos a assinatura dela não seria uma farsa — disse, com emoção na voz. — Ela passou a vida inteira pintando e deixando o irmão levar o crédito por isso, porque sabia que sua arte não chegaria a lugar nenhum por conta própria, por ela ser mulher. Foi um acordo que eles fizeram. Quem pintava era ela. Quem tinha a Abigail como musa era ela! E acabou se tornando a maior artista de Costa Malva só por ter renunciado a seus direitos.

Assenti, mas queria que Sabina parasse de falar por um minuto para que eu pudesse pensar. Levantei da cama e me senti zonza; não de uma

maneira negativa, mas por causa de todo o nervosismo e o medo que estava sentindo. Sabina não parecia compreender a gravidade daquela informação.

— Sabina. Isso aqui pode mudar toda a história como conhecemos — falei, a intensidade e a autoridade em minha voz não foi proposital, mas estava lá. Minhas mãos estavam trêmulas. — Precisamos primeiro saber sobre a autenticidade dessas cartas, mas… *Meu Deus, Sabina!* — Cocei a testa, sentindo minhas bochechas ficarem quentes. Eu queria *gritar*. — Não estava esperando por nada disso, só queria encontrar uns quadros e acabei descobrindo que provavelmente o cara que baseou todas as minhas escolhas de vida nunca foi o autor de quadro nenhum. Nem os perdidos, nem os que conhecemos. Nem o *Sombras em veludo.* Não só a Abigail e ele nunca estiveram apaixonados, como… como eu idolatrei a pessoa errada a vida toda. — Minhas palavras saíram tão rápidas quanto as batidas do meu coração, andando de um lado a outro no quarto.

Sabina se levantou e segurou minhas mãos, tentando me acalmar tal qual eu fizera com ela antes. Entrelaçamos nossos dedos e lambi meu lábio, tentando dizer outras coisas, mas minha mente estava acelerada demais para conseguir formular frases concretas.

— Sei que é muito pra processar. Por isso eu precisava de você.

Era covardia demais ela dizer esse tipo de coisa para mim quando eu estava vulnerável.

Minhas pernas praticamente cederam e quase fiquei literalmente de quatro por aquela mulher.

Mas me mantive firme, pois havia muita coisa no qual pensar.

— Preciso levar isso pra Vilma — anunciei. — Minha orientadora. Ela vai saber o que fazer melhor do que a gente.

Sabina assentiu, mas ficou tensa.

— O que você acha que vai acontecer?

Encolhi os ombros.

— Como eu te disse, eles precisam verificar a autenticidade da carta, dos selos, das assinaturas. Mas, mesmo assim, não sei o quanto se leva em consideração uma declaração dessa, já que não foi o próprio Vicenzo que confessou e sim uma terceira pessoa se autodeclarando a autora verdadeira.

— Ela diz nessa outra carta que no quadro *As Horas* ela deixou dois "V" na hora de assinar, que à primeira vista pode parecer apenas uma ilusão

de ótica, mas se você reparar bem são dois “V”. De Virgínia Vicenzo.

Senti um calafrio passar pelo meu corpo inteiro e sabia que era uma experiência compartilhada com Sabina. A ficha de coisas que eu não tinha pensado começava a cair.

— Então a maior pintora da história do nosso país é uma mulher — falei, admirada. — Possivelmente.

— Sim — ela concordou, inquieta. Estava tão exultante, tão pronta para defender a honra de Virgínia e fazer justiça por ela, que me comoveu. Amoleceu meu coração vê-la ligar tanto para isso, principalmente porque era o tipo de coisa que era importante para mim também.

Soltei um longo suspiro e abri um sorriso abestalhado olhando para Sabina, ciente de que nossas mãos ainda estavam unidas. Intensifiquei o aperto dos meus dedos, não querendo que ela se soltasse; querendo, na verdade, puxá-la para mais perto.

— Não só isso, mas a gente provavelmente acabou de descobrir o maior casal lésbico da história do nosso país — falei e precisei controlar a vontade que estava sentindo de gritar. — Como você se sente sabendo que sua antepassada está prestes a se tornar um ícone *queer*?

Ela abriu um sorrisinho orgulhoso, mas havia um calor intimista em seu olhar.

— Não me importo que seja ou não um ícone pros outros, mas é pra mim — admitiu. Ela respirou muito fundo e eu pisquei, atenta ao que diria. Sua expressão facial mudou para certa insegurança, que não era nem um pouco característica da Sabina que os outros conheciam, mas extremamente coerente com aquela que se tornava quando estava comigo; quando confiava em alguém o suficiente para ser ela mesma. — Minha família nunca foi muito compreensiva com orientações que não sejam heteronormativas.

Arqueei as sobrancelhas, surpresa. Não que eu achasse novidade que a família dela fosse babaca, porém Karim era tão abertamente *queer* que nunca se passou pela minha cabeça que ele não fosse aceito em casa.

— Sinto muito — falei. Felizmente minha experiência com meus pais foi a mais positiva possível. Eles sabiam que meu irmão era gay, sabiam que eu era lésbica, e isso nunca foi um problema. Nós até brincávamos que Bahij era a cota hétero da família. — Mas eles sabem que você…?

Eu não sabia como terminar. Não sabia como Sabina se identificava.

— Bi — ela disse. — Eu sou bi. E sim, eles sabem. Meu irmão nunca escondeu quem era e acho que acabei saindo do armário pros meus pais pra poder defendê-lo — contou, o que me fez sentir um aperto no coração. Levei as mãos dela até minha cintura e pousei as minhas nos seus ombros, a acariciando. Ela estremeceu e amoleceu sob meu toque, o que foi um incentivo para continuar.

— Sua família é muito sem noção — falei o que estava na minha mente e Sabina soltou uma risada, apertando minha cintura.

— É, eu sei que você acha isso — ironizou. Assenti, com um sorriso travesso nos lábios.

— É, sim. Tem só algumas exceções.

— Ah, sério? — Ela entrou no flerte e me segurou pela braguilha da calça; o que ela não sabia, mas era uma das coisas mais sexy que alguém podia fazer comigo.

Engoli em seco, sem perder o meu charme.

— Seríssimo.

— E será que tenho alguma chance de estar nesse grupo seleto?

A essa altura, eu não conseguia mais desviar o olhar dos lábios carnudos dela.

— Isso vai depender de uma coisa.

— Que coisa?

— Do que você vai fazer em seguida.

Desci o toque pelos braços dela, que então trocou as mãos da braguilha para os bolsos de trás da minha calça, praticamente apalpando minha bunda. Ela, que era alguns centímetros mais alta do que eu, colou nossos corpos, me olhando de cima com todo seu charme dominador. Quando me dei conta, estávamos nos beijando no meio do quarto. Foi um beijo tão sedento quanto eu estava me sentindo desde a noite anterior, com um desejo tão profundo por ela que foi sentido na firmeza das minhas mãos em seu corpo, dos meus lábios nos dela. Me arrepiei inteira quando ela mordeu o meu e depois desceu os beijos pelo meu pescoço. Soltei um arfar, nem um pouco tímida, e enrolei os dedos nos seus cabelos compridos.

— Você não sabe o quanto tive que me refrear pra não fazer isso ontem na festa — ela disse entre um beijo e outro.

— E por que não fez? — perguntei.

— Porque achei que você não queria me beijar na frente de todo mundo — explicou, enquanto beijava meu queixo.

— Eu queria.

Sabina parou e me encarou nos olhos. Seu lábio estava inchado e eu sentia o meu latejar, tudo dentro de mim estava dormente e pulsando.

— Queria?

Confirmei, me sentindo um tanto tímida pela vulnerabilidade de admitir aquilo, mas era a verdade. Nós tínhamos acabado de descobrir o casal sáfico mais impactante de Costa Malva, não seria eu a colocar um freio nos desejos de duas mulheres do século XXI.

Sabina passou os dedos pelo meu cabelo cacheado e sorriu para mim. Ela se aproximou e me deu um beijo robusto, porém doce. Um beijo que fez meu coração se derreter.

— O que você tem pra fazer agora? — ela perguntou, flertando comigo outra vez. Nunca me cansaria disso.

Sabina Montserrat flertando comigo.

E eu queria mais. Muito mais.

— Vai com calma, princesa — brinquei. — Nós temos coisas a fazer primeiro e aí você pode tirar proveito de mim.

Expliquei para ela que seria bom tentarmos encontrar uma resposta da Abigail para a fatídica carta de Virgínia, pois seria mais uma evidência para comprovar o caso dela, ainda mais porque as cartas tinham os selos da família. Nem eu nem Sabina havíamos terminado de ver todas, pois eram muitas e estávamos lendo uma por uma com muita calma e minúcia. Portanto, disse a ela que nosso trabalho agora devia ser terminar de ler todos os registros escritos por Abigail que tínhamos em nossa posse.

E aí então ela poderia me beijar o quanto quisesse.

Em cima das cartas, se quisesse (eu disse isso, mas jamais deixaria, aquelas cartas valiam muito e eram velhas. Mas valeu pelo romance).

Ela topou na hora.

 CAPÍTULO 21 

Nós acabamos encontrando algumas respostas da Abigail em que ela explicitamente falava sobre a autoria de Virgínia sobre os quadros de Vicenzo. Eu nunca havia sentido uma injeção de adrenalina tão grande em toda minha vida, e não sabia sequer diferenciar se era pela descoberta gigantesca que tinha feito, ou se era por Sabina.

Eram as duas coisas combinadas, que realmente se intrincavam em uma só, já que Sabina era parte primordial da minha jornada. Sem ela, na verdade, nada disso teria acontecido, e talvez a verdade sobre Virgínia nunca viesse à tona.

Um calafrio passou por mim quando pensei nessa possibilidade. Foi mais fácil do que eu pensava entender que o Vicenzo brilhante que nos deu obras de arte impecáveis não era Emanuel e sim Virgínia. A cada carta que eu lia dela, sentia certa identificação sobre a qual não comentei nem com Sabina. Ela tinha vivido à sombra do irmão, que amava de todo o coração, mas isso nunca deixou de ser um espinho de qualquer maneira. Me identifiquei com o modo como ela pensava e com o seu jeito de se expressar, que era muito diferente da poesia de Abigail, porém igualmente intenso.

Ela era uma mulher brilhante, e isso estava claro não só pelos seus quadros, mas pela sua mente. Era muito inteligente e eloquente, até mesmo engraçada em seus sarcasmos. Ler as cartas dela era tão prazeroso para mim que sequer percebia o tempo passar, ansiosa para a próxima.

Não precisei de muito para acreditar nela e lutaria com unhas e dentes para que fosse reconhecida. Sequer pensava mais nos quadros perdidos da mesma maneira, que, segundo Virgínia, foram feitos apenas para os olhos de Abigail e mais ninguém.

Durante a madrugada, quando eu já estava deitada para dormir após passar o dia inteiro lendo, eu e Sabina conversamos por mensagem.

Sabina: O que vc acha q ela pintou?
Sabina: Pra não querer que ngm visse, só a Abigail

Hanna: Será q foi a Abigail pelada?

Sabina: Foi isso qe eu pensei hahaha

Hanna: Sempre foi normal pintar mulher pelada
Hanna: Mas ela pode ter feito isso como um presente p Abigail
Hanna: Pode ter sido um momento íntimo delas, q ela não queria compartilhar com ngm

Sabina: Sim!!!
Sabina: Não era um nu artístico qualquer

Hanna: Isso me faz querer encontrar os quadros mais ainda
Hanna: Mas sei que não devia

Sabina: Vc ainda quer tentar?

Hanna: Vc ainda me ajudaria?
Hanna: Msm sabendo o desejo da Virgínia

Sabina: Eu não sei

Larguei o celular em cima da barriga e fiquei olhando para o teto e pensando. Que tipo de pessoa eu seria se não desse importância para o desejo da artista que havia pintado aquilo? Que tipo de pessoa eu seria para invadir a privacidade de alguém que já estava morto? Não era esse o trabalho de um historiador?

Eu não sabia a resposta para isso, mas sentia uma pontada incômoda quando pensava em continuar minha busca pelos quadros. Era tudo o que eu mais queria em toda minha carreira, a coisa pela qual estava destinada. Mas… e se não fosse? E se o meu destino fosse encontrar a verdade sobre os Vicenzo? A verdade sobre quem Abigail realmente amava e para quem ela aceitou posar?

À medida que encontrava respostas para certas coisas, me deparava também com mais perguntas.

Sabina me mandou outra mensagem:

Sabina: Ela me lembra de você
Sabina: A Virgínia

Senti meu coração acelerar e um nó na garganta. Não sabia por que estava com vontade de chorar. Mas aquele era um elogio que eu não conseguia nem mesmo mensurar. Ninguém poderia ter me dito nada mais sensacional, nada que me fizesse sentir mais lisonjeada, mesmo que eu não merecesse.

Hanna: E a Abigail me lembra vc

Sabina: Eu não sou nem de longe uma escritora tão boa

Hanna: Haha e eu não sei pintar
Hanna: Quer dizer
Hanna: Eu sei, mas não se compara com a maioral

Sabina: Hahaha
Sabina: Não acredito ainda no que encontramos
Sabina: Não acredito q por pouco quase deixei isso apodrecer
Sabina: Se não fosse vc, eu nunca iria atrás de nada disso

Hanna: Se não fosse vc, a gente nunca teria encontrado nada, Sabi
Hanna: Por mais que eu queira (muito) o respeito da academia por ter encontrado isso
Hanna: A grande heroína é você

Ela demorou um pouco para responder. Os três pontinhos sinalizando que estava escrevendo sumiam e apareciam, me deixando com o nariz grudado na tela, ansiosamente à espera. Respirei fundo, com uma onda de endorfina correndo pelo meu corpo por todas aquelas coisas que estávamos dizendo uma para a outra. Eu nunca tinha trabalhado com uma parceira desse jeito, e agora queria poder fazer Sabina ficar, queria que a gente fizesse isso para sempre.

Imediatamente senti um aperto ao me dar conta de que, se não fôssemos atrás dos quadros, isso significava então que minha aventura nada convencional com Sabina Montserrat estava quase chegando ao fim.

Senti um nó se formar no meu peito. Não queria pensar nisso, mas agora não tinha como voltar atrás.

Sabina: Acho que isso faz de nós uma dupla perfeita

Abri um sorriso todo derretido, pois não podia discordar.

Nós éramos sim uma dupla perfeita.

Hanna: Assim como a Virgínia e a Abigail

Sabina: É agora que vc pede pra me pintar pelada?

Soltei uma gargalhada alta e tapei a boca com medo de ter acordado o Amir.

Hanna: Hahahahah

Hanna: Vc sempre um passo na minha frente

Sabina: Me pinte como as suas garotas francesas, Jack!

Hanna: Isso quer dizer então… que vc aceita? :O

Sabina: Então vc quer me ver pelada?

Hanna: O q vc acha?

Sabina: Hahaha

Sabina: Nós podemos falar sobre isso da próxima vez que nos virmos

Mas agora era tarde demais. Tudo no que eu conseguia pensar era no corpo nu de Sabina. Ficava extremamente insegura que ela visse o *meu* corpo nu, mas se fosse para poder ficar pelada com ela, passaria até mesmo por cima disso. O meu desejo era maior, subindo pelas minhas pernas como o convidado inoportuno que ele era.

Ficamos pelo menos mais uma hora conversando até que eu pegasse no sono. E foi com ela que sonhei, a despindo de um vestido do século XV, deitadas em uma toalha de piquenique no meio do campo próximo ao lago de Ventura, com o trem passando ao fundo e o sol se pondo como em uma pintura.

 CAPÍTULO 22 

Passei com Sabina para pegar todas as cartas (as que estavam na casa do lago e as que estavam no castelo) e as levei na minha próxima reunião com Vilma, na semana seguinte. Disse que precisava conversar sobre algo importante e fiquei com ela na sua sala na universidade, onde eu e o resto do grupo de pesquisa nos reunimos quinzenalmente. Como Vilma era também minha orientadora, eu tinha mais acesso a ela ainda, de modo que, quando pedi pra conversar mais naquele dia, ela deve ter achado que era algo sobre meu TCC.

Expliquei que havia achado algo importante, porém não dei detalhes. Quando ficamos sozinhas, coloquei as caixas em cima da mesa e lhe entreguei as cópias das mais importantes (em que Virgínia confessa ser a autora dos quadros, e a resposta de Abigail).

Quando Vilma olhou o selo dos Montserrat, já arregalou os olhos. Quando começou a ler, pude ver o espírito saindo de seu corpo da mesma maneira que aconteceu comigo. Ela leu várias vezes sem dizer nada. Então tirou os óculos e me encarou, ainda sentada na mesa de reunião de onde não tínhamos saído.

— Hanna… eu vou precisar que você me conte tudo desde o início.

E foi isso o que fiz.

Falei sobre minha obsessão em encontrar os quadros perdidos de Vicenzo, que ela sabia melhor do que ninguém. Então falei sobre ter conseguido fazer Sabina me ajudar e contar o que ela sabia, e foi assim que acabamos chegando não até os quadros, mas até todas aquelas cartas.

— Primeiro achamos as que foram escritas pela Abigail, depois fomos atrás das respostas e, a essa altura, ainda não fazíamos ideia do que encontraríamos. Mas eu já estava desconfiada de que havia algo mais, pelo modo como ela nunca citava o nome da outra pessoa — expliquei.

Vilma assentiu, ainda em estado de choque. Eu estava nervosa antes, mas agora que podia falar sobre tudo com um especialista, uma mulher tão respeitada dentro da academia, sentia um alívio muito grande. Ela era

minha mentora, afinal de contas. Eu podia até ser metida a besta, mas ainda era só uma aluna da graduação.

— Sempre achei muito… *peculiar* que nunca tenhamos encontrado nenhum registro sequer de correspondências entre Abigail e Vicenzo — comentou, divagando. Soltou uma risada e tapou a boca, em choque com tudo aquilo. — Hanna, meu amor. Acho que você está prestes a mudar o mundo.

— Então você acredita? — Meu coração tamborilava tanto que achei que fosse sair pela boca.

— Você sabe que é muito mais complexo do que acreditar ou não — falou, mas eu não queria saber de tecnicalidades. Queria saber se ela *acreditava*. O modo como seu olhar ardia de interesse, choque e completa admiração pelo que estava diante dela me dizia que sim. — Vou precisar ficar com tudo isso, se você e Sabina me permitirem. Preciso averiguar eu mesma antes de pensar no que faremos. Acredito que você já leu tudo de cabo a rabo, né?

Assenti, sem culpa. Ela abriu um sorrisinho orgulhoso para mim. Largou a folha em cima da mesa e segurou minha mão, como uma figura materna.

— Hanna, você conseguiu — ela disse, olhando para mim daquele jeito que me deixava envergonhada, mas também lisonjeada, querendo me enfiar em algum lugar e que o mundo inteiro me visse. Me fazia sentir que valia alguma coisa pelo que eu era, pela minha competência. Pela minha paixão. — Independente do que aconteça, isso aqui vai abrir um precedente gigantesco. Você encontrou um vasto material que põe em cheque a identidade do maior pintor de Costa Malva, aquele que colocou nosso país no mapa da História da Arte. Toda a comunidade científica vai conhecer o seu nome. Não era isso o que você queria? Você conseguiu.

Meu peito se estufou com o elogio e abri um sorriso para conter as lágrimas que se formavam. Eu não era uma pessoa chorona, mas minhas emoções estavam todas remexidas. Sempre fui determinada, porém era a primeira vez que ia atrás de alguma coisa assim, e os resultados foram muito mais chocantes do que podia imaginar.

Saí daquela reunião depois de conversar bastante com Vilma, me sentindo como uma pluma, voando por aí em vez de caminhando. O peso do meu corpo estava diferente, minha mente estava diferente. Sim, eu

sempre quis ser reconhecida pela comunidade científica, era um dos meus objetivos de vida. Mas também queria a arte. Queria estudar os quadros de Vicenzo, publicar minha tese sobre eles, usar o meu conhecimento, não só encontrar alguma coisa. Meu coração ardia por aquela vontade que não tinha sido preenchida, mas eu estava realmente dividida desde que li a carta de Virgínia.

Virgínia.

Minha corrente sanguínea acelerava quando pensava nela. Uma mulher. Mudando o curso da história com seus quadros e sua musa. Nunca recebendo a fama, que ia para o irmão. E, apesar de saber que foi Virgínia quem sugeriu que Emanuel a substituísse, eu tentava imaginar o que se passava na mente dela, vendo sua vida ser vivida pelo irmão enquanto só podia fazer isso nos bastidores. Ele recebia a glória pelas coisas magníficas que ela fazia e ainda era visto por aí de braços dados com o amor de sua vida. Virgínia devia realmente amar muito poder pintar livremente e ver seus quadros serem admirados para suportar uma coisa dessas. Uma mulher brilhante vivendo nas sombras de outra pessoa.

Quando percebi, estava seguindo em direção ao museu da universidade. Queria ver as pinturas pela primeira vez sabendo que foram feitas pela outra irmã Vicenzo. Passei pelos quadros e esculturas que, a essa altura, eu já conhecia muito bem, e fui direto até onde ficava o aclamado, o tão renomado *Sombras em veludo*.

Parei diante dele e soltei o ar que estava prendendo sem perceber. Era o tipo de quadro que te tirava o fôlego. No centro, o busto de Abigail Montserrat nos encarava, com os cabelos negros dela voando e se transformando em veludo. O fundo do quadro era veludo carmesim, assim como o pedaço do vestido dela que conseguíamos ver, um tanto provocante para a época, pois um dos seus ombros estava levemente à mostra. A técnica do cabelo e do veludo chamava atenção pelo movimento e pela maestria em uma coisa se transformar em outra, porém era o olhar de Abigail que deixava o quadro hipnotizante. Assim como o sorriso de Monalisa, o olhar era enigmático, te fazia questionar no que ela estava pensando, no que estava prestes a dizer para o pintor. Havia certo desafio, certa brincadeira, mas também uma intensidade que deveria ser levada a sério. Eu já havia passado horas da minha vida encarando aquele quadro e toda vez tinha uma percepção um pouquinho diferente.

Não era à toa que Abigail se tornou a paixão de todos nós. Virgínia Vicenzo conseguiu fazê-la parecer uma mulher apaixonante. Ou talvez fosse assim que Virgínia a visse e seu apreço estivesse visível no quadro, eternizando na tela o olhar dos apaixonados.

Deixei que a pintura me preenchesse, como sempre, mas precisava também encontrar outra obra. *As Horas* estava em outra sala do museu, dedicada a Vicenzo. Fui até lá e me aproximei do quadro, que mostrava um anjo caído e um céu quase violeta. A assinatura estava no cantinho inferior e, agora que eu sabia, era impossível não notar a assinatura "V. Vicenzo". Abri um sorriso, com tudo dentro de mim em polvorosa e admirado. Levei as mãos à boca e quiquei como uma criança, sentindo os olhos marejarem de novo.

Senti uma vontade gigantesca de desenhar e acabei voltando para onde *Sombras em veludo* estava exposto, após admirar cada um dos outros quadros de Vicenzo. Me sentei em um dos bancos já familiares para mim após anos morando em Ventura, quase no fim da minha graduação. Tirei meu caderno sem linhas e um lápis de dentro da bolsa, ajeitei minha boina preta, prendi os cachos em um rabo de cavalo, e comecei a trabalhar.

Quem sabe eu pudesse ser uma Virgínia Vicenzo do mundo moderno. Se não pelo talento inato, mas pelo amor à arte acima de tudo.

 CAPÍTULO 23 

Dizer que eu e Sabina estávamos ansiosas para o que Vilma diria sobre as cartas era um eufemismo. Pela primeira vez, nós não tínhamos mais um motivo para nos vermos, mas, embora nenhuma de nós duas tenha aparecido na casa da outra ou sugerido um encontro, também não desgrudamos da nossa conversa virtual.

A essa altura, Amir já sabia que estava rolando alguma coisa entre nós. Ele não me disse nada, mas parecia adivinhar quando eu estava falando com Sabina e ficava me encarando com um sorrisinho, bebericando seu café. Também não disse nada para ele, pois não sabia o que dizer.

O que era aquilo, afinal? Nós definitivamente ainda flertávamos, mas nos veríamos de novo? Ou tinha sido um beijo e nada mais, levado apenas pelo calor e o romantismo do momento?

Eu tinha tantas perguntas, mas travava completamente na hora de trazê-las à tona ou de tomar alguma atitude eu mesma. Era uma sensação paralisante, pois deixava clara a intensidade dos meus sentimentos, mas também minha incapacidade de lidar com eles e querer abafá-los. Todos os dias daquela semana eu acordei ansiosa por uma mensagem de Vilma, mas também apavorada e feliz toda vez que Sabina dizia alguma coisa. Eu pegava o celular tão rápido que quase o deixei cair algumas vezes, e chamei a atenção dos meus amigos também. Eu era mais fácil de ler do que imaginava.

Mas não estava pronta para dizer a ninguém como
me sentia, porque a pessoa com quem eu precisava conversar era ela. Sabina Montserrat.

No fim de semana, Amir e eu fomos visitar nossos pais em Toledo, como já tínhamos programado há algum tempo. Abraçar meus pais depois de meses era sempre muito bom, especialmente minha mãe, que notoriamente dava os melhores abraços e fazia você se sentir acolhido. Ela cozinhou comida indiana para nós, dentre eles *palak paneer*, que

automaticamente me fez lembrar a primeira vez em que Sabina foi jantar na minha casa.

Ah, não.

Será possível que todas as coisas me fariam pensar nela?

Aquilo já estava ficando ridículo.

Depois do almoço, fomos a uma sorveteria nova, de um amigo do meu pai que tinha se aposentado e resolveu abri-la com o filho. Toledo estava exatamente como me lembrava, mais agitada do que Ventura, mas também menos mágica.

Sentei no sofá da sala com o bucho cheio. Estava passando um jogo de rúgbi, o esporte favorito de nove entre dez malvinos. Até Amir gostava de assistir, mas acho que o amor dele tinha sido como o meu e surgido na infância como uma maneira de nos conectar com nosso pai. Eu amava assistir aos jogos, porque fazia isso com ele e meus irmãos. Era uma atividade em família, que minha mãe não gostava tanto, mas estava sempre por perto também.

O jogo em questão era da liga universitária, entre o time da Universidade de Porto Dourado e o da Universidade de Valência (os dois maiores rivais desse campeonato).

— Uma pena que esse menino já esteja pra se formar — disse meu pai, apontando para o jogador principal da
Porto. — Vai fazer falta no time.

— Que bom pra ele que vai se formar, né — comentei. — Coitado do cara.

— Valha-me, ele vai jogar no time profissional de Porto Dourado agora, tá com a vida feita — disse Bahij, meu irmão mais novo viciado em esporte. A cota hétero de cabo a rabo. — Bem que ele podia ter vindo pro nosso time, né, pai?

Meu pai deu a sua risada alta e acabei rindo também. Minha mãe se sentou ao meu lado e me puxou para fazer carinho no meu cabelo. Puxei Bahij, que reclamou, mas foi mesmo assim. Ele era igualzinho à nossa mãe, um menino indiano de pele escura, e seu cabelo negro era liso e comprido até quase no ombro. Ele era cinco anos mais novo que eu, que era obcecada por ele quando criança, achava que era um brinquedo e queria ficar perto o tempo todo. Minha mãe dizia que eu até pedia para dormir no berço com ele e temos algumas fotos para comprovar.

— Como estão as coisas em Ventura? — minha mãe perguntou. — Você anda meio quieta, não me responde mais com frequência.

— Tá tudo bem — assegurei. — Só ocupada.

Não deixava de ser verdade. Mas lá estava eu pensando em Sabina de novo e que talvez minha mãe fosse a pessoa ideal para eu contar sobre a situação. Porém, se não queria conversar nem com meus amigos, imagina com ela. Que era muito legal e mente aberta, é verdade. Mas ainda assim era minha mãe e eu não conseguia evitar a vergonha.

Ela não precisou de muito para ser convencida.

— E você conheceu o namorado novo do seu irmão? — perguntou, empolgada. — Já falei pra ele que quero que traga o rapaz aqui, Ventura nem fica tão longe.

Revirei os olhos.

— Nossa, mas você *já* mudou o assunto pro Amir — reclamei.

— E eu tô ouvindo tudo — disse Amir do outro sofá. — Por que você tá falando de mim em terceira pessoa?

— Você tá prestando atenção no jogo — minha mãe se defendeu. Tentei me desvencilhar dela, mas a mulher me manteve presa no seu abraço. — Você não vai a lugar nenhum, mocinha.

— Não me chama de mocinha — reclamei.

Eu me sentia a pessoa mais rabugenta do mundo, mas ser a irmã do meio não era fácil. Eu ficava entre meu irmão mais velho perfeito e meu irmão mais novo com energia de Golden Retriever. Até podia ser inteligente e fazer coisas extraordinárias como achar cartas que mudariam a História da Arte, porém, no fim do dia, eu queria o colo da minha mãe e que ela brigasse com meus irmãos por mim.

Abracei-a com força e a senti rir e beijar o topo da minha cabeça.

— Muito bem, assim é melhor — disse. — E tá na hora de cortar esse cabelo também.

Soltei um suspiro.

— Mãe…

— Vocês podem ficar quietas, *por favor?* — pediu Bahij, tentando se concentrar no jogo.

Dei um tapa na cabeça dele, que me encarou indignado e tentou me bater também, porém o empurrei com o pé, no que ele começou a chamar pela nossa mãe no maior estilo: “Mãe, olha o que a Hanna tá fazendo!”.

— *Yalla, yalla*, Hanna. — Ela foi levantando. — Vamos lá pra dentro conversar enquanto eles veem o jogo, deixa seu irmão em paz.

— Não, mas eu quero ver o jogo também — protestei.

— Então cala a boca — Amir pediu do outro sofá. Mostrei a língua para ele, que apenas revirou os olhos, muito superior. Muito *maduro*.

— Amir, não manda sua irmã calar a boca — disse meu pai, sem tirar os olhos da televisão, com as mãos no barrigão e as costas inclinadas como sempre. Abri um sorrisinho pela cara infeliz que Amir fez. — Se vocês vão ver o jogo, então fiquem quietas.

Eu e minha mãe nos encaramos. Me aninhei nela, pois não queria ir embora, a gente poderia conversar depois. Então fiquei ali com minha família enquanto meu pai e Bahij reagiam ao jogo, Amir revezava entre fazer comentários sobre jogadas e mexer no celular (por onde provavelmente estava conversando com Karim), minha mãe tentava puxar assunto baixinho comigo e eu não sentia a mínima vontade de dizer nada, apenas aproveitar o momento.

Depois fomos para a cozinha tomar café com o bolo de nozes que Bahij tinha feito.

— Desde quando você cozinha? — perguntei ao meu irmão de dezesseis anos extremamente mimado, que mal sabia fritar um ovo até seis meses atrás. Ele deu de ombros.

— Decidi tentar uma coisa nova, só isso.

— Tá muito gostoso — elogiou Amir, com a boca cheia. Meu pai deu um tapinha no ombro de Bahij.

— Esse aqui agora faz bolo todo semana e leva pra escola. Já falei pra ele montar um negócio — meu pai brincou, mas não completamente.

— Não, é só pros meus amigos — Bahij explicou, modesto, meio tímido, embora gostasse dos elogios. — Aliás, mãe, tudo bem se a Helena vier aqui na segunda? Ela vai me ajudar com os cupcakes que eu quero fazer.

— Claro — respondeu mamãe, enquanto eu e Amir trocávamos um olhar cúmplice. Dei uma mordida no bolo para não soltar uma risada.

— Quem é Helena? — perguntei. — Aquela do piercing no nariz?

Eu costumava saber quem era a maioria dos amigos do meu irmão, mas ele tinha conhecido tanta gente nova nos últimos dois anos que eu me orientava pelas fotos que ele publicava no Instagram.

— Aham. Ela mesma. Achei que você a conhecesse. Eu falei de você pra ela.

Arqueei as sobrancelhas, curiosa.

— O que você disse?

Bahij deu de ombros de novo.

— Ah, é que ela gosta de arte, aí eu falei que minha irmã era supernerd sobre isso, obcecada pelo Vicenzo, e que você estudava em Ventura e queria seguir carreira acadêmica lá. Ela achou o máximo.

Eu poderia até fazer pouco caso, porém meu peito se inflou por ele ter falado de mim. De repente, fiquei com muita vontade de contar para a minha família o que eu tinha encontrado com Sabina, que eles tinham muitos motivos para ficarem orgulhosos de mim. Mas acho que eles já tinham.

— Se você quiser, eu posso conversar com ela sobre a faculdade — ofereci. — Se ela quiser saber como é e tudo mais.

O olhar de Bahij se iluminou.

— Ia ser *top*, Hanna — ele assentiu, animado. — Ela ia gostar.

— Chama ela aqui amanhã então.

Mais tarde naquele dia, quando meus pais já estavam dormindo e Bahij jogando videogame no quarto dele, fui pegar um copo de água e avistei Amir no quintal de casa. Ele tinha ido encontrar os amigos e deveria ter acabado de voltar. Estava fumando e mexendo no celular, digitando alguma mensagem, quando me aproximei. Ele se virou e sorriu para mim, que me sentei no degrau da varanda de trás. Amir se sentou ao meu lado e passou o cigarro para mim, que aceitei sem falar nada. A noite estava um pouquinho fria, mas havia estrelas no céu.

— Tudo bem com o Karim? — perguntei.

Meu irmão abriu um sorrisinho.

— Sim. Ele disse que queria estar aqui.

Soltei uma risada de escárnio.

— A mãe ia amar. Todo mundo trazendo os namorados em casa.

— Só falta você, né?

Não sei se ele falou isso como maneira de me provocar por eu ser solteira ou porque ele sabia que eu tinha sentimentos por alguém. Mas me senti tão pega no flagra por aquele comentário que, se Amir não tinha

desconfiado de nada antes, agora ele tinha certeza de que algo estava rolando.

Devolvi o cigarro para ele, que tragou e soltou a fumaça em silêncio.

— Quer conversar? — perguntou.

Sua voz calmante e tão sólida me fez querer dizer tudo para ele, sem qualquer filtro. Amir conseguia me fazer sentir segura para desabafar como ninguém mais conseguia, nem mesmo os meus amigos. Eu podia implicar com ele e ter ciúmes, porque todo mundo o amava e isso era irritante, mas no fundo ele era a minha pessoa favorita junto com Bahij. Eu não sabia o que faria sem ele, mesmo não querendo admitir sua influência de irmão mais velho.

Soltei um suspiro e peguei o cigarro de volta.

— É complicado.

— As coisas que importam geralmente são.

— É, eu sei.

Ficamos em silêncio, apenas fumando e observando o céu. Deitei minha cabeça no ombro dele e suspirei de alívio.

— E o que aconteceu com as cartas que vocês acharam? — Amir perguntou, cortando a noite.

Contei tudo que ele ainda não sabia. Sobre Virgínia, sobre o que minha orientadora disse e a espera pelos próximos passos. Contei como me sentia a respeito de tudo isso, e minha dúvida se deveria continuar procurando os quadros ou não, respeitando o desejo da pessoa que os pintou.

— É difícil, porque alguém com certeza um dia vai achá-los — ponderou algo que eu também tinha pensado. — Mas a questão é se você ainda *quer* ser essa pessoa. Você é uma historiadora, afinal. É isso o que você faz. Mas desde que esteja dentro da sua ética.

— Você sempre tem a resposta pra tudo né? — brinquei.

Ele riu, modesto.

— É meu dever de irmão mais velho.

— Parabéns.

— Obrigado.

Nós ficamos conversando por mais um tempo, mas as nuvens na minha mente pareciam menos assustadoras. Ele me disse para mandar uma

mensagem para Sabina, se era isso que eu queria. Disse que, muitas vezes, as pessoas deixam de fazer o que querem por medo da rejeição ou de estarem em uma posição vulnerável, mas se você não fizer o que quer e viver em agonia, quem é que está vencendo, afinal?

Era melhor fazer o que se tinha vontade e correr o risco de parecer ridículo do que nunca tentar.

Pensei nas cartas de Virgínia e Abigail e no quanto elas estavam apaixonadas uma pela outra. No quanto elas sacrificaram para viver aquele amor proibido em pleno século XV. E aqui estava eu, Hanna Massoud, 21 anos, membro de uma família que me aceitava como eu era, com medo de dizer para a garota que eu gostava que eu… *bem*, que eu queria vê-la de novo. Que queria sair com ela de verdade e beijá-la até meus lábios ficarem dormentes.

Quando voltei para o meu quarto, então, antes de dormir, abri a minha conversa com Sabina, às moscas há uns dois dias. Meu coração estava a mil por hora, mas eu não queria pensar nas consequências. Queria apenas falar com ela. Queria que ela soubesse disso. Então digitei o que estava sentindo, apertei enviar e bloqueei a tela do celular. Deixei na mesinha de cabeceira e me virei para dormir, me sentindo uma mulher corajosa e independente.

 CAPÍTULO 24 

O sentimento de vitória, entretanto, durou apenas as horas em que estava dormindo, pois, quando acordei, Sabina ainda não tinha me respondido. Pior, ela sequer tinha visualizado a mensagem.

Hanna: To com saudade de vc
Hanna: Queria te ver de novo

Tinha sido algo bem simples, mas no momento em que percebi que ela não tinha respondido, comecei a duvidar se não tinha sido pegajosa demais e a feito se afastar. Talvez eu tivesse cruzado uma linha que não deveria, que Sabina não queria, e agora me sentia completamente burra.

Para o inferno com o discursinho de Amir sobre fazer o que você queria, custe o que custar, para ficar em paz. A agonia ainda estava em mim, agora acompanhada de um intenso ataque de *pânico*.

No que eu estava pensando?

Chequei meu celular sem parar durante todo o domingo. Conheci a amiga do Bahij, que veio almoçar conosco, e por alguns momentos consegui focar em algo que não fosse Sabina rindo da minha cara por ter criado sentimentos por ela. Até eu estava rindo da minha cara internamente, pois não havia nada mais ridículo do que isso.

Durante todo o trajeto de volta para Ventura, eu estava muda. Tentei dormir, tentei ouvir música, mas meu humor tinha ficado tão horrível que decidi nem falar com Amir para não sobrar para ele. Ele foi ouvindo seu podcast e eu minhas músicas, mas é claro que tive vontade de xingar quando começou a tocar uma da Taylor Swift. *Ivy*. Que nada mais era do que um hino lésbico.

E nada de Sabina me responder.

Chegamos em casa e fui direto tomar banho, depois me escondi no meu quarto. Já tinha contado aos meus amigos sobre as cartas e fiquei conversando com Lou sobre as que eu tinha tirado foto e mandado para eles

lerem. Porém era estranho e errado falar sobre isso sem Sabina, como se algo estivesse faltando.

Acabei aceitando ir tomar boba com ela no fim da tarde. Calebe estava incomunicável, pois tinha ido passar o fim de semana com nada menos que o filho do prefeito. E foi então que a casa realmente caiu para mim. Porque o centro de Ventura era um ovo. Todo mundo estava sempre nos mesmos lugares, você querendo ou não. Inclusive Sabina Montserrat, que não tinha tempo para me responder.

Senti meu sangue congelar quando a vi passar do outro lado da rua com uma amiga. Acho que Lou notou minha mudança e se virou para saber o que eu estava olhando. Respirei fundo e dei um golão no meu boba, mas tudo dentro de mim já tinha virado uma bagunça completa que eu não conseguiria disfarçar.

— Ok. Não me diga que tá acontecendo alguma coisa entre vocês? — ela perguntou, chocada. Quando não respondi de imediato, Lou ficou empolgadíssima. — *Valha-me, Santo Antônio!* Me conta tudo!

Tomei mais um pouco do meu boba, pois sabia que estava prestes a finalmente desabafar com minha melhor amiga.

— Nós nos beijamos — admiti. Lou tampou a boca para evitar um grito. — Mais de uma vez.

Ela me encarava como se eu fosse um alien.

— Como você não me contou *isso*? — quis saber, indignada. — Você tá pegando a Sabina Montserrat — falou. — Espera, *espera*… você e o seu irmão estão pegando os irmãos Montserrat!

Ela tapou a boca para evitar outro grito e eu me permiti rir. Mas de desgosto.

— Não "tô pegando" ninguém, porque a gente parou de se falar e também não nos vemos desde que entreguei as cartas pra Vilma. Pra piorar, mandei uma mensagem ontem e ela ainda não me respondeu. Claramente tá ocupada demais — ironizei.

Lou pensou um pouco, tomando seu boba também.

— Ela ainda pode responder — disse. Mas seu olhar de pena queria dizer outra coisa. E eu sabia muito bem o que era.

Sabina Montserrat era uma mulher sem coração. Ela tinha se divertido comigo e agora me descartou sem nem dizer um "tchau". Porque

ela se achava a maioral e não precisava dar satisfação para ninguém na cidade onde ela e a família dela reinavam…

Só que essa não era a Sabina que passei a conhecer.

Ela era gentil, generosa e leal pra caramba. Não deixava as pessoas sem mais nem menos, como se ninguém importasse mais do que seu próprio umbigo. Podia parecer assim para quem não a conhecia, só que eu… não fazia mais parte desse grupo. Ou ao menos achava que não.

Meu coração acelerou, mas estava doendo pela dor de cotovelo. Eu tinha arriado os quatro pneus por essa mulher sem nem me dar conta do quanto. E agora estava aqui inconsolável, sem conseguir saborear cem por cento a minha vitória acadêmica.

— Vamos esperar mais um pouco — Lou insistiu, mais confiante. — A gente não sabe o que tá acontecendo na cabeça dela.

Era exatamente esse o meu maior problema.

Mas quando nos despedimos e voltei para casa, estava me sentindo um pouco melhor. Pouco tempo depois, Calebe apareceu, mandando mensagem para nós, e me entreti ouvindo suas histórias sobre como tinha sido o fim de semana com Gabriel, o filho do prefeito.

Karim estava lá em casa quando voltei, observando meu irmão cozinhar e escolhendo uma música para tocar na Alexa que tinha dado de presente para o Amir (assim, do nada; coisa de gente rica). Eu me sentei com eles, fingindo que a presença de Karim não fazia meu coração arder por causa da ausência da irmã gêmea dele. Mas eu gostava dele demais para ignorá-lo por causa disso.

De modo que comi o espaguete à carbonara do Amir com eles dois e só me retirei quando estava na hora de dormir. Deitada na cama, chequei mais uma vez o celular para ver se tinha chegado mensagem.

Nada.

Nada de Sabina.

Suspirei frustrada, já aceitando que aquilo não me levaria a lugar algum. Talvez eu tivesse apenas que esquecê-la e minha vida voltaria a ser como era antes.



Quando cheguei na faculdade no dia seguinte, tive o lembrete de que minha vida *já* tinha mudado, ao menos no que se tratava da minha carreira acadêmica.

Vilma me chamou para conversar e disse que finalmente tinha terminado de ler todas as cartas e estava completamente estupefata, admirada e empolgada com tudo aquilo. Ela levaria as cartas ao comitê de documentação histórica e me disse que eu podia aguardar um grande frisson por causa disso.

— Nós vamos precisar avisar à imprensa e vai ter muito assédio em cima de você e das cartas, por isso eu queria conversar com você antes de qualquer coisa — avisou.

Confesso que estava meio incrédula enquanto ouvia tudo, mas sabia que estava pronta para isso. Era o que eu queria, que Virgínia tivesse o reconhecimento que lhe foi negado durante séculos unicamente por ela ser mulher — uma mulher *queer*.

Essa mulher *queer* precisava ocupar seu lugar de direito como a maior artista da história de Costa Malva e uma das maiores do mundo. A pessoa que mudou o rumo do Renascimento no nosso país.

Mas não era justo eu passar por tudo isso sozinha. Essa glória não era só minha.

— Preciso falar com a Sabina — esclareci. — Ela precisa fazer parte disso também, afinal, sem ela não teríamos achado nada.

Vilma estava mais do que de acordo.

— Com certeza. E envolvendo uma das herdeiras dos Montserrat vai trazer ainda mais visibilidade para o caso. Hanna, nós estamos prestes a mudar a história. Isso não é fantástico?

Era sim. Era tudo que eu sempre quis.

Saí da sala da minha orientadora sentindo o peso de tudo o que estava acontecendo. Uma injeção de determinação me atingiu e passei o resto das minhas aulas do dia me revezando entre prestar atenção e pensar no que queria fazer naquela tarde. O carro estava com Amir, então peguei o ônibus circular e fui até o castelo de Ventura. Era um tiro no escuro, mas precisava tentar.

Não tinha quase ninguém lá em uma segunda-feira qualquer e entrei sem fila. Fui direto para o pátio, focada na minha missão, e me sentei em um banco de pedra, esperando o momento certo. Olhei no relógio e ainda

estava um pouco cedo. Então coloquei meus fones de ouvido e fiquei ouvindo música. *Ivy*, da Taylor Swift. *Fever dream*, da mxmtoon. *Gasoline*, das irmãs HAIM com a Taylor Swift.

Mas foi quando o Tamino estava cantando os versos do refrão de *Habibi* que a vi.

 CAPÍTULO 25 

Entrando no pátio pelo lado oposto a mim, Sabina desceu as escadas e foi até a sua estátua de Cupido apontando a flecha para cima. Ela me notou quando chegou mais perto e paralisou. Ficamos nos encarando enquanto a melodia grave e melancólica ainda tocava nos meus ouvidos. Levantei do banco sem pensar muito e fui na direção dela, em frente à estátua que ela tanto amava no pôr-do-sol. Que seria daqui a pouco.

Tirei os fones e o silêncio reinou.

— Você não me respondeu — acusei, tentando não soar tão magoada, mas eu era uma pessoa rancorosa demais para isso.

— E você veio atrás de mim.

— Eu vim porque tenho coisas a te dizer sobre as cartas.

Ela pareceu ficar meio magoada também.

— Só por isso?

Eu não iria deixá-la brincar comigo. Meu orgulho era maior do que meu coração.

— Por que você não me respondeu?

Afinal de contas, eu tinha dito que estava com saudade dela. Eu me sentia uma boba completa, vulnerável na frente dessa dondoca do século XXI, que tinha me transformado naquilo pelo qual eu sempre julgava os outros: gado de uma Montserrat.

Ela respirava fundo, seus olhos eram como duas lagoas sem fim.

— Eu estava esperando saber o que dizer — confessou. — Queria me entender primeiro.

— Que palhaçada — reclamei, muito sincera. Sabina arqueou uma das suas sobrancelhas grossas. Eu estava com raiva dela. — Não custava pelo menos me responder.

— Hanna…

— Olha, se você não tá com saudade de mim também, eu…

— É claro que tô — ela me cortou, ficando com raiva assim como eu. — Se não estivesse, não estaria precisando pensar.

— *Pensar no quê?* — indaguei.

— No que sinto por você!

Fiquei muda. A intensidade entre nós duas era grande, sempre foi, para o bem ou para o mal. Eu queria apenas tomá-la nos braços e beijar cada parte do seu corpo. O pensamento me assustou e foi o que me fez entendê-la um pouco melhor. Talvez ela estivesse sentindo o mesmo. Talvez ela não quisesse nada disso.

— Sabina, eu…

Tentei me aproximar e ela suspirou. Me arrependi de ter falado. Mordi o lábio, incerta, e o olhar dela me desarmou de novo.

— O quê?

— Eu também não sei o que tô sentindo, mas sei que quero te ver de novo. Não por causa dos quadros, mas por você.

Ela se desarmou também e, quando percebi, nossas mãos estavam unidas. Eu já estava completamente envolvida na energia dela, me perguntando como outra pessoa podia ser tão viciante assim, intoxicante desse jeito que me fazia querer mergulhar dentro dela.

Meus lábios chamavam pelos de Sabina, meu corpo gritava pelo seu.

Ela me envolveu pela cintura e quase me desfiz em suas mãos. Toquei seu rosto, afastei o cabelo para poder vê-la melhor, e enganchei a mão na sua nuca.

— *Eu quero você*, Hanna — ela disse, com sua voz de mandona, bastante assertiva, me fazendo arrepiar inteira. — Nunca achei que fosse gostar tanto de você. Eu te achava insuportável, achava que só queria me usar, como todos os outros. Mas agora só consigo pensar em você o tempo todo.

Meu coração deu um salto tão grande, que achei que fosse explodir. Abri um sorriso derretido por aquela confissão fofinha e meu polegar fez carinho na bochecha dela.

— Eu também te achava insuportável — falei e a fiz rir. — E também quero você. Você não tem noção do quanto eu…

Antes que pudesse terminar a frase, Sabina me roubou um beijo. Amoleci nos seus braços e então a tomei para mim, derretendo em seus lábios, enquanto cada toque me fazia mergulhar nas sensações mais intensas, mais inebriantes, que pediam por cada vez mais e mais daquela

mulher. Cravei os dedos em seus cabelos compridos e os puxei de leve, a fazendo gemer na minha boca, o que provocou um incêndio dentro de mim, subindo pelas minhas pernas, tomando conta de tudo.

— Sabina — sussurrei entre os beijos, com meus olhos revirados, sem me importar com o fato de que estávamos no meio do museu onde tudo começou, onde Abigail um dia sonhou em beijar Virgínia bem assim, na luz do dia, só porque era isso o que ela queria fazer, porque era ela quem ocupava os seus sonhos mais delicados e também os mais sórdidos.

Desejo era algo tão indomável, como uma planta selvagem, como uma epifania que te atinge e que você não é capaz de resistir no momento em que percebe que pode solucioná-la. O desejo era o que movia o mundo, fosse pelo que fosse. Por uma ideia, por uma pessoa, por mudar o mundo como se conhecia. O desejo sempre andou lado a lado comigo, sendo o combustível das minhas mais loucas expedições, dos meus mais loucos devaneios sobre o que me tornaria, sobre o que eu deveria ser.

Foi graças ao desejo que parei ali, parceira no crime que nos levou até a verdadeira identidade da artista que mais influenciou a minha vida. Foi graças ao desejo que essa artista se tornou quem era também, explorando seus sentimentos através da arte e imortalizando o objeto da sua afeição em forma de quadros que carregariam seu legado por séculos a fio. Foi graças ao desejo que me deixei levar, que me desarmei completamente e estava nos braços de Sabina.

Eu não sabia o que aconteceria dali para frente, mas o detalhe mais genial e também mais aterrorizante sobre a vida é que tudo podia mudar. Às vezes, em questão de semanas, como foi o caso de Sabina e eu. Às vezes demorava uns quinhentos anos, como no caso das cartas e da identidade de Virgínia. Mas se a História da Arte e a academia me ensinaram alguma coisa válida, era que nós sempre vivíamos no limiar da mudança, prestes a nos tornar outra coisa que ainda não tínhamos descoberto.

Bastava apenas acreditar no que existia por aí. E, é claro, saber onde procurar. O próximo passo podia ser a chave que mudaria o mundo do jeito como conhecemos. Fosse para todos, ou apenas para nós mesmos. E qualquer uma das opções era igualmente revolucionária.



EPÍLOGO



Seis meses depois

Nunca imaginei que fosse acabar aparecendo na televisão um dia, mas foi exatamente isso o que aconteceu quando a imprensa ficou sabendo das cartas que eu e Sabina encontramos. Nós aparecemos na TV — aliás, várias vezes —, e o mundinho da História da Arte tinha virado de pernas para o ar agora que sabíamos que Vicenzo, artista que idolatramos, não era Emanuel e sim Virgínia. Assim como ela era também a amante de Abigail Montserrat.

Esse detalhe, inclusive, acabou ganhando bastante destaque na internet e na mídia. O Twitter não falou de outra coisa durante semanas e obviamente campanhas publicitárias já tinham sido feitas usando a memória de Virgínia e Abigail, que se tornaram o casal mais famoso do ano — mesmo estando mortas há cinco séculos.

Eu e Sabina demos entrevistas e ganhei tantos seguidores novos no Twitter que fiquei *chocada*. Comecei a usar minha plataforma para falar algumas curiosidades sobre a História da Arte que nunca pensei que ninguém fosse se interessar, não só sobre *Sombras em veludo* e a obra completa de Vicenzo, mas outras coisas como curiosidades sobre a rivalidade entre Michelangelo e Da Vinci e a representação do diabo em obras renascentistas. Mas é claro que meu fio mais famoso naquela rede acabou sendo sobre os quadros perdidos de Vicenzo, que permanecem até hoje um grande
mistério.

Até mesmo para mim.

Existem coisas que, talvez, não devam ser encontradas. E eu estava encontrando paz nisso.

Acabei me tornando também uma celebridade local em Ventura, coisa que não foi assim tão fácil de lidar, porém felizmente eu tinha uma especialista para me ajudar. Sabina e eu saímos no nosso primeiro encontro,

que acabou se multiplicando em vários outros, e embora a gente não tenha definido nossa relação ainda, estávamos sempre juntas. Éramos tão oficiais quanto Virgínia e Abigail — que, por sinal, se tornaram #BiGini nas redes, coisa que eu *não* apoiava, mas foi impossível de controlar.

Agora, Karim e Sabina iam jantar lá em casa toda quinta-feira, e nós nos revezávamos em quem cozinhava. Amir acabava tomando conta do fogão a maioria das vezes, porque ele gostava mais, porém descobrimos assim que Sabi era também uma cozinheira talentosa.

Naquela quinta, Lou e Calebe tinham ido jantar conosco, porque ele estava na fossa após ter terminado com o filho do prefeito e Karim sugeriu que eu o chamasse para comer seu *kebab* de *Seehk*. Foi o que fiz, e estendi o convite a Lou, é claro.

Por isso, minhas pessoas favoritas na cidade estavam reunidas lá em casa, em volta da mesa abarrotada de comida, porque o Karim não tinha nenhum senso de quantidade e fazia tanta comida que eu e Amir nos alimentávamos pelo resto da semana inteira.

— Nós vamos pegar a chave da casa nova na semana que vem — disse Sabi, após dar um gole na sua taça de vinho tinto.

Ela e Karim decidiram se mudar faz uns três meses.
Primeiro eles pensaram em ir para a casa no lago, mas ambos queriam ficar mais perto do centro no dia-a-dia. Acharam um apartamento muito fofo a cinco minutos de carro de nós, o que era ótimo. Eu estava feliz por eles, pois sabia o quanto odiavam morar em um museu — literalmente.

Sorri para ela, que estava parecendo uma criança de tão animada.

— E vão fazer uma social, né? — indagou Calebe. — Por favor, tem que ter.

— Com certeza vai ter — garantiu Karim, com sua pose relaxada e segura. — Já falei pra Sabi, dá má sorte se mudar pra um lugar que não teve festa de boas-vindas.

— Isso não faz o mínimo sentido. — Ela revirou os olhos. — Mas quero a festa.

— Óbvio que quer, se não quiser a gente te obriga a querer — falei. Ela mostrou a língua para mim, fazendo uma careta, e mandei um beijo na sua direção.

— Sabi nunca negaria uma festa — Amir ponderou.

— Sim, até porque precisa ter alguém pra controlar o Karim e não acabar fazendo a festa virar uma *rave* e nossa casa ser arruinada antes mesmo de a gente morar nela — ironizou. Karim abriu um sorriso inabalável. Eu amava aquele homem.

— Karim, esse *kebab* tá muito gostoso — Lou elogiou, enquanto comia pela terceira vez. A coitada andava sem dinheiro e sem tempo por causa do TCC, então aquela refeição estava caindo como uma luva.

— Receita de família.

— Receitas de família são as melhores — concordou Amir.

Karim então deu um beijo na bochecha do namorado e os dois se fitaram, mais apaixonados do que nunca.

— Com certeza.

Nós comemos e bebemos por mais algum tempo, mas não tardou para meus amigos irem embora. Os irmãos Montserrat ficaram, como sempre, e nós continuamos de casalzinho no sofá até dar vontade de ir dormir. Nunca imaginei que ficaria de casalzinho no sofá na companhia do meu irmão e do namorado dele, como se fosse um encontro duplo. Mas acho que isso acontece quando uma dupla de irmãos namora outra.

Amir e Karim foram os primeiros a irem dormir naquela noite, mas eu e Sabi ficamos mais um tempinho vendo televisão. Ela aproveitou o espaço de sobra e se esticou toda no sofá, com a cabeça apoiada na almofada no meu colo. Passei os dedos pelos cabelos dela, enquanto ela usava o celular, provavelmente no Instagram, onde era famosinha. Agora, entretanto, eu curtia todas as suas fotos e era eu, na maioria das vezes, quem as tirava. Eu gostava, em especial, das do look do dia. Amava o jeito como ela se vestia, de como era confiante em si e nas suas roupas — que eu descobri que eram, em sua maioria, de brechó.

Ela agora me levava junto nos tais brechós favoritos e nós tomávamos café gelado e *matcha latte*, com sacolas de compras biodegradáveis, óculos de sol vintage e boinas de couro na cabeça. Botas também, muitas botas. Era ela também quem tirava as minhas fotos, e me ajudava como uma diretora de fotografia, me fazendo sentir bonita como nunca me senti antes, graças ao seu olhar. Como uma verdadeira artista.

Dei um beijo na cabeça dela, que me segurou para que a beijasse na boca também. Seus lábios sempre tinham um resquício do gosto de morango do seu gloss favorito. Eu sabia tantos detalhes sobre Sabina

Montserrat que poderia escrever um livro todinho sobre ela. Fazia desenhos dela, tal qual Virgínia com Abigail, só não foram parar em nenhum museu.

— Publiquei uma foto do seu desenho, olha. — Ela me mostrou a tela do celular, onde centenas de pessoas já tinham curtido a foto recém-postada e havia também uma chuva de comentários.

Arqueei as sobrancelhas, pega de surpresa. Já devia ser uma coisa normal, mas ela nunca tinha publicado meus desenhos antes. Ela riu ao notar meu estado de choque. Se sentou ao meu lado e eu a fitei.

— É o seu favorito, né?

— Todos são os meus favoritos — ela disse. — Mas fiquei pensando que eles mereciam ser vistos por outra pessoa. Você me fez parecer uma mulher misteriosa e intrigante.

Soltei uma risada pelo nariz.

— Uma mulher irresistível — brinquei e dei um beijo nela. — Uma grande gostosa.

— Isso é você quem é. A maior gostosa de todas.

— O amor realmente é cego. — Ri. — Mas e os outros, você não vai publicar?

Sabina negou. Ela fez carinho na minha cabeça e deitou a dela no sofá, me encarando. Mordeu o lábio inferior, o que me deixou com vontade de beijá-la de novo, mas não fiz nada, só deixei que completasse o que tinha a dizer.

— Não. Os outros são só pros nossos olhos.

Eu sabia o que ela estava fazendo. Meu olhar brilhou e senti uma comichão no peito, porque aquelas eram as exatas palavras que Virgínia havia usado para descrever os quadros perdidos. Tinham sido feitos apenas para os olhos
dela e de Abigail e de mais ninguém.

Puxei Sabi para mais perto e nós nos beijamos de novo, de um jeito que me preenchia de conforto e prazer, de uma sensação extasiante ao me sentir em casa nos braços de outra pessoa, tocando esse outro corpo como se ele fosse uma extensão do meu, pois eu já o conhecia tão bem. Ela desceu os lábios até o meu pescoço e eu a abracei. Então nós nos fitamos nos olhos de novo, apaixonadas uma pela outra como nos contos de fadas.

A musa e a artista (ou quase).

— Espero que as pessoas apreciem o desenho que podem ter com moderação.

— Não, *habibi* — Sabina discordou, acariciando meu rosto com seu polegar. — Espero que apreciem sem qualquer restrição. A arte foi feita pra ser sentida, não é mesmo?

— Olha só quem é uma ótima aluna.

Ela soltou uma risadinha, meu som favorito no mundo.

— Aprendi tudo com a melhor.

Então ela me beijou mais uma vez, e aquele beijo, para mim, era a maior obra de arte que já foi feita em toda a história. Maior do que o Davi de Michelangelo. Maior do que *Sombras de Veludo* de Vicenzo. E era todinho meu, para sentir de olhos fechados e o coração aberto. Por todos os séculos que viessem.